

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA

**Performances musicais da afrodíaspóra:
Um estudo etnomusicológico entre as múltiplas vivências das
juventudes negras de Bagé**

ANTONIEL MARTINS LOPES

**Porto Alegre
2024**

ANTONIEL MARTINS LOPES

**Performances musicais da afrodíaspóra:
Um estudo etnomusicológico entre as múltiplas vivências das
juventudes negras de Bagé**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Música.

Área de concentração:
Etnomusicologia/Musicologia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Lucas

Porto Alegre

2024

ANTONIEL MARTINS LOPES

**Performances musicais da afrodíaspóra:
Um estudo etnomusicológico entre as múltiplas vivências das
juventudes negras de Bagé**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Música.

Área de concentração:

Etnomusicologia/Musicologia.

Porto Alegre, 30 de agosto de 2024

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Andrea dos Santos Soares (UNILAB-CE)

Prof. Dr. Pedro Mendonça (Colégio Pedro II *campus* Tijuca I - RJ)

Prof^a. Dr^a. Luciana Prass (UFRGS-RS)

Prof^a. Dr^a. Maria Elizabeth Lucas

Orientadora

CIP - Catalogação na Publicação

Lopes, Antoniel Martins
Performances musicais da afrodiaspora: Um estudo
etnomusicológico entre as múltiplas vivências das
juventudes negras de Bagé / Antoniel Martins Lopes. --
2024.
114 f.
Orientadora: Maria Elizabeth Lucas.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de
Pós-Graduação em Música, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Etnomusicologia. 2. Juventudes Negras. 3.
Performances da afrodiaspora negra. 4. Educação Sonora
Antirracista. I. Lucas, Maria Elizabeth, orient. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos caminhos da ancestralidade que me ajudaram a perceber melhor os processos de construção do que sou hoje.

Aos meus pais e meu irmão, pela perseverança e afetos em acreditar em mim nesses longos anos de estudo e trabalho nos diversos contextos, em especial aos sonoros e musicais que pude, tenho e poderei ter acesso.

A minha companheira Danieli, pela paciência nas diversas aprendizagens junto aos nossos filhos, Nathan, Aycha, e Otávio, nesse processo de construção de uma família lidando com muita força as adversidades da pandemia e problemas climáticos que nos atingiram de uma forma tão agressiva por diversas vezes.

A toda a família da minha companheira, que também tiveram muita paciência. Agradeço muito a vocês, às minhas famílias.

A Coordenação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), pelo financiamento a esta pesquisa.

À minha orientadora, Professora Beth Lucas, pela potência nas discussões das aulas, seminários e reuniões de pesquisa, escutas, e especialmente pela paciência na leitura super atenta e observações dos meus trabalhos, por me manter de cabeça erguida para vencer todos os obstáculos possíveis. Gratidão eterna!!!

Aos colegas do Grupo de Estudos Musicais — GEM/UFRGS do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — PPGMUS/UFRGS, por compartilhar reflexões etnomusicológicas nas aulas e seminários. Especialmente grato aos colegas Bruno e Gabriel por ajudarem em diversos momentos desse processo de estudos, reflexão e finalização da dissertação.

A todas e todos os professores do PPGMUS/UFRGS, em especial à Professora Marília e ao Professor Reginaldo, pelo empenho na formação em etnomusicologia nas leituras e debates.

Às Professoras Luciana Prass e Maria Andrea dos Santos Soares e ao Professor Pedro Mendonça, por aceitarem serem a banca do meu trabalho de pesquisa.

À Isolete do PPGMUS, pelos contatos e mensagens de incentivo em diversos momentos da produção deste trabalho

Ao amigo Bruno Añanã pelas acolhidas e resoluções técnicas para ingressar no processo seletivo de mestrado, em 2019.

Ao Sindicato dos Ferroviários do Rio Grande do Sul (SINDIFERGS) pelo apoio na hospedagem durante o processo seletivo do mestrado, em 2019.

À Juliana Brum, Negrita, Adilio, Pedro Acosta Rosa e família pelos acolhimentos em Porto Alegre nos diversos momentos dessa caminhada de trabalho e lutas.

Aas/os que me permitiram um contato com as experiências da afrodíaspóra na cidade de Bagé–RS, na pandemia em especial: O professor Lealdino a partir da capoeira, Adriana Gonçalves pelas redes de interação com o candombe e cinema na fronteira. Ao professor Jacinto pelas pelos convites, conversas e encaminhamentos diversos para uma educação antirracista entre várias as gerações de intelectualidades negras da região, juntamente com a professora Maria de Lourdes, do Grupo Cultural Anastácia Òminira, de São Leopoldo.

À Cáren Castêncio, Marlon Monteiro e Pedrinho Ximendes por seus protagonismos negros em Bagé–RS, durante a pandemia.

Ao NEABI Oliveira Silveira pelas ações e continuidades dos estudos para as relações étnico-raciais em Bagé–RS e região.

Ao grupo de danças urbanas do espaço Elis Rocha Centro de Arte e Dança e a diretora Elis Rocha, pela possibilidade de aprender com intensidade as dimensões da dança e cultura hip hop, de poder acionar um pouco da minha juventude presente em mim.

As potentes colaborações de Ana Carolina, Lucas, Luise, Lilian, Laka, Maicon, Roger, Kiiim, Ygor Zava, Natieli DahGhedes, que enriqueceram, deram sentido à minha pesquisa, e nos permitiu nos tornarmos amigos durante a pandemia. Seguimos em frente!!!

A direção da Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros, que permitiu essa amplitude de conversações, e pelas conexões com este clube negro de Bagé–RS, a partir das ida e vindas nesse espaço pelas experiências da dança, capoeira e

candombe em diálogo com as relações étnico-raciais e da religiosidade afro-brasileira presentes na cidade de Bagé—RS.

À militância negra, em especial aos grupos ENEGRECE e Etnomusicologia Negra, por estar constantemente acionando esse legado de intelectualidades negras presentes em Bagé—RS e região, em sintonia com as intelectualidades de todo o Brasil e nos colocando em prontidão na luta anti-racista.

Aas/os amigas/os Adalúcio e família, Ana Paula Ribeiro e família, Anderson Colombeli, Andresa Xavier e família, Antonio Aquere, Áubio Ferreira, Daniel Añaña, Daniel Bueno, Daniela Mattos (Uruguai), Carlos Dutra (Uruguai), Cheisa Goulart, Cláudia Corral, Cristine Abdalla, Edgar Muza e família, Emerson Sabedra, Felicíssimo Franco, Henrique Paz, Ivan Vargas e a galera do pagode bageense, João Alberto Clipes, Julian Pinho, Kainã Alves, Kika Simone, Laisa Borba, Magali Collares, Marcelo Pimenta, Marcos Aquere, Mauro Lemos e Família, Mestre Cica, Oli Caetano, Rafael Brignol, Rubens Andrade, Ridalvo Araújo, Ryan Saucedo e família, Tiago Silva e família, pelas conversas e redes de amizades que somam forças durante todos esses anos.

À equipe da APAE e à rede de colegas, professores e profissionais da musicoterapia, pelo acesso a aprendizagens, ao trabalho sonoro e musical de sensibilidade e solidariedade em prol das crianças e juventudes e todos e todas que precisam de ajuda.

Aos caminhos da etnomusicologia, intermediados pela professora Luana Santos, do Curso de Licenciatura em Música da UNIPAMPA — Bagé—RS, me permitiu estar acionando o meu trabalho como professor de música e em sintonia com os estudos do grupo ETNOSÔNICAS, que me acompanharão de diversas maneiras de sonorizar o mundo.

Agradeço imensamente a todas e todos pela compreensão, paciência e pelas vezes em que não soube como responder a tempo e à altura as diversas questões que me deparei no decorrer desses anos.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo compreender as práticas sonoro-musicais vivenciadas pelas juventudes negras de Bagé-RS, jovens nas faixas etárias entre 17 e 33 anos, que batalham a vida entre os estudos, o trabalho e as expressões de cultura. Neste contexto, observou-se nas narrativas de jovens negras/os pertencentes e/ou frequentadores de diferentes espaços de sociabilidade sonora e musical bageense as estratégias de sobrevivência nos territórios nos quais ocorrem estas interações. Bagé é reconhecida pelas suas instituições musicais e de dança em espaços consagrados, mas pouco reconhecida pelo número significativo de associações, grupos artísticos e musicistas ligados aos clubes sociais negros e às vivências associativas das afrodiásporas, presentes em diversos momentos da história local. Nessa lógica, há uma necessidade de que suas narrativas saiam dos silenciamentos para um protagonismo a caminho de uma educação sonora antirracista, entendida e mediada pelos estudos da etnomusicologia e pela educação das relações étnico-raciais (ERER). Neste sentido, a presente pesquisa, realizada durante o contexto da pandemia do COVID-19, orientou-se pelas possíveis abordagens etnográficas (presenciais e/ou virtuais) de aproximação com as/os colaboradoras/es das juventudes negras locais a fim de que fossem visibilizadas suas trajetórias, seus projetos e estratégias de comunicação de suas performances artísticas com a afrodiáspora negra presente no local. O percurso da pesquisa etnomusicológica buscou assim situar a produção das práticas sonoro-corpóreas-musicais e mapear a circulação cultural das novas gerações negras na cidade, revelando suas ações artísticas, interações em grupo e individuais, bem como suas resistências e inserções nas lutas da população negra em geral, que vêm dinamizando a afirmação de consciência de classe, gênero e, principalmente, de raça na região fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

Palavras-Chave: Etnomusicologia, Juventudes Negras, Performances da afrodiáspora negra, Educação Sonora Antirracista

ABSTRACT

This research aimed at understanding the sounding and musical practices lived by Bagé's "Black youths", by which we mean young people between 17 and 33 years old who struggle across life between studies, labor and cultural expressions. In this context, we have observed, throughout the narratives of young black men and women belonging to or participating in diverse sounding and musical sociability spaces in Bagé-RS, the strategies of survival employed in the territories in which these interactions occur. Bagé is recognized for its musical and dance institutions in conservatory spaces, but it is hardly recognized for the significant number of associations, artistic groups and musicians makers connected to the associative life experiences of the black afro diasporas, present at diverse moments in the local society. According to this logic, there is a need that Black youths narratives step out of imposed silences to a leading role in search of an antiracist sound education, understood and mediated by ethnomusicological studies and education through ethnic and racial relationships. In this sense, this research, carried out during the context of the COVID-19 pandemic, has been guided by the possible ethnographic approaches (face-to-face and/or virtual) of rapport with local Black youths' collaborators, in order to bring attention their trajectories, projects and their performances' communication strategies as related to the local presence of the Black afro diaspora. The ethnomusicological research path sought, therefore, to contextualize the sounding, bodily and musical practices by mapping the cultural circulation of new black generations in town, revealing their artistic actions, group and individual interactions as well as their resistances and participation in the Black population struggle in general, which has been dynamizing the affirmation of class, gender, and most of all, race consciousness in a border region of Rio Grande do Sul.

Keywords: Ethnomusicology, Black Youths, Performances of the Black Afro Diaspora, Antiracist Sound Education.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1	Bairros populares de circulação das juventudes negras presentes nas colaborações da pesquisa	13
Imagem 2	Situando Bagé-RS e região quilombola de Palmas, no estado do Rio Grande do Sul	19
Imagem 3	Estudos na Academia do Professor Antonio Aquere	35
Imagem 4	Sede da Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros	44
Imagem 5	Movimento ENEGRECE, juventude e parcerias de militância em evento da Semana da Consciência Negra, sediado na Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros em 2018 – Imagem de Lucas Rosa	46
Imagem 6	Luis Cesar Jacinto – Geração de professores negros e negras empenhados na contribuição para a pauta das relações étnico-raciais em Bagé-RS e região	49
Imagem 7	Experiências com a comunidade quilombola de Palmas	54
Imagem 8	Juventudes de Bagé-RS envolvidas com a capoeira	56
Imagem 9	A convite de Lealdino, minha contribuição na leitura de um cordel na transmissão de abertura da aula de capoeira. Foto Divulgação.	56
Imagem 10	Conexão da capoeira e candombe de Fronteira mediada pelo Festival de Tambores	57
Imagem 11	Professor Cláudio Lealdino — Idealizador do projeto de capoeira e tambores em Bagé-RS e região em tempos pandêmicos	57
Imagem 12	Rodas de conversa entre a comunidade bageense, intelectualidade negra local e do estado, presentes no I Encontro das APNs	59
Imagem 13	A dança em sintonia com a presença do toque de tambores no Clube Os Zíngaros — Conexões ancestrais.	59
Imagem 14	Os tambores e a religiosidade afro-brasileira no I Encontro de APNs	60
Imagem 15	Grupo de Dança Elis Rocha apresentando dança afro em homenagem à Alexandrina Penha da Conceição — Dona Santa	60
Imagem 16	Lilian integrando o time feminino do Grêmio Esportivo Bagé-RS,	63
Imagem 17	Lilian em uma das apresentações de danças urbanas em um festival	63
Imagem 18	Registro dos primeiros ensaios com o grupo de danças urbanas em 2021. Da direita para a esquerda: Luise, Lucas, professor Alisson (Laka), Giovana, Lílian e Eu.	64
Imagem 19	Primeiras interações com danças urbanas e com as/os colaboradoras/es na modalidade presencial. 26 de maio de 2021	64
Imagem 20	Lucas em uma de suas publicações de danças no Instagram. Sincronização de músicas e corporeidade apresentada em aplicativos	66

Imagem 21	Estética e afirmação afro presentes nas postagens de Luise	67
Imagem 22	Indicação de Zava para premiação do Legislativo de Bagé-RS, em 2021.	69
Imagem 23	Laka recebendo premiação no 18º Dança Bagé-RS, 2022	69
Imagem 24	Roger compartilhando relato de experiências de um jovem negro LGBTQIAPN+ no I Encontro Estadual do Grupo Cultural Anastácia Ôminira. Novembro de 2021	76
Imagem 25	Roger presente como um dos proponentes de ações didáticas do candombe em contexto escolar. Outubro de 2022. (Fotos: divulgação da escola)	77
Imagem 26	Apresentação de tambores do candombe em evento musical. Bagé-RS, novembro de 2021. (Imagens: Mr. Broa Burger)	77
Imagem 27	Participação do protesto em defesa das vacinas. Com Felicíssimo Franco, Adriana Gonçalves, Roger Gomes e Andresa Xavier	78
Imagem 28	Danças Urbanas no Clube Os Zíngaros — Sarau Afro em alusão a Semana da Consciência Negra de 2021 — Minha participação em conjunto com Giovana, Lilian e Luise.	80
Imagem 29	Kiim participando de roda de conversa das juventudes negras. I Encontro Estadual de Grupo Cultural Anastácio Ôminira — novembro de 2021.	87
Imagem 30	Lideranças Negras e Indígenas na roda de conversas do Encontro de Saberes durante o I ENAPON	98
Imagem 31	Roda de conversa no Associação Cultural do Campo da Tuca com Prof. Kwasi Ampene e lideranças locais — ENAPOM/Porto Alegre. Aproximações e continuidades dos debates em territórios de camada popular.	100
Imagem 32	Coreografias em cena no 18º Dança Bagé	102
Imagem 33	Coreografias em cena no 18º Dança Bagé	102
Imagem 34	Coreografias em cena no 18º Dança Bagé	103
Imagem 35	Grupo <i>Grillos Candomberos</i> na Câmara de Vereadores Bagé-RS	104

SUMÁRIO

Introdução.....	13
1. Entrada em campo.....	23
1.1 Trilhos, trilhas e encruzilhadas.....	23
1.2 Encontros sonoros com as juventudes.....	28
1.3 Mixagens a céu aberto.....	29
1.4 O desafio de realizar pesquisa etnográfica em tempos pandêmicos.....	36
2. Bagé: aprendizagens e desassossegos em uma cidade fronteiriça.....	40
2.1 Força do Movimento Negro e o Movimento Negro Educador.....	47
2.2 Aprendizagens étnico-raciais e o quilombismo na Fronteira.....	52
2.3 A luta reflexiva a partir de imagens etnográficas durante o campo.....	58
3. Juventudes negras em ação: performances a partir das imagens sonoras e musicais.....	61
3.1 Espaços de articulação e organização da juventude negra de Bagé–RS.....	72
3.2 Eventos e narrativas sonoras em tempos pandêmicos.....	82
3.3 O encontro das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no registro de eventos das juventudes negras.....	88
4. A importância da etnomusicologia para as relações étnico-raciais.....	93
4.1 A etnomusicologia negra no meu percurso de estudos das relações étnico-raciais.....	95
4.2 Sonoridades em campo: aprendizagens para as relações étnico-raciais.....	100
4.3 Risos, gritos, sons e corporeidades da afrodiáspora negra como educação sonora antirracista.....	105
Considerações finais.....	108
Referências.....	110

Introdução

A presente pesquisa visa jogar luz nas práticas sonoro-musicais de jovens negras/os, que batalham a vida entre os estudos, o trabalho e as expressões de cultura na invisibilidade de Bagé—RS, uma cidade fronteiriça do extremo sul brasileiro. Neste contexto, observou-se nas narrativas de jovens negras/os pertencentes e/ou frequentadores de diferentes espaços de sociabilidade sonora e musical bageense as estratégias de sobrevivência nos territórios nos quais ocorrem estas interações. Foram identificados 10 jovens na faixa-etária de 17 aos 33 anos a partir de gêneros e estéticas musicais de sua escolha e acolhidos na pesquisa pelos significados político-identitários de suas trajetórias sociais. Estas/es jovens são moradoras/es em bairros populares da cidade, sendo alguns estudantes em fase de conclusão do ensino médio e/ou recém ingressantes no ensino superior. Entre os desafios da pesquisa, destacam-se as dificuldades em fixar um fluxo contínuo entre o mundo do estudo e o mundo do trabalho vinculado diretamente aos segmentos artísticos, nos quais estes jovens participam por diferentes vias e modalidades disponíveis no nível local.

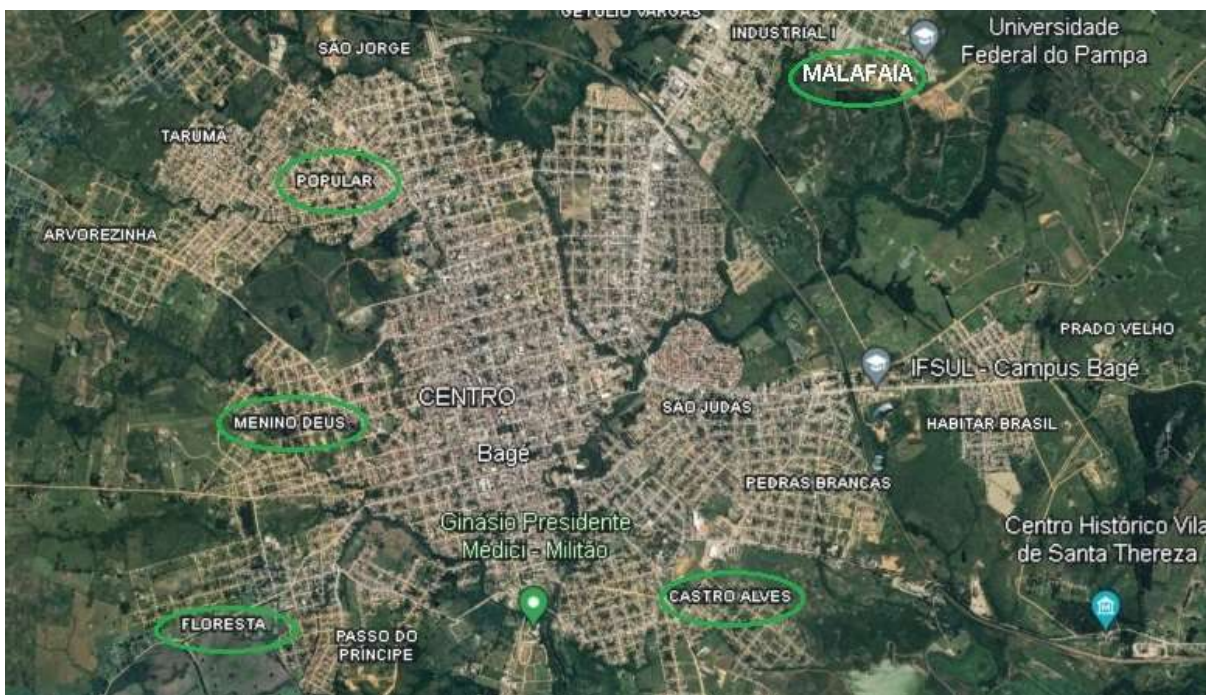


Imagem 1: Bairros populares de circulação das juventudes negras presentes nas colaborações da pesquisa

Relacionando a dimensão espacial da vida destas/es jovens, suas residências e/ou circulações estão próximos de praças e conjuntos habitacionais populares como a COHAB, e a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul — UERGS, ambas no bairro São Jorge, também próximo do bairro Popular. Ainda no segmento de instituições de ensino públicas¹ presentes na cidade, encontra-se a Universidade Federal do Pampa — UNIPAMPA, no bairro Malafaia. A Pista de Skate e o estádio e espaço de eventos do Grêmio Esportivo Bagé situam-se no bairro Menino Deus. Nestes bairros, incluindo Castro Alves e Floresta, as juventudes negras acessam ou estão próximas de casas de religião afro-brasileiras. Com estas coordenadas apresentadas, discute-se aqui o quanto Bagé-RS, é reconhecida pelas suas instituições musicais e de dança em conservatórios locais, mas pouco reconhecida pelo número significativo de associações, grupos artísticos e musicistas ligados às vivências associativas e das afrodiásporas negras², através da presença de clubes sociais negros na região. Nessa lógica, há uma necessidade de que suas narrativas saiam dos silenciamentos para um protagonismo a caminho de uma educação sonora antirracista, entendida e mediada pelos estudos da etnomusicologia e da educação pelas relações étnico-raciais. Neste sentido, a presente pesquisa, realizada durante o contexto da pandemia do COVID-19, orientou-se pelas possíveis abordagens etnográficas (presenciais e/ou virtuais) de aproximação com integrantes das juventudes negras locais, a fim de que fossem visibilizadas suas trajetórias, seus projetos e estratégias de comunicação de suas performances artísticas com a afrodiáspora negra historicamente presente no extremo sul brasileiro..

O percurso da pesquisa etnomusicológica buscou assim situar a produção das práticas sonoro-corpóreas-musicais e mapear a circulação cultural das novas gerações negras, revelando suas ações artísticas, interações em grupo e individuais, bem como suas resistências e inserções nas lutas da população negra em geral, que vêm dinamizando a afirmação de consciência de classe, gênero e principalmente de raça na região da fronteira do Rio Grande do Sul.

¹ Vale destacar que Bagé possui um Instituto Federal Sul-rio-grandense — IFSul próximo do perímetro dos bairros Pedra Branca e Habitar Brasil, ambos de camada popular.

² No decorrer do trabalho, a referência direcionada à afrodiáspora negra corresponde ao movimento das bases reflexivas e críticas trazidas pelos estudos decoloniais dos sociólogos Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramon Grosfoguel (2018), cuja discussão desempenha uma proposta político-acadêmica necessária para nos aproximarmos e entendermos as realidades afro-brasileiras.

Em 2020, a parada do fluxo “natural” das coisas, causado pela pandemia, me levou a achar inicialmente que não havia um rumo. Porém, o ato de interrupção momentânea correspondeu a um movimento de diálogo com jovens até então desconhecidos do meu círculo de contatos, advindos das sugestões enviadas pelo contato com a direção da Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros. Posterior a esse efeito, olhei para o que vinha chegando de assuntos e conversas e comecei a entender uma linha diferente de comunicação com a música, que naquele momento estava diretamente ligado a danças urbanas. Logo, essas colaborações sobre dança mostraram um deslocamento de som muito distinto do que eu vinha acompanhando intensamente, antes de toda a situação da pandemia. Esse centro de movimentação era mobilizado com ou pelas juventudes negras. Os diálogos que pude estabelecer com eles a partir de 2020, durante o momento crítico da pandemia, foram fundamentais para conhecer como as suas trajetórias de vida os acompanhavam em uma busca de estratégias para manter suas diversas atividades em movimento, reunindo arte, educação e consciência aos desafios da vida. Cabe aqui ressaltar que, no período de 2020 e 2022, alguns desses jovens já haviam concluído o ensino médio e alguns estavam em processo de conclusão desses estudos. No entanto, essas distinções os aproximavam nas interações de experiências, as quais destaquei a partir das conversações por aplicativos e diários de campo.

Essa percepção centralizada nesse tema foi tomando e reverberando sons, pensamentos e um jeito diferente de estar em Bagé–RS, uma cidade que ainda é muito estranha para mim. Entretanto, esses estranhamentos foram importantes de serem sentidos, pois, a cada encontro com as colaborações, pude entender que essa inconformidade com o lugar se manifestava de diferentes maneiras. Além disso, a percepção sobre o que acontecia em Bagé–RS, no contexto de pandemia, em relação às discussões raciais e da produção de saberes da juventude, das gerações que promoveram as experiências de negritude e de marcas da afrodíspora negra presentes na região, me auxiliaram a lidar com esses estranhamentos como um recurso de entender, através das várias trocas de conversa que consegui desenvolver, a questão que aparentemente poucos dão atenção em parar, olhar, escutar para pensar e agir sobre o que sentem.

Partindo do que estava previsto no projeto de pesquisa de admissão ao mestrado em etnomusicologia, focado nos fluxos musicais da Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros, pensei, como linhas de continuidade para o novo projeto focado

nas juventudes negras de Bagé-RS, uma ponte de continuidade com meus contatos anteriores. Com esse desdobramento pude ter contato com alguns jovens estudantes do ensino médio que estavam ligados com as práticas de danças relacionadas com o que eu vinha procurando destacar sobre o movimento sonoro e musical afrodiáspórico negro na região de fronteira. A outra direção de acessos a colaborações foi pelas transmissões de lives pelas redes sociais durante a pandemia, a partir de 2020, quando algumas representações negras, pertencentes ao movimento musical, trouxeram falas públicas. Essas duas linhas ajudaram a firmar minha jornada no trabalho de pesquisa de mestrado, me conectando gradativamente aos novos percursos e vozes negras presentes na cidade de Bagé-RS. Para lembrar disto, as chamadas sonoras indicaram como as juventudes de Bagé-RS, vêm comunicando seus conhecimentos publicamente em diversas frentes, valendo-se dos recursos que estavam disponíveis na pandemia, sobretudo quando a condição dos jovens em contato com seus estudos e trabalho seguiam protocolos de distanciamento pela via das transmissões remotas, síncronas (em tempo real), ou assíncronas (quando os materiais didáticos eram gravados e salvos em servidores ou em *nuvem*).

Essa produção das juventudes negras locais destaca as diferentes maneiras de entender percursos históricos, seus protagonismos e as suas perspectivas de vida, trabalho e circulação local pelos bairros populares e centro da cidade. Entretanto, meu percurso de campo foi atravessado pelo distanciamento social em decorrência da pandemia e por ocorrer em 2020 período em que estive fisicamente afastado de Bagé-RS, para manter os estudos o mais próximo do Programa de Pós-Graduação em Música em Porto Alegre, pois naquela época achávamos que ainda teríamos a possibilidade de prosseguir os estudos presenciais. No período em que estive afastado de Bagé-RS, estudando na modalidade emergencial remota, pude ter algumas impressões dos contextos em que eu estava tentando interagir e as maneiras de abrir canais de contato com as/os colaboradoras/es. No período em que estive acionando redes em Porto Alegre, passei por fases de adaptação de espaço:

A adaptação ao ambiente era gradual tanto para as tarefas integralmente no pequeno quarto de apartamento quanto ajustar os contatos com familiares e as linhas de contato para futuras/os colaboradoras/es. Foi difícil dormir sem ter que utilizar fones de ouvido, pois as pessoas ficavam além da 1h da manhã na Rua da República. Conversando com os demais moradores do apartamento fiquei sabendo que realmente tudo parecia estar funcionando normalmente na cidade, o que me deixava assustado, pois alguns destes vizinhos trabalhavam em repartições públicas, e por isso, estavam se expondo aos riscos da COVID-19 diariamente. Como isso poderia não se tornar um perigo à saúde coletiva? Pelas mensagens de e-mail recebia chamados para

participar dos protestos contra o reitor da UFRGS, por estar alinhando às pautas conservadoras e retrocessos do governo Bolsonaro. Embora a manifestação tivesse relevância, eu não conseguia pensar na possibilidade de estar diretamente em contato com o público num contexto sem muitas garantias para qualquer pessoa que estivesse na rua.
Diário de campo, 17 de setembro de 2020. Porto Alegre – Cidade Baixa.

Essas manifestações traziam uma perspectiva de que as coisas se movimentavam em meio a riscos e frágeis garantias da realidade desfavorável que atingiam o Brasil nessa época. Mas perceber o núcleo das juventudes estudantis preocupadas com a universidade ajudava a manter a esperança, ainda que por uma linha muito fina. E foi nesse contexto em Porto Alegre que fui fazendo as tentativas de contatos em Bagé–RS, para buscar uma organização de onde inserir e testar as abordagens de conversas com pessoas com as quais eu nunca havia conversado antes. Se uma condição de trabalho de campo normal já nos coloca desafios sobre as implicações éticas e de abordagens com nossos colaboradoras/es e nos coloca em alerta, imagine-se naquela condição de distanciamento indeterminado no qual as decisões de como chegar nos pontos principais do tema de pesquisa, com as primeiras linhas de objetivos previstas no projeto, causavam estranhamentos no que se referia às aproximações, por eu estar tão distante de Bagé–RS. E aqui pensava muito a respeito de como elaborar uma abordagem apropriada à distância, que não implicasse numa abordagem violenta e que pudesse atingir negativamente os saberes e protagonismos compartilhados pelas/os colaboradoras/es (CARNEIRO, 2005, p. 60). Sendo assim, me certifiquei de sempre ter as autorizações concedidas dos/das colaboradoras/es sobre as etapas de gravação e compartilhamento de seus relatos de trajetória e informações complementares como publicação de imagens. As potências e as limitações entre os fluxos no espaço físico e virtual foram sendo colocadas à prova o tempo todo.

Foi nestes testes que fui colocando a minha comunicação com Bagé–RS, via WhatsApp e tentando elaborar as conexões que vinham sendo combinadas nas reuniões remotas do Grupo de Estudos Musicais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — GEM//UFRGS³ e nas orientações de pesquisa quanto à busca de pistas e contatos que alcançassem a trilha das juventudes negras de Bagé–RS. Nas sugestões trazidas pela professora Vanessa Marques, membro da diretoria do Clube Os Zíngaros, pude ter um guia que desdobrou uma série de eventos etnográficos,

³ Coletivo fundado pela minha orientadora e dedicado desde os anos 1990 à formação e profissionalização na área de Etnomusicologia/Antropologia Musical na UFRGS.

como os que estão nos próximos capítulos. Sendo assim, tratarei de apontar, nos devidos momentos, a participação deste clube nos processos de organização das juventudes negras.

As conversas remotas começaram com quatro jovens, trazendo diferentes percursos de experiências familiares, nas artes e no contexto escolar. Conforme nossas conversas começaram a se desdobrar, ainda em 2020, fui prestando atenção nos pontos que eram ampliados a partir das perguntas que eu trazia inicialmente voltadas às suas trajetórias musicais, vivências na escola e outras redes de conexão sonora-musical.

No que se trata de entender o local, Bagé–RS, é uma cidade da região do Pampa Gaúcho, situada na faixa de fronteira com o Uruguai, em território de predominância da pecuária na região entre as cidades de Pelotas, Dom Pedrito, Lavras do Sul, Candiota e Aceguá.

Desde sua fundação em 1811, Bagé–RS, tem sua história marcada por rastros de discussões raciais no sentido de que os trânsitos escravagistas foram conflituosos no decorrer da estruturação da cidade, em que se percebe principalmente a marca elitista da dominação fundiária. Conseqüentemente, a construção desse lugar no interior do Rio Grande do Sul se dá pelo entrelaçamento de realidades através do racismo, por vezes de forma velada ou tratada como inexistente. Vale destacar que o debate se torna pertinente ao destacarmos as reminiscências quilombolas no território de Bagé–RS, a partir da região de Palmas, espaço de embates com o setor agropecuário da região.

A centralidade da narrativa das diferentes invisibilidades presentes em Bagé–RS, se coloca, para esta pesquisa, principalmente em razão de meu percurso de jovem estudante negro neste espaço e meu interesse de diálogo com as juventudes negras locais.

Penso ser necessário lembrar e demarcar a presença negra neste lugar, com base nos dados do Censo de 2010 (IBGE, 2012), que nos indicam que a população negra estava na faixa de 11.000 habitantes, ou seja, 9% da população geral do município de Bagé–RS, que na época tinha um total de 116.794 habitantes.

Estes dados se conectam a processos históricos importantes, considerando-se aí o associativismo longo dos clubes sociais negros ainda ativos na cidade, que colocam em evidência o protagonismo destes espaços de sociabilidade nas lutas e pautas de resistência da população negra compreendida por várias gerações.

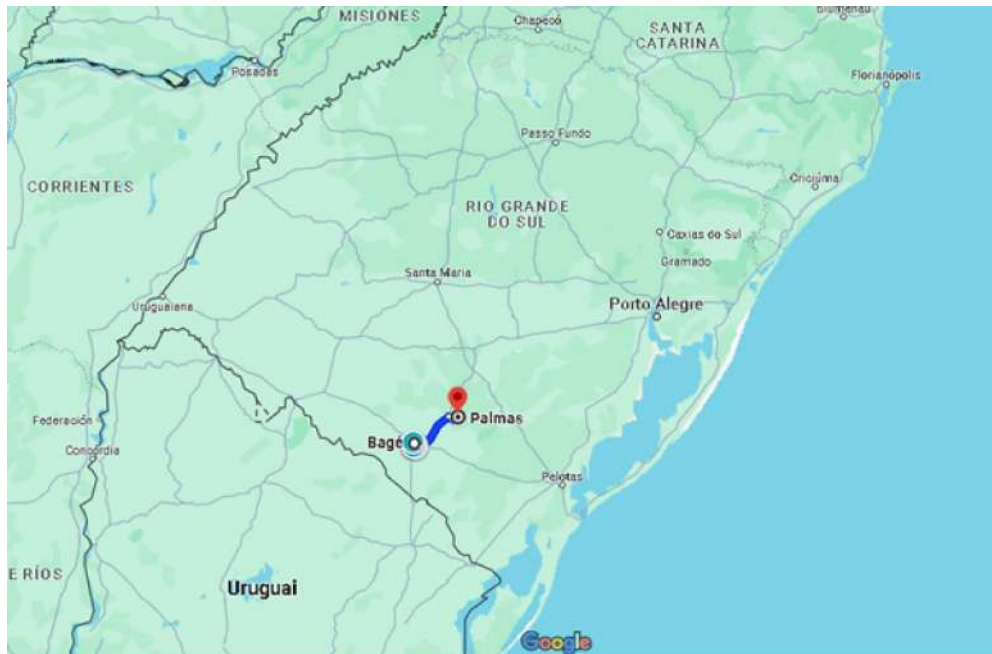


Imagem 2: Situando Bagé-RS, e região quilombola de Palmas, no estado do Rio Grande do Sul

A presença de pessoas declaradamente negras em Bagé-RS, se coaduna com a inserção, nesta dissertação, de reflexões de pensadoras/res e ativistas negros e negras que mantiveram suas ações e lutas em constante movimento na cidade no decorrer dos anos, a exemplo do professor e ativista negro Cesar Jacinto⁴, e representam um importante elo para seguirmos as trajetórias e os projetos das juventudes negras.

Conforme mencionei no início do meu trabalho, minhas entradas em campo, através da abordagem etnomusicológica, tiveram as contribuições da Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros, único clube negro existente em atividade na cidade de Bagé-RS, desde 1948.

A construção metodológica tem como base a etnografia, contando com o recurso de percepção do campo por meio de conversa e registros em diários de cada pesquisa encontra bases nos diálogos de SEEGER (2008), prestando atenção nos

⁴ Além da sua inserção como professor da educação básica de Bagé-RS, seus trabalhos abrangem os temas de história, educação e relações étnico-raciais. Uma parte destes percursos de ações e produções podem ser conferidos em: https://www.youtube.com/watch?v=K4j1j_58XnQ&pp=ygUSQ2VzYXlgSmFjaW50byBiYWdl, https://www.youtube.com/watch?v=hsKgeKEW_3E&pp=ygUSQ2VzYXlgSmFjaW50byBiYWdl e <https://www.youtube.com/watch?v=TXjCsj-nfF4&pp=ygUSQ2VzYXlgSmFjaW50byBiYWdl>. Acesso em: 17 set. 2024.

diferentes modos de construção e percepção do trabalho de campo, a partir de uma concepção entendida pelos eventos musicais no qual a etnografia teve contato para além da simples transcrição dos sons e sim numa profunda análise dos eventos musicais de interação das pessoas no tempo-espaço (LUCAS 2013).

Enquanto meu trabalho se situa nos espaços locais com predominância de práticas musicais urbanas, aciono as reflexões de COHEN (1993) cuja produção se orienta pela profundidade dos trabalhos de campo colaborativos em contextos de música popular, para entender, através da etnografia, a realidade social de maneira mais densa se comparado às leituras de fontes secundárias ou aos entendimentos limitados do campo que os meios de “teorização de gabinete” podem trazer.

Já a proposta de ÖGÜT (2020), em construir práticas etnomusicológicas híbridas utilizando ferramentas da internet e prática online contribuiu para delinear uma pesquisa em tempos pandêmicos. Tal realidade de trabalho contava com movimentos restritos ora presenciais, ora virtuais, cruzando assim esses processos performativos destacados por MILLER (2012) e WONG (2008) e interligando com os estudos de socialização, a partir da cibercultura destacadas por ESCOBAR (2016) em diálogo com TURKLE (1984), no que se trata de emergir as subjetividades das pessoas desafiando a perspectiva do simples contato humano/ máquina (“tecnologia do Self”). Com este último autor, junta-se a percepção sociocultural das tecnologias discutidas por LUPTON (2020) na utilização de aplicativos e plataformas online (Ex: Facebook, Instagram, Skype, Tik Tok, WhatsApp, YouTube e Zoom) em sintonia com os estudos de observação de eventos e narrativas proposto por POLIVANOV (2013), organizando uma lógica etnográfica através das TICs.

No primeiro capítulo da dissertação busco evidenciar algumas conexões do tema escolhido para este trabalho e minha trajetória pessoal de homem negro, relacionando os percursos sonoros e musicais diretamente associados às minhas memórias de familiares em vivências sonoras, musicais, imagéticas, assim como minhas vivências e encontros locais, onde destaco cotidianos urbanos e rurais, através das ferrovias, dos cruzamentos em diversas situações e lugares, em que minha narrativa vai sendo impulsionada, estimulada pelas experiências musicais.

Nesses deslocamentos ocorrem transformações que me levam dos estudos no ensino médio para o mundo Universitário, em simultaneidade com o mundo do trabalho, onde essas conexões da arte, música e reflexões estiveram constantemente acionadas de diversas formas em diversas fases até chegar nas minhas experiências

musicais guiadas por uma sensibilidade vinda da etnomusicologia. No decorrer dos processos de entender-se como negro, numa perspectiva discutida pela psicanalista negra Neusa de Santos Souza (1983), vou reconhecendo essas diferentes maneiras de autoentendimento a partir da militância negra. As discussões sobre a negritude trazidas por essa percepção conduzem ao senso de consciências e necessidades de um engajamento em diferentes ações, onde o caminho em tornar-se músico, professor de música e um indivíduo atento às questões étnico-raciais, sociais e culturais está interagindo e dialogando em trabalhos com as juventudes negras de Bagé–RS.

No segundo capítulo, encaminho a conexão da minha trajetória a partir das vivências em Bagé–RS, aonde estranhamentos vão surgindo no decorrer do meu crescimento, das experiências escolares até chegar no contexto universitário. Isso se torna latente com as aproximações e transformações que tive via estudos da etnomusicologia, das relações étnico-raciais, e da educação, fazendo essa ponte multidisciplinar de impulso das minhas reflexões e ações que contribuam com a potência da negritude de Bagé–RS. Isso provoca também a discussão para se observar atentamente o movimento da negritude em cidades do interior do Rio Grande do Sul, pela produção de saberes e resistências afrodiaspóricas negras onde os pontos de intersecção da rede regional de militância e ações educacionais antirracistas conectam com a capital do estado, a partir de eventos e redes de interação híbridas (remotas ou presenciais).

No terceiro capítulo faço um encaminhamento das conexões das entradas em campo em 2021, já restabelecendo essa relação direta com a cidade. O trânsito em 2020 em Porto Alegre–RS, para estar em Bagé–RS, no ano seguinte, possibilitou colocar em ação a pesquisa, em sintonia amplificada com o caminho de conversas com os jovens negros e negras que vinham se comunicando comigo. Sendo assim, aumentando essa ramificação de conversas, dos diferentes espaços e experiências em eventos tanto remotos quanto presenciais, em que pude acompanhá-los, aprendendo pelas experiências locais das afrodiasporas negras através da dança urbana, do movimento hip hop. As redes sociais possibilitaram um encontro com juventudes negras inseridas no pagode, RAP e religiosidades, relacionando suas trajetórias de vida com essas experiências de atuação, formas de lazer ou trabalho.

No quarto capítulo, aciono a dimensão etnomusicológica para o debate e busca de caminhos possíveis de trabalho com as relações étnico-raciais, para uma educação sonora antirracista que fortaleça os protagonismos negros. Faço uma conexão do

empenho nesses estudos, fundamentando, além das referências teóricas, as trajetórias e continuidades de práticas voltadas a essas perspectivas, com propostas de projetos que possam gerar engajamento efetivo. Esta discussão visa valorizar os saberes já produzidos na área de etnomusicologia e educação por intelectuais negros e negras e fazendo uma conexão do histórico de produções com abordagens multidisciplinares e decoloniais.

1. Entrada em Campo

1.1 Trilhos, trilhas e encruzilhadas

*Você me pediu
Pra contar a minha história
Mas nunca teve tempo pra escutar
Mas hoje chegou o dia
E tudo que está preso na memória
Eu quero libertar Deixar voar
Desabafar [..]”*

Salve-se Quem Souber

(“Salve-se quem souber”, Gelson Oliveira, 1992)

*(...) Eu sou carnaval
Eu sou o charme e o Soul
Sou o samba e o rock'n'roll
Sou o som da festa, eu sou verão
Eu já sei cantar
Vou aprender a voar
Vou on-line digital
Etc e tal
Remember my name*

(“Soul do Verão”, Sandra de Sá, 1996)

Minha entrada em campo está sintonizada com as minhas aproximações ao círculo de pessoas dirigentes da Sociedade Recreativa Cultural Os Zíngaros - Clube Social Negro de Bagé–RS, quando me posiciono como jovem negro universitário pautado pela agenda da militância negra, através do Grupo ENEGRECE. Nesse coletivo, nossos esforços estavam orientados por uma continuidade das lutas negras na região, na busca contínua pela valorização e protagonismo negro em Bagé–RS.

As rodas de conversa orientadas pela organização autocentrada e pelo recorte racial que o ENEGRECE trouxe provocaram discussões, reflexões e denúncias contra o racismo, homofobia, xenofobia e misoginia, em manifestação pública pelas ruas e em ações em eventos chamados de Semana da Consciência Negra nos meses de novembro de 2017 até 2019.

Foi através de minha contribuição nesse espaço de associativismo negro que pensei o design anterior do meu projeto de mestrado que iria tratar dos trânsitos musicais no clube na metade do sec. XX. Posteriormente optei por uma transformação investigativa orientada a pensar as práticas musicais entre as juventudes negras de

Bagé–RS. As pessoas envolvidas na gestão do clube foram importantes para construir pistas iniciais de uma entrada em campo em 2020, ano de surpresas e incertezas assinaladas pela crise sanitária marcada pela COVID-19 ao redor do mundo. Estas pistas começaram a estar presentes no segundo semestre do mesmo ano, enquanto morava em Porto Alegre–RS, quando pude ter os primeiros contatos, via Whatsapp, com seis pessoas, sendo quatro envolvidas com trabalhos de dança e duas com o rap. A partir de 2021, estando de volta a Bagé, tive a oportunidade de entender os desdobramentos das conversas com algumas destas pessoas, tornando-se minhas/meus colaboradores, e possibilitando frequentar aulas de dança com elas/eles.

Estes contatos foram fundamentais para que o trabalho de campo pudesse expandir e fazer minha aproximação entre jovens na faixa de 17 anos até 33 anos. As redes comunitárias de encontro e conexão com as juventudes negras locais foram, além da diretora do Clube, o Prof. Jacinto, o Professor Lealdino da Capoeira, Alisson Farias (Laka) e Maria de Lourdes — do Grupo Cultural Anastácia Ôminira — bageense residente em São Leopoldo. Além disso, tive a oportunidade de entender os processos iniciais do hip hop⁵ em Bagé–RS, no final da década de 1990 por intermédio de Pedro Ximenes, (DJ Pedrinho), Anderson Vaz Porciuncula (Anderson Coka), ambos parceiros dos primeiros circuitos do rap da cidade. Enquanto Pedrinho mantém um trabalho com rap e desdobramentos no contexto do carnaval, Anderson, continua suas aproximações com as gerações mais jovens por registros de fotografia e vídeo. A rede de pessoas vem da comunidade negra, com idades entre 29 até os 65 anos.

Devido à impossibilidade de um fluxo normal de atividades presenciais em função das limitações dos espaços que estavam sendo observados no período da pandemia da COVID-19, fez-se necessário realizar o trabalho de campo etnomusicológico de forma híbrida, entre o virtual e o presencial. Assim, a pesquisa foi desenvolvida por meio de interações ora mediadas por tecnologias da informação e comunicação e sites de redes sociais, ora em encontros presenciais proporcionados por práticas de dança e capoeira, cerimônias religiosas, eventos culturais mobilizados por debates acerca das relações étnico-raciais, bem como em apresentações baseadas na cultura Hip Hop e no pagode.

⁵ Há um registro em vídeo desse processo de manifestações do hip hop no final da década dos anos de 1990 em Bagé–RS, onde ambos artistas estavam presentes. O audiovisual está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q5dqDEAoEUU> Acesso em: 11 ago. 2024.

Já nos percursos de encontros presenciais no perímetro urbano, fiz deslocamentos utilizando bicicleta, a pé. Em dias em que as condições climáticas não eram favoráveis e com certa distância, chamei carros de aplicativo para facilitar a chegada nos locais. Na região quilombola, pertencente a cidade de Bagé, fui de carona de carro com os meus colaboradores da pesquisa.

Todo percurso de 2020 a 2022 foi bastante severo no que se tratava de organizar uma agenda concisa, que permitisse fluir estudos e reflexões da etnomusicologia, propor ações de campo com tranquilidade e dar continuidade adequada ao que eu vinha colocando em prática durante a licenciatura em música⁶, colocando-a, assim, no centro de discussão da minha jornada etnomusicológica. Na época em questão, a licenciatura percorria passos introdutórios, já o mestrado era a prova de que as imersões apresentadas pela professora Dr.^a Luana Santos, na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, enriqueciam o sentido de aprofundar os estudos e lançavam reverberações necessárias para uma nova etapa de pesquisa acadêmica.

Estando já matriculado no mestrado em 2020, comecei a ter a experiência de manter o vínculo de estudos em caráter emergencial remoto, em decorrência da Covid-19, que ameaçava a saúde das pessoas em escala global. Nesse período de espera do retorno às aulas, no Grupo de Estudos Musicais (GEM/UFRGS), coordenado pela Prof.^a Maria Elizabeth Lucas, traçamos um percurso de imersão em leituras diversas (científicas e literárias) até que a retomada das aulas presenciais pudesse ser confirmada novamente pela Universidade. Para além de uma questão de saúde de impacto global, as consequências da COVID-19 nos obrigaram a entender mudanças de pensamento da vida cotidiana e profissional até a chegada das vacinas, tendo em vista diferentes situações epidêmicas no decorrer da história, que precisam ser lembradas como referências basilares para o entendimento das estratégias de entradas em campo, limites e dilemas da pesquisa em situações de risco sanitário.

Nessa linha temática, em diálogo com a etnomusicologia, pudemos nos situar por meio da leitura da coletânea organizada por BARZ e COHEN (2008), que reúne

⁶ Minha segunda formação acadêmica, concluída em 2021, fiz alguns apontamentos pertinentes sobre o centro de diálogos da minha trajetória acadêmica na graduação em música alinhadas com as relações étnico-raciais. Simultaneamente traz também breves informações sobre minha construção enquanto homem negro que se torna professor de música e que carrega uma história musical que podem ser acessados no meu trabalho de conclusão de curso disponíveis em <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/5692/1/TCC%20Antoni%20Lopes%202021.pdf> Acesso em: 31 jul. 2023.

reflexões transversalizadas por experiências musicais em países africanos atingidos pela epidemia do HIV/Aids. Os trabalhos ali compilados mostraram como práticas musicais podem orientar caminhos das políticas públicas ou agenciar processos de recuperação/reabilitação em locais de extrema precariedade, atestando, principalmente, como o recorte étnico-racial é indissociável dessas problemáticas. No âmbito da reflexividade sobre o trabalho de campo etnomusicológico, reiteram, sobretudo, as responsabilidades éticas do pesquisador em contextos fragilizados pelas marcas colonialistas de exploração, apropriações e conflitos culturais.

Das orientações no GEM/UFRGS (Seminário “Etnomusicologia e encontros virtuais em tempos de pandemia da COVID 19”, oferecido por minha orientadora no semestre 2020/1), dos estudos formativos no mestrado em etnomusicologia, bem como das leituras complementares e exercícios de aprofundamento de técnicas de pesquisa adequadas à realidade pandêmica, emergia um misto de expectativa e ansiedade enquanto os sinais para entrada em campo iam sendo adiados.

Eu não acreditava que aquilo estava acontecendo. Queria viver o fluxo da cidade de Porto Alegre, ampliar minhas escutas, percorrer por diferentes dinâmicas de viver e estar morando na capital, entender outras escalas do contexto urbano daquele lugar. Isso tudo tinha uma oscilação interessante de renovação de sentidos, dentre os quais o medo era inevitável, mas válido para compor uma nova forma de estar no mundo. Mal sabíamos que as dificuldades iriam ser amplificadas silenciosamente nos próximos semestres, como foi se confirmando com o avanço gradual da pandemia de COVID 19.

Cidinha da Silva (2022), em “Tecnologias ancestrais de produção de infinitos”, nos ajuda a pensar a narrativa da privação da rua em tempos de pandemia ao nos contar, em forma de crônicas, sua percepção atenta da dificuldade dos corpos negros em encontrar acolhimento. Tal observação é uma longa jornada que vem sendo discutida sobre a ausência de horizontalidade com pessoas em situação de vulnerabilidade social, as quais, enfaticamente atingidas com a eclosão da calamidade sanitária pública, vêm sendo sistematicamente visadas como alvo de opressões diversas desde muito antes da situação pandêmica.

Foi nesse período de distanciamento forçado que passamos a refletir no GEM/UFRGS sobre os problemas epidêmicos na sociedade a partir da leitura de *A Peste*, de Albert Camus (2019) e de *Os Condenados da Terra* de Frantz Fanon (2022). Ambas as leituras proporcionaram no nosso grupo oportunidades de reflexão e

discussão sobre o mundo contemporâneo e as atitudes da humanidade frente a eventos de enorme impacto social no século XX, como, caso a caso, a Gripe Espanhola (1918-19) e a Guerra de Independência Argélia (1954–62). Demonstravam com nitidez as conexões entre sintomas, traumas e problemáticas sociais, para além das ciências da saúde, as ciências sociais e humanas atualmente, e nos contextos pelos quais cada autor havia transitado, despontando, aí, um local em destaque: Argélia em tempos de colonialismo.

Foi nesse entorno do norte do continente africano que os nossos diálogos virtuais no grupo de pesquisa foram orientados para escutas musicais aliadas a discutir racialidade, cultura, políticas colonialistas e linhas de conflito constantes naquela região. Nesse momento de 2020 foi quando nosso empenho com as escutas e percepções musicais encontra as sonoridades do Rai⁷, do músico franco-argelino Cheb Khaled e me prepara para outras escutas. Foi com a descoberta do grupo de RAP argelino *Le Micro Brise Le Silence* que tive uma aproximação com a jornada mixada com os elementos familiares da cultura hip hop estadunidense produzida na década 90, emaranhada com experiências cifradas nas letras de protesto escritas em árabe e francês. Somava-se aqui o momento em que eu assumiria os primeiros passos de construção de um projeto voltado a entender as dinâmicas das juventudes negras da cidade de Bagé–RS, Hip Hop, sonoridades distintas e desconhecidas, instigando minhas afinidades com a grande afrodiáspora. Tudo isso começava a fazer sentido, sem, no entanto, deixar de causar/provocar/ebulir muitas outras inquietações internas.

Sempre tive dificuldades para entender minha construção enquanto jovem negro. Isto nunca foi tranquilo, me sentia deslocado nos tempos de estudante, principalmente nos anos secundaristas quando estudei em uma escola particular na qual eu era o único jovem negro na turma em que eu estava matriculado. Posteriormente a tudo isso, ao tornar-me professor de música em escolas públicas de Bagé–RS, consegui exercitar modos de acionar os conhecimentos da universidade em prol das juventudes. Muitas vezes achei que estava distante de ser considerado um jovem. Contudo, distâncias podem ser encurtadas de alguma forma...

⁷O Rai, canção popular conhecida na Argélia advinda de ambientes rurais daquela região, no século XX, tinha como agenciamento transmitir sem censuras ou tabus a realidade social. Dentre os temas centrais das músicas estão o amor, liberdade, desespero e pressões sociais. Uma breve contextualização sobre estas canções podem ser observadas em <https://ich.unesco.org/en/RL/rai-popular-folk-song-of-algeria-01894> acesso em 20 de agosto de 2023.

1.2 Encontros sonoros com as juventudes

E as juventudes, quais são? Questões como estas me foram colocadas para aprofundamento no decorrer da minha pesquisa de mestrado uma vez que elas já estavam orbitando em minha volta quando estava nas etapas de formação da licenciatura em música, na UNIPAMPA. Estudos direcionados ao tema no Brasil como os desenvolvidos por DAYRELL e JESUS (2016), por exemplo, ajudaram a endereçar de maneira crítica entendimentos da categoria “juventude” baseados exclusivamente em características circunscritas a uma faixa-etária. Pensando no contexto das juventudes e música popular na América Latina, encontramos as conversações de VILA (2014), tratando dos argumentos das identidades das juventudes nessa escala, fazendo os contrapontos necessários para superação da homogeneidade atribuída às atitudes dos jovens sujeitos aos ataques e estigmatização mercadológica e colonialista conduzida por países do norte global.

Neste ponto há diferentes maneiras de encarar o assunto quando me coloco numa posição em que me reconheço como jovem negro e situo as simultaneidades de ações sendo atribuídas aos/para jovens. A complexidade disso também vem quando estou circulando em contextos onde as juventudes fazem leituras sobre mim e eu faço sobre elas. Algumas vezes esses cruzamentos não parecem muito convergentes, semelhantes aos desencontros de comunicação existentes entre algum tipo de interesse de grupo, por exemplo. E é nesse caminho que vou tentando encontrar um consenso sobre o que me tornei, aprendi e o que pude acompanhar gradativamente, de proximidades com as juventudes e, em especial, com as juventudes negras em Bagé-RS.

As juventudes buscam, de alguma forma, serem respeitadas mesmo elaborando ideias que ainda não foram bem assimiladas. Como mediar esses percursos se eu também tenho questões sobre como me dinamizo enquanto jovem adulto negro? Sendo assim, tentarei trazer neste trabalho uma parte de elementos que podem ao menos situar o movimento das/os colaboradoras/es bageenses e suas experiências de sociabilidade e de práticas musicais, mas antes permitam que nos próximos parágrafos eu me apresente um pouco.

1.3 Mixagens a céu aberto

Embora os caminhos dos dois trechos musicais citados na abertura deste capítulo possam parecer antagônicos entre si, eles acionam alguns dos meus *plays* sonoros voltados a entender, através das minhas memórias, as aprendizagens, atravessamentos e apropriação de ideias, tanto as mais solidificadas, quanto aquelas em processo de construção. Algumas foram aparentemente dissipadas do meu convívio e vinham do pertencimento à minha forma de guiar minha existência no mundo, principalmente no que se refere ao que está no encontro de experiências e identidades sonoras presentes no meu círculo familiar.

Retomo assim as trilhas ancestrais familiares pelas quais minha avó paterna, Noêmia Marques Lopes, teve contato com a música através do acordeom, da mesma forma como aconteceu com seus irmãos Aristeu, Salvador e, no violão, com Theodorico Marques. Apesar de não ter conhecido todos pessoalmente, cada uma destas pessoas estavam presentes na vida do meu pai, Antônio Carlos, que quando ainda tinha seu acordeom em funcionamento fazia os seus “barulhos”, os quais pude escutar quando tinha 4 ou 5 anos. Sim, era assim que meu pai anunciava sua vontade de tocar acordeom. Talvez eu tenha absorvido esse “fazer barulho” de outras formas de pensamento sonoro.

Essa busca por marcas ancestrais vem desde pequeno, porém, hoje, com a busca de sentido pela consciência da interseccionalidade, ampliei meu entendimento da importância da ancestralidade para entender o presente e compor um futuro onde haverá uma pessoa construindo e continuando a abertura de caminhos para as próximas gerações. Nas provocações do livro *Torto Arado* de Itamar Vieira Júnior (2019), pude retomar e valorizar as marcas dessas ancestralidades presentes em mim e que em muitas etapas da vida foram muito difíceis de serem narradas por escrito, mas colocá-las em cena ajuda a aprender-se com elas

Essa ligação com a música sempre foi muito mais evocada por parte do meu pai e seus parentes que mantiveram estas raízes musicais vivas. Contudo, é importante destacar as referências maternas conectadas com os bailes de música e dança regionalista gaúcha, muito lembrados pela minha avó Maria Mercedes, tendo inclusive seus irmãos Sadi, que em outras épocas teve sua aproximação com o pandeiro, e Serdeclei (in memoriam), cujas vontades artísticas se mostravam em improvisações de rimas juntamente com sua gaita de boca.

Tanto a família do meu pai quanto da minha mãe, Vera Lúcia, sempre estiveram próximos do contexto rural, mais precisamente das localidades Torquato Severo (Vila ferroviária de São Sebastião), distrito de Dom Pedrito e Três Estradas, distrito de Lavras do Sul.

Embora eu tenha meu registro de nascimento firmado na cidade de Bagé—RS, em 1985, minha infância, especificamente meus primeiros cinco anos de vida, foram predominantemente construídos nesses dois lugares, seguidos posteriormente por Candiota, em 1990. Nessa história, o que esses três lugares somam em relações sociais e sonoras que valham justificar o que me tornei hoje? Sem dúvida, respondo que foi o mundo das ferrovias, dos trens, vagões, a presença da pampa e um trânsito sonoro bastante guiado pelo mundo radiofônico de ondas de Amplitude Modulada (AM), dos toca-discos de vinil e fitas cassete originais e/ou personalizadas pelas gravações caseiras, tecnologias disponíveis nas décadas de 1980 e 1990.

O contexto rural contrastado pelas manobras desenhadas da ferrovia cortando a vegetação repleta de árvores e arbustos campestres, juntamente com os sons emitidos por cães, cavalos, pássaros, vacas e a interação das pessoas com esse meio podem sugerir uma realidade aparentemente sem muitas novidades e calcada em mera admiração despreocupada. Contudo, este contexto foi sempre marcado por dificuldades em que meus pais, principalmente minha mãe, necessitava estar atenta com minha curiosidade em estar perto ou nos arredores da linha ferroviária, cerca de 10 metros do pátio da nossa antiga casa. Esse dilema entre estar do lado oposto aos trilhos não impediu que eu interagisse com todas aquelas dezenas ou até centenas de sonoridades mecânicas e quase diárias, nas quais meu pai, que era ferroviário naquela época, estava sempre envolvido.

Conforme estava crescendo naquele lugar, fui criando maneiras de sintonização com tudo aquilo que passava na nossa antiga casa, tentando simular através da voz algo semelhante ao que os sons dos vagões emitem, quando suas rodas entravam em atrito com os trilhos, da mesma forma que tais emulações vocais tentavam dar conta de imitar o forte som gerado pelo motor das locomotivas. Estas foram algumas das coisas que estiveram muito presentes por volta dos meus 4 anos, e entre brincadeiras e improvisos fui transportando essas coisas para minhas escutas de rádio, toca-discos e tv.

Os cinco anos seguintes, já situados na década de 90, foram repletos de novidades, tanto pelo recente nascimento do meu irmão, Andriel, em 1989, quanto pela

nossa mudança de Torquato Severo para outra zona ferroviária chamada Vila Engenheiro Guimarães, região próxima da Vila Operária de Candiota. A preocupação que meus pais tinham em relação aos trilhos era menor em relação a nossa antiga casa, e isso por conta da posição mais distanciada dos trilhos da nossa nova residência. Vale lembrar que, tanto em Torquato Severo, quanto em Engenheiro Guimarães, as casas eram todas construídas em madeira, erguidas em vários pilares de concreto fixados no chão. Esse tipo de espaço era muito explorado por mim e as crianças residentes na vila faziam muito barulho embaixo das brechas presentes nesse tipo de construção, o que levava nossos pais a tomarem certas precauções para manter as estruturas intactas. Quando não pairava a preocupação com os trilhos, havia a tensão recorrente da possível fragilidade dessas casas em dias de chuvas fortes, temporais ou mesmo quando ocorriam emergências severas nos trilhos. Esse tipo de condição urgente obrigava meu pai, e os demais ferroviários da vila, a se ausentar repentinamente de suas famílias para resolver, o mais rápido possível, as partes danificadas por descarrilamento de vagões ou mesmo problemas causados por variações climáticas mais violentas.

Entre tensões e descobertas, chegaram nesta mesma época os primeiros passos nos estudos das séries iniciais do ensino fundamental, aos seis anos. Aprender conteúdos em conjunto com outras crianças, incluindo ter que reaprender a escrever como destro - pois eu tinha toda a predisposição para escrita como canhoto -, assim como ter acesso a outras grades de programação da TV, e um apreço pela minha primeira bicicleta, a *Bmx Superstar* amarela, traziam elementos variáveis para mais escutas e construção de sonoridades, bem como imaginar constantemente estas sonoridades. Hoje em dia posso dizer que estes foram alguns dos meus primeiros acordos sonoros.

Das memórias que tenho desta época, posso dizer que os temas sonoros desse período foram bastante absorvidos e projetados na minha mente, e que gradativamente eu trazia para o meu cotidiano. Trilhas sonoras (*soundtracks*) e som de fundo (*Background Music* ou simplesmente BGM) de seriados e de desenhos animados, principalmente os que eram produzidos pelos Estados Unidos, Japão e México, estavam muito presentes no início dos anos 90. Pela rádio AM, a atenção dada à programação da época abrangia desde as duplas sertanejas, grupos regionalistas gaúchos, pagode e axé, além do espaço de notícias comentadas pelos locutores, e um formato de mensageiro de avisos, que auxiliava pessoas residentes

em localidades distantes a saber dos mais diversos tipos de recados importantes, agendamentos, participação de nascimentos, e óbitos.

Era um momento do dia em que familiares paravam suas tarefas para ouvir as notícias, que poderiam ser para nós ou nossos vizinhos. Hoje em dia, o e-mail ou mesmo as redes sociais assumiram estas funções e tornaram o fluxo de informação mais rápido, mas ainda existe uma demanda de pessoas que utilizam deste recurso, principalmente onde os sinais de TV e internet são precários ou inexistentes. Tudo isso contém sonoridades diversas, como entradas e encerramentos musicais, vozes sintetizadas, efeitos de eco e reverberação, que eu prestava muita atenção para tentar repetir com a voz ou percutir sons improvisados em objetos disponíveis em casa, ou no pátio. Ainda nesse período, nossa família teve acesso ao sinal de TV via satélite, por intermédio das antenas parabólicas. Esse recurso ampliou as opções de conteúdo variado para o público infanto-juvenil, percorrendo até os anos 2000, período em que eu já estava residindo em Bagé-RS, quando meu pai aposentou-se em 1995, ano marcado por privatizações no Brasil - incluindo a Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA). Nossos vínculos com o meio rural não foram desvinculados por força das mudanças drásticas de residência, porque meus avós continuaram com suas casas em Três Estradas, Lavras do Sul.

As experiências da vida do campo, agricultura familiar em simultaneidade, ou em contato continuado com as necessidades urbanas, seguem vivas no nosso círculo familiar até hoje. Uma das inserções construídas nesse período de trânsitos do século XX para o XXI foram as transformações tecnológicas. Gradualmente tive acesso aos jogos eletrônicos e cursos de informática básica, ambos com formas de interação ainda locais, ou, por assim dizer, *offline*, tendo em vista a pouca viabilidade de serviços de internet e consumo de dispositivos eletrônicos compatíveis com esses recursos.

As expansões dos programas de videoclipes me permitiram conhecer diversos grupos de rock, pop, eletrônico e rap, nacionais e internacionais. Centralizando e alinhando as escutas dessa época com a minha pesquisa, destaco três grupos presentes nas minhas preferências pela música eletrônica e a aproximação com as rimas pensadas e sincronizadas com *beats* construídos: Pavilhão 9, Thaíde, Marcelo D2. Posso dizer que os primeiros sinais de familiaridade com as mensagens de reflexão e críticas sociais reverberaram em mim por intermédio desses artistas. Nessa época eu não sabia conduzir por completo essas potências sonoras posicionadas,

vamos assim dizer: muito embora eu optasse por um jeito mais discreto de levar a vida, algumas coisas pareciam ser sacudidas, mas isso entendi posteriormente.

Para mim, o acesso a conteúdos relacionados a isso ainda eram restritos no início dos 2000. Ocorriam, então, os dilemas das vagas de estudo no ensino público, que eram na época difíceis de serem garantidas no trânsito de conclusão do ensino fundamental, sem ter certeza se passaria por média na 8ª série para poder prosseguir o caminho escolar. Nesse período, veio a alternativa de continuidade dos estudos mediante matrícula em uma escola particular de Bagé-RS, onde alguns primos também já estavam, o que auxiliava na manutenção da rede familiar. Era tudo drasticamente diferente: estrutura, circulação de pessoas, etc. A solução veio por meio do ensino técnico em informática, que era oferecido em turno inverso aos estudantes do ensino médio. Era uma carga financeira pesada para os meus pais, mas eles acreditavam muito nas minhas capacidades de compreensão e viam naquele momento como um projeto de futuro profissional dedicado ao mundo tecnológico. Naquela época esse era meu interesse, sem mesmo saber bem como proceder nos anos posteriores. Com isto teria logo acesso a um computador pessoal instalado na nossa residência, quanto justificaria um pouco da minha vontade insistente em estar o máximo de tempo em sintonia com essa área de conhecimento.

Nessa turma de ensino médio, eu era o único jovem negro. Levei anos para observar esse ponto de diferenciação de convívio com pessoas não-negras, que obtiveram mais privilégios e mais acesso a diferentes tipos de capitais simbólicos e sociais. Foi nesse período que minhas escutas musicais foram diretamente deslocadas para o norte global. As músicas regionais brasileiras, e até mesmo o percurso latino-americano, que até então eu ouvira bastante na década de 90, perderam espaço para grupos musicais de rock e heavy metal da Europa, Estados Unidos e Canadá.

Hoje em dia penso que isso poderia ser uma forte evidência da força da branquitude inserida no meio escolar, e por naquele momento, não existir outras referências negras, de pessoas ou conceitos, explicitamente posicionadas naquele lugar, que chegassem até mim com fluidez. Nesse sentido das escutas, o ensino médio foi de um aprendizado conflituoso para mim, pois eu não conseguia acompanhar algumas lógicas de convivência externa à minha família, em simultaneidade com a minha busca por uma identidade de grupo que pudesse me

acolher plenamente. Foi então que, nesse contexto, encontrei colegas que gostavam de tecnologia e séries animadas, o que diminuía as distâncias invisíveis.

Entre essas pessoas, encontrei um colega que com o tempo veio a se tornar um dos meus melhores amigos até hoje, que me mostrou essas sonoridades do rock ao mesmo tempo, em que ele aprendia a tocar baixo elétrico. A partir disso eu me empenhei a aprender a tocar baixo elétrico por um violão presenteado pelos meus pais. Na época, eu achava mais fácil tirar de ouvido as linhas dos graves do que manter o foco na preparação de acordes, levando meu interesse musical mais para a melodia do que a harmonia.

E o ritmo? Nesse momento da minha juventude, nunca passou pela minha mente que as estruturas rítmicas que o baixo conduzia estariam conectadas às construções percussivas presentes nos sons produzidos pelas baterias. A dança e a música eram de meu interesse, porém de forma muito tímida. Como aconteceu com a dança advinda da década 90, foram suprimidas, ou, quem sabe, redirecionadas, por outro tipo de movimento corporal, conhecido como *headbanging* ou *bangear*, cujo propósito de escuta e catarse conduzia a pessoa a movimentar rapidamente a cabeça enquanto ouvia ou tocava energeticamente as passagens musicais repletas de efeitos de distorção.

Essas escolhas não eram apenas de uma estética diferente, havia um ponto de ruptura com algumas coisas que eu escutava na década de 90, mas trazia o senso de atitude e protesto advindas das escutas do hip hop, mas agora estavam preenchidas com o fazer musical. E isso pude canalizar bem ouvindo algumas destas bandas, principalmente vindas de Birmingham, Inglaterra e Bay Area de São Francisco – Califórnia, formadas nas décadas de 60 e 80, respectivamente.

As críticas, apesar de soarem por um espectro muito amplo e generalizado, permitiu a mim perceber o mundo por uma lógica mais séria ainda que muitas vezes isso recaísse num profundo pensamento de pessimismo pouco esperançoso. Os materiais físicos dessa época eram as revistas, VHS, K7 e cds. Já que a internet era algo que só era possível conectar nos limites dos laboratórios de informática do curso técnico em que eu estudava.

Essa postura aparentemente rígida e com pouca abertura para outras escutas musicais foi se transformando quando comecei a ter aulas de contrabaixo na Aquere Academia de Música de Bagé-RS. Lá, o repertório apresentado pelo professor da academia trazia as bases do blues, funk, jazz, soul, além do rock progressivo e do

fusion, cujas abordagens musicais incorporam componentes sonoros característicos do ocidente e oriente juntamente com as bases do rock.



Imagem 3: Estudos na Academia do Professor Antonio Aquere

Essas marcas sonoras auxiliaram a retomar lentamente as escutas da música latino-americana, porém ainda levaria algum tempo para que eu associasse essas construções musicais a uma sensibilidade para entender os motivos que levam alguns artistas a produzir música por uma preocupação social.

Tais reconexões emergem intensamente quando cruzo o percurso de estudante de jornalismo e da especialização em psicologia social, onde temas de políticas públicas, movimentos sociais e as demandas por discutir temas raciais, gênero e classe se tornam presentes nas leituras, debates e nos círculos de amizade que pude encontrar em Bagé–RS, ou entre as pessoas interessados nestes assuntos.

Chega então a minha aproximação com a UNIPAMPA, onde a diversidade de conteúdos musicais voltados tanto para licenciatura, quanto às proposições de práticas musicais, se atravessam com uma área que sequer era comentada entre o meu círculo de contatos imediatos, a Etnomusicologia. Deste diálogo com o componente curricular intitulado na época *Tópicos Especiais em Musicologia*, ministrada pela Professora Luana Santos, pude colocar desafios para mim já nos primeiros semestres do curso aceitando as responsabilidades dos estudos em tempo integral (dois turnos dedicados à licenciatura).

Junto a esse fluxo, tive a oportunidade de uma rotina intensificada pela inserção na Iniciação Científica via projetos coordenados pela professora Luana e gradualmente participando ao máximo das oportunidades que uma universidade pública e federal

recentemente instalada em Bagé–RS poderia oferecer. O desafio não foi fácil de ser compreendido rapidamente, mas ajudou a perceber, por exemplo, a necessidade de eu me posicionar e estar atento às camadas assimétricas sociais aparentemente invisíveis, presentes no plano sonoro musical.

1.4 O desafio de realizar pesquisa etnográfica em tempos pandêmicos

A chegada ao mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul teve uma intensa carga de simultaneidades, pois conquistei o acesso à pós-graduação enquanto eu concluía o curso de licenciatura em Música na Universidade Federal do Pampa, minha segunda formação⁸. Essa jornada de múltiplas responsabilidades acadêmicas exigiu que eu ponderasse muitas vezes, no decorrer de 2020 a 2021, a continuidade da graduação em relação a futuras saídas profissionais no campo da música. Fossem elas acadêmicas ou não, a conquista do diploma seria uma via de abertura de oportunidades, mesmo em um período de crises e descaso do governo do país: retrógrado, desrespeitoso com a saúde, educação, artes e áreas afins preocupadas com o combate ao preconceito, ao sufocamento da democracia e da diversidade.

Nesta conjuntura, o ano de 2020 significava uma mudança de cidade para realizar minha formação do mestrado em Música/Etnomusicologia em Porto Alegre. Essa mudança tinha tudo para progredir, caso não houvesse os primeiros alertas de um perigo invisível conduzido pelo problema da COVID 19, que no decorrer daquele período tornou-se uma realidade cheia de incertezas e restrições, porque na ocasião não tínhamos sequer uma posição concreta em prol de uma imunização rápida e em escala mundial.

A condição de estar construindo ideias, uma nova estrutura de vida, tanto acadêmica quanto familiar, em constantes mudanças mais acentuadas e com pouco tempo para fazer rearranjos adaptativos adequados, somaram-se com tamanha força que a comparar à rebeldia das marés do Atlântico talvez não seria um exagero.

Saber como mensurar rapidamente todas as causas ou efeitos imprecisos e encontrar soluções ou pistas para entender tantas mudanças meses antes de começar os estudos do mestrado, ainda em 2019, exigiu a inclusão de rotinas de preparação

⁸ A seleção para o mestrado em Música veio através da minha validação pelo diploma de e Bacharel em Comunicação Social concluído em 2012 pela Universidade da Região da Campanha.

para o que viria nos próximos anos de pós-graduação *stricto sensu* na UFRGS. Uma delas buscou com urgência aprimorar e avançar os conhecimentos de língua inglesa, tendo em vista que o curso sinalizava um percurso bibliográfico fortemente marcado por referências internacionais da etnomusicologia.

Então chegou 2020 e, meses depois, a pandemia: um estopim desencadeando situações improváveis de serem entendidas a curto prazo, uma vez que eu e bilhões de pessoas sentimos na pele as dificuldades de organização do básico de maneira condizente, sejam pessoais, profissionais, de caráter coletivo e/ou individual. Embora a população mundial que esteve em contato com a condição pandêmica seja uma confirmação de que ninguém ficou livre de diversos impasses, cada qual presenciou, em sua realidade e contexto, nuances distintas. Por isso acho muito insensível isentar-me de expor minhas angústias, por mais que muitas coisas sejam dolorosas.

Não haver motivo para justificar as fragilidades reais advindas de um momento tão delicado e tenso da humanidade seria o mesmo que homogeneizar todos os níveis de mal-estar em simultâneo ocorrido entre 2020 e 2022 em um ponto e fingir que tudo alcançaria uma solução contemplando a todos. Também não se tratava apenas de uma luta diária, era questão de minutos, horas, variação disso tudo em segundos, programados a conduzir nossa comunicação, propostas e formas de trabalho em um regime de incerteza, medo e incompreensão dentro das nossas próprias residências.

Foi a etapa da minha vida em que mais me senti confuso para entender quando as redes comunitárias realmente poderiam ser acionadas, ou mesmo saber se estavam intactas, em função dos afastamentos e de dependerem de recursos tecnológicos e de internet por vezes restritos e, quando disponíveis, utilizados até o seu limite de funcionamento. Somavam-se a isso o pouco tempo de respiro entre múltiplas demandas, bem como os adiamentos de diferentes tipos de luto e do computar as razões e os motivos que provocaram nossas perdas.

Embora já tenhamos passado por todo o processo de pânico, que não permitiu sairmos com tranquilidade às ruas, o perigo microscópico tomou proporção em escala global, não escolhendo a quem infectar, mas mostrando a agressividade nos contextos onde as desigualdades foram e ainda são acentuadas, distanciando as esperanças de quem poderia receber os cuidados em tempo hábil.

O alerta em relação às atitudes e mentalidades fascistas nunca esteve tão presente em nossas rodas de discussão de estudos e de pessoas realmente preocupadas com as mesmas pautas que, para mim, provocavam o constante

exercício da reflexão. Mesmo assim tinha um propósito bem definido em construir uma sólida pesquisa em tempos de desencontros para equilibrar a vida pessoal e profissional, continuar os aprendizados, descansar, retomar a respiração mais próxima do normal e começar diariamente os esforços para dar forma a um trabalho, um sonho, um projeto de vida acadêmica muito pensado no decorrer de muitos anos escutando, lendo, escrevendo e associando as teorias com a prática.

Reformular ou reforçar equilíbrio em um contexto aparentemente muito abstrato, frágil, quase que uma fina camada de vidro prestes a se romper com os movimentos agressivos provocados pela intolerância, é uma agenda pouco provável de ser bem resolvida numa realidade mentalmente esgotada, sem privilégios ou incapacitado de alternativas rápidas de resolução de problemas.

No decorrer das etapas do mestrado, estando deslocado da rotina padrão, de estar com colegas de trabalho, professores e comunidade acadêmica, tive a sensação de suspensão por muito tempo sem saber se estava fazendo as coisas certas e receoso em compartilhar minhas dúvidas e dificuldades com aquelas/es que inevitavelmente poderiam estar numa situação parecida ou próxima à minha. Entre tantas vezes que estive nessa suspensão, sem muitas opções de escolha, destaco um dos períodos do meu cotidiano de trabalho tentando a conclusão da escrita em tempo hábil, onde comento o que eu vinha sentindo, mesmo estando distante da presença de pessoas que vinham me ajudando, torcendo e me ensinando a manter o foco sendo renovado em tempos de incertezas.

Ainda é bastante difícil entrar de cabeça no tema central do trabalho tendo em vista as diversas dificuldades passadas em Bagé-RS, no primeiro semestre de 2022, principalmente no que se trata de ordem de tempo para as atividades acadêmicas em paralelo com as urgências da vida, sendo pai, padrasto e professor licenciado em música. Mas o que tem sido fundamental como linha de fortalecimento na jornada de trabalho da dissertação de mestrado são as comunicações, ainda que virtuais, dos conteúdos da Etnomusicologia nacional e internacional e áreas do conhecimento em sintonia com as questões, afirmações e análises etnomusicológicas. Seus diálogos e as retomadas das produções etnográficas auxiliam no apoio de estudos dos referenciais teóricos, entendimentos das posicionalidades das/os pesquisadoras/es negras/os que apresentam os processos do trabalho de campo estando atento aos desafios impostos no decorrer da jornada de pesquisa. Muito embora tenhamos ricos trabalhos de doutorados, onde a duração padrão prevê um ciclo de 4 anos, sabemos que isto não difere das adversidades que também nos atingem enquanto mestrando no decorrer do período base de 2 anos. As lutas da população negra para chegada e permanência em cursos de graduação e pós-graduação na UFRGS que são difíceis e foram mais atingidos em tempos de pandemia, nos colocam enormes desafios diários de sobrevivência e equilíbrio emocional para lidar com diferentes decisões que num contexto de privilégios são resolvidas em tempo hábil e com menor impacto na saúde física e mental e na tentativa de

manutenção da qualidade dos recursos humanos e tecnológicos (acesso presencial e internet estável).

Notas reflexivas de campo, 10 de julho de 2022.

Nesse emaranhado de questionamentos e dores, mas também de pistas de seguimento das convicções que vinham dos estudos anteriores à pandemia, foi que desenvolvi minha pesquisa etnográfica na modalidade híbrida com as juventudes negras de Bagé–RS.

2. Bagé: aprendizagens e desassossegos em uma cidade fronteiriça

[Hadjira⁹: دخلة]

غريب مرغوم في بلاد الرّوم

(um estranho forçado a entrar nas terras dos romanos)

”غريب مرغوم في بلاد الرّوم

(um estranho forçado a entrar nas terras dos romanos)

El Ghorba / الغربية¹⁰ - Le Micro Brise Le Silence

Quando eu ouvi esta música do grupo de Rap argelino *Le Micro Brise Le Silence* (O Microfone Quebra o Silêncio), em 2020, me concentrei mais em perceber como era construída a sonoridade mixada com os elementos da tradição da cultura da Argélia situando o contexto sonoro muito próximo do oriente médio com as camadas sonoras do ocidente contemporâneo.

As escutas graduais desta música, em especial, faziam uma inserção com o que eu vinha fazendo de leituras de notícias do cotidiano, textos acadêmicos ou mesmo encontrando intervalos onde eu pudesse dar mais atenção para toda a complexa base de sons que estavam presentes nesta música/poesia. Os *scratches*, samples instrumentais, as mudanças dos sons acústicos para os eletrônicos causavam efeitos de percepção em que pude entender as múltiplas possibilidades de tensão dos idiomas árabe e o berbere com o francês. Algo como uma batalha da voz local contra quem o colonizou em épocas passadas, mas deixou suas marcas até os dias atuais.

Ouvindo diversas vezes *El Ghorba*, pude pensar numa relação de diálogos sobre os percursos forçados que algumas sociedades tiveram que trilhar. A cada escuta e busca por entender esse contexto fui conectando, a partir das leituras que mencionei no capítulo anterior, nas quais Camus (2019) e principalmente Fanon (2022), fazem emergir as marcas que a colonização europeia deixou pelo emprego da

⁹ Cantora integrante grupo *Le Micro Brise le Silence*.

¹⁰ Esta poesia, trazida pelo grupo *Le Micro Brise le Silence* ou MBS, destaca os percursos de dificuldades que a Argélia lida pelas relações assimétricas com o país que deixou suas marcas eurocêntricas, a França, país que a colonizou. No idioma árabe, *El Ghorba* sintetiza no seu título o significado de sentir-se estranho ou ser um estrangeiro em um lugar estranho. Letra completa está disponível em <https://genius.com/Mbs-le-micro-brise-le-silence-el-ghorba-lyrics>. A faixa pode ser ouvida no link: https://www.youtube.com/watch?v=JU3niqn_-PU&t=419s. Acesso em 25 de abril de 2024.

força violenta nos países do continente africano. Trata-se de ressaltar os seus percursos truculentos, pressionados e que provocaram as rotas da diáspora negra pelo Atlântico em direção das Américas e do Caribe.

Mas ao ler tudo isso você se pergunta, o que isso tudo tem a ver com o sentido de estar em Bagé-RS? Respondo que, desde a minha chegada como morador fixo em Bagé-RS, em 1995, sinto que não tenho uma ligação com a cidade, sempre achei estranho esse lugar. Somado a esse desassossego, tive meus aprendizados no decorrer dos anos, criando redes, me socializando, mas sempre tendo que ser questionado se eu era realmente de Bagé-RS. E isso acontece desde cedo e ainda me questionam isso até hoje. “Tu não é daqui?”, “Tu és de onde”?

Muito antes do meu encontro acadêmico e dos recursos que a universidade pode oferecer para desconstruir conceitos e pré-conceitos, sentia um tipo de incômodo contínuo em estar em Bagé-RS,. Isso nunca parou de martelar meu pensamento, desde o tempo de estudante do ensino fundamental, pois ainda na adolescência fui desenvolvendo um jeito de pensar e focar que era diferente dos demais amigos e colegas.

Tinha um interesse aparentemente “nerd” e via nos estudos uma maneira de descobrir coisas novas. Como exemplo, na década de 1990, o tópico sobre as tecnologias e curiosidades científicas eram temas de meu interesse, embora eu não soubesse administrar ou explicar muito sobre o assunto. Apesar de não encontrar com quase ninguém para conversar sobre esses tópicos, sentia que se eu me orientasse com isso talvez encontraria dinamismo para me aproximar de temas mais sintonizados comigo. Mal eu sabia que isso desdobraria diferenciais na minha vida a um ponto de abertura para outras formas de pensar o mundo.

Passando-se os anos, conhecendo tantas maneiras de pensar e agir, fui localizando jeitos de acionar o interesse científico e artístico. E nessas colocações reflexivas das minhas questões internas em contato com discussões sociais, educacionais e etnomusicológicas, somaram-se as discussões relacionadas às juventudes negras.

Sendo assim, algumas questões pairam neste tema: Como podemos pensar as relações das juventudes negras de Bagé-RS, suas práticas sonoro-musicais e artístico-culturais com as questões étnico-raciais, sem entender o processo de construção no tempo da cidade de Bagé-RS? De que maneira encontrar um “porto seguro” depois de tanto tempo de vivências na região de fronteira em que ainda me

deparo com estranhezas e principalmente pelas perguntas sobre eu ser ou não desta cidade? E por conta dessa frequente desassociação lançada sobre mim, mesmo residindo tanto tempo nesta cidade, ainda fico pensando: como é ser um bageense?

De tanto ouvir isso e me colocar com outras formas de pensar o mundo, vou entendendo que esta estranheza ou estranhezas vem de diversos fatores, mas tentarei me deter aqui pela discussão racial. Assim, percebo que a minha estranheza com o lugar assume esse caráter quando alguns posicionamentos que venho defendendo são considerados de rebeldia¹¹ ou radicais. Quando na realidade nunca fui, mas a história de Bagé-RS, que está repleta de percurso radicais e violentos em períodos anteriores e posteriores aos processos abolicionistas,¹² precisa dos devidos questionamentos para situar corretamente o que foi e o que é radical. Ou seja, entender o presente e suas características exige que se entenda a história de Bagé-RS, onde há marcas de eventos e situações atípicas já normalizadas, como, por exemplo, pessoas que definiram marcas estreitas com a ditadura civil-militar¹³ no Brasil no século XX. Coisas assim, me levam a ter um desacordo e desconforto em ser/estar bageense, principalmente quando essas problemáticas ainda são reverenciadas de diversas formas.

Entretanto, fui e sigo sendo encorajado a pensar esse lugar com tantas estranhezas e sinais de incompatibilidade como um exercício de entendimento e enfrentamento que extrapole a linha da mera adaptação e conformismo. É relembrar a necessidade de manter as reflexões saudáveis em movimento, circular pela cidade com o que me fortalece e produz sentido a tudo que já se fez nos últimos tempos. A luta só estava começando e talvez Bagé-RS, seja o ponto de partida para encarar o mundo efetivamente.

¹¹ Pela lógica de formação inicial da universidade em jornalismo, tive contato com o livro *Culturas da Rebeldia: As Juventudes em Questão* (2001). O trabalho de Paulo Sérgio do Carmo traz um panorama histórico de como as juventudes se entrelaçam com eventos de transformação política e social pelo mundo, incluído o Brasil, a partir da década de 1950 em diante.

¹² Alguns destes imbróglis de Bagé-RS foram sendo investigados por historiadores e professores interessados em ampliar o debate dos problemas sociais, incluindo aqui os raciais e de gênero. O Historiador Tiago Silva e o Produtor Cultural Rafael Silva retomam o debate através dos documentos bageenses sobre o Associativismo Negro do local, disponível em: <https://www.textocontextoeditora.com.br/produto/detalhe/historia-de-bage-novos-olhares-e-book/57>. Acesso em: 14 mai.2024.

¹³ No artigo de Tairane Ribeiro e Gabriel Ribeiro discutem o problema da democracia racial no contexto da ditadura civil-militar no Brasil. A leitura está disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/CLIO/article/view/10568/7116>. Acesso em: 20 de mai. 2024.

A região de Fronteira tem uma história situada por suas marcas e forças elitistas em contraposição à presença da população negra e de sua história contada por muitos processos de resistências localizadas pelas pesquisas, ainda recentes, pautadas pelas vivências do associativismo negro na região. Um dos pontos que posso destacar sobre essa dificuldade em mostrar essas potências reside na forma como o senso comum percebe, identifica e difunde o Rio Grande do Sul. E a partir disso as demais regiões do estado, incluído a região da fronteira, conhecida também como região da campanha, em locais mais próximos ao pampa.

Para uma provocação que interaja com este texto, faça um breve exercício de fechar os seus olhos e imaginar como você entende o jeito de viver o estado e algumas regiões. Se nesse processo vier a mente as referências mais estereotipadas do estado, talvez seja necessária, e com urgência, refletir sobre como a hegemonia cultural desequilibra as demais manifestações étnicas e culturais que são pilares fundamentais da construção da sociedade gaúcha. A marca da imigração europeia (alemã e italiana) se sobrepõe ao próprio complexo tradicional e originário indígena na região e as marcas do trabalho escravagista que nos tempos coloniais e imperiais do Brasil já estavam aqui como mão de obra desumanizada. Considerando essas observações, muito disso foi amplificado pela força hierarquizada da cultura e colonização luso-hispânica (GONZALES, 2020) que predominou e se estruturou na região de fronteira do Rio Grande do Sul. A partir desse desencontro de sintonias históricas podemos também nos orientar para a dificuldade em ver no Rio Grande do Sul na sua perspectiva afrodiaspórica negra no contexto sonoro e musical.

Contudo, o contexto da fronteira, onde o bioma da pampa predomina, abriga as mixagens de sonoridades conectadas a forte presença das práticas campeiras. Nesse sentido é importante destacar a existência dessa realidade, mas não é a única em movimento. As dimensões urbanas e rurais apresentam suas características básicas, contudo acionando e oscilando trocas entre si.¹⁴

¹⁴ No projeto de pesquisa Narrativas Sônicas do Pampa tive a oportunidade de observar melhor essas formas dinâmicas de sonorização dos bairros Ivo Ferronato e Malafaia, ambos bairros populares que estão próximos à UNIPAMPA, contudo mais afastados do centro cidade. Quando percorri outros bairros de camada popular com as semelhanças em distância ao centro, pude perceber como essa construção de urbano e rural dão movimento à circulação de pessoas através das experiências de trabalho, comunicação, visual e sonora. Essas observações desenvolvidas em coletivo neste projeto e podem ser conferidas em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/69ra/resumos/resumos/2511_1afa5a600b4ccc31a0c0fd743e38fd60c.pdf. Acesso em: 14 mai. 2024.

Como citei no capítulo anterior, tanto as experiências dos clubes sociais negros e das práticas envolvidas na rua, como o carnaval, concentraram musicalmente a construção da presença negra que se organizou através dos seus saberes culturais artísticos. Assim como ocorreu através de uma imprensa negra que existiu fortemente em Bagé–RS, conforme foi destacado nas pesquisas de SILVA (2018), ambas as frentes foram protagonistas no período pós-abolição, no século XX.

Vale destacar que, no referido século, Bagé–RS, foi uma das primeiras cidades do Rio Grande do Sul a ter um conservatório de música chamado de Instituto Musical de Belas Artes – IMBA, espaço de predominância sonora constituída por uma estética e estrutura eurocêntrica, criação e circulação majoritária de pessoas brancas. Paralelo a isso, os blocos carnavalescos de rua acionaram não apenas uma conexão sonora negra, mas a produção organizada feita por pessoas negras dentro e fora de espaços sociais para essas comunidades. Como exemplo disso pode-se citar a Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros¹⁵, fundada em 1941, tendo entre os seus fundadores o músico negro Ivon Cléo Monteiro.



Imagem 4: Sede da Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros.

Com essa relação de eventos históricos em Bagé–RS, onde as práticas sonoras musicais dos blocos carnavalescos nas ruas e também no clube dos Zíngaros

¹⁵O clube mantém a página Facebook onde compartilha as atividades do local através do link: <https://www.facebook.com/oszingaros/>. Acesso em 17 de setembro de 2024.

contrastavam com as que vinham sendo feitas em espaços como o Instituto Municipal de Belas Artes — IMBA, pode nos mostrar a necessidade da percepção atenta da negritude bageense cruzando e levando sentidos e afirmação de sua existência onde quer que passasse.

Importante salientar que a brasilidade negra em espaços públicos como o IMBA não corresponde necessariamente ao protagonismo de músicos negros, assim como a inserção de repertórios negros interpretados por pessoas negras. É nesse sentido que Os Zíngaros, em sua composição histórica na cidade de Bagé–RS, se torna um diferencial de resistência às exclusões raciais estruturadas e institucionalizadas (ALMEIDA, 2019). Por este ângulo amplia a discussão do protagonismo negro em Bagé–RS, onde essas pessoas também estavam produzindo música. Ou seja, apenas adentrar o repertório de música afro-brasileira em conservatórios não é uma garantia de ações afirmativas, principalmente quando estava em voga o mito da democracia racial. A difícil inserção de pessoas negras nesse espaço no século XX marcou muito o processo de inclusão e interação social neste círculo. Tal contraste entre o espaço do clube e dos blocos carnavalescos com as realidades de conservatórios deve ser um indicativo de como pensar o movimento das práticas afro-brasileiras e como vão sendo feitas sua manutenção, de memória e de permanência.

Numa analogia ao trânsito das ferrovias existentes em Bagé–RS, Pelotas–RS, e Rio Grande–RS¹⁶, às lutas da negritude passaram por tensões por uma linha aparentemente dura em sua trajetória, por ser talvez os meios nos quais existiam para cruzar obstáculos e atualmente tentamos ampliar esses caminhos para alcançarmos mais soluções do que impedimentos. A potência negra não pode ser mais descarrilhada.

Indo pelo sentido de busca de equilíbrio, vou entendendo minha caminhada ao entrar na militância negra, a partir do Movimento ENEGRECE, onde me aproximo das discussões tratadas nas rodas de conversa da Semana da Consciência Negra, em 2018, na SRC os Zíngaros. O Movimento ENEGRECE se auto-organizou e trouxe do

¹⁶ Esse complexo design de linhas e percursos tem um histórico antigo que começou ainda no século XX, muitas malhas daquela época tiveram suas alterações e alguma permanecem ativas até os dias de hoje. Contudo, para se ter uma ideia das rotas e dos lugares onde as ferrovias transitavam e poder associar com as mais ideias compartilho o link onde mostra parte destas construções ferroviárias no sentido de rotas no Estado do Rio Grande do Sul. Essa estruturação visual está disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_bage_riogrande/bage_riogrande.htm . Acesso em 14 de maio de 2024.

coletivo negro Sopapo Poético¹⁷, fundado em Porto Alegre–RS em 2012, Fátima Farias, mulher negra bageense, que fixou residência em Porto Alegre–RS. Assim comecei a perceber sinais assertivos de que nossas discussões se conectam com as ramificações criadas no século passado, pelo grupo Palmares, onde o Prof. Oliveira Silveira foi e continua sendo fonte de potência para a negritude gaúcha em todo o estado do Rio Grande do Sul.

Da mesma forma, isso reverberou na minha chegada ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros Indígenas Oliveira Silveira, e as experiências na licenciatura em música, ambos na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA¹⁸.



Imagem 5: Movimento ENEGRECE, juventude e parcerias de militância em evento da Semana da Consciência Negra, sediado na Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros em 2018 — Imagem de Lucas Rosa

Com o impulso da etnomusicologia, o trabalho com ensino, pesquisa e extensão, me levaram a trabalhar internamente os meus desassossegos com o local, transformando-se em dinâmicas de reflexão e prática para que os problemas de caráter étnico-racial, tanto dentro quanto fora da música, não continuassem sendo silenciados ou seus avanços atacados. Esse caminho é pensado para outras pessoas poderem continuar ou ampliar também as discussões embasadas em referências de

¹⁷ A produção do coletivo negro vem sendo publicada nas redes sociais e disponibilizada em: https://www.facebook.com/SopapoPoetico/?locale=pt_BR. Acesso em: 21 mai. 2024.

¹⁸ No meu trabalho de conclusão de curso adentrei cada uma das etapas de minhas chegadas em discussões étnico-raciais no campo da educação musical, por uma lógica aprofundada e continuada pela etnomusicologia. O trabalho está disponível em: <https://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/rii/5692/1/TCC%20Antoni%20Lopes%202021.pdf>. Acesso em 14 de maio de 2024.

intelectualidades negras do local e também do Rio Grande do Sul. Essa proeminência de saberes vem principalmente dos trabalhos da educação voltados para as questões étnico-raciais, onde tentarei destacar a seguir.

2.1 Força do Movimento Negro na região e o Movimento Negro Educador

Como comentei anteriormente, as experiências em Bagé–RS, situadas com a militância negra e as leituras etnomusicológicas durante a graduação em música na UNIPAMPA somaram-se com a aproximação da produção negra local entre as diferentes gerações. A presença negra nesse sentido se organiza pelo associativismo, pelas posições críticas de vozes negras que emergiram como forma de expressão e protagonismo em Bagé–RS, e pela conexão com a arte, cultura e produção de conhecimento da negritude no Rio Grande do Sul. Essas são marcas do Movimento Negro Educador presente na região sul e no Brasil e podem ser entendidas pelas palavras da intelectual negra Nilma Lino Gomes (2017) quando afirma que:

[...] Esse movimento social trouxe as discussões sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica à democracia racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação das relações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e antirracismo para o cerne das discussões teóricas e epistemológicas das Ciências Humanas, Sociais, Jurídicas e da Saúde, indagando, inclusive, as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico.

É também esse mesmo momento social que fez e faz a tradução intercultural das teorias e interpretações críticas realizadas sobre temática racial no campo acadêmico para população negra e pobre fora da universidade, que articula, com intelectuais comprometidos com a superação do racismo, encontros, palestras publicações, minicursos, *workshops*, projetos de extensão ciclo de debates abertos à comunidade que inspira, produz e ajuda a circular as mais variadas publicações, panfletos, *folders*, revistas, livros, sites, canais do YouTube, blogs, páginas do Facebook, álbuns, artes, literatura, poesia abordando temas raciais no Brasil em sintonia com a diáspora africana. (GOMES, 2017, p.16–17).

Dentre de alguns recortes das relações étnico-raciais em Bagé–RS, percebe-se essa aproximação da perspectiva do Movimento Negro Educador tratado por Nilma Gomes, destacando a luta dos movimentos sociais, no Brasil, que durante os últimos anos sofreram com desgastes sociais, econômicos e políticos. Contudo, os movimentos sociais não recuaram, mas sim desenvolveram estratégias de combater e questionar os impedimentos e as violências causadas pela mentalidade do conservadorismo, assim como os efeitos do capitalismo desenfreado. O engajamento,

a partir das possibilidades disponíveis, fizeram o reconhecimento da ancestralidade como bases fundamentais para uma transformação da realidade da população negra, a qual teve a sua dignidade retirada durante as épocas escravistas e também no pós-abolição.

Da mesma forma como a militância negra se organizou no Rio Grande do Sul, através do Grupo Palmares, tendo como um dos seus membros o professor Oliveira Silveira¹⁹, temos também o Movimento Negro Unificado²⁰, que abriu possibilidade de diálogo e vai ao encontro deste percurso ancestral afirmando a presença e potência de África na região da fronteira, e a ponte entre gerações, acionando as marcas da afrodiáspora negra de diferentes formas, como as experiências sonoro-musicais e danças.

No ciclo em que tivemos a proeminência das práticas da militância negra jovem no período anterior e durante a pandemia, ressaltando em Bagé–RS, o protagonismo do Movimento ENEGRECE,²¹ pude acionar a percepção da necessidade de amplificar nossas conquistas, pois ainda que pudéssemos atingir alguns objetivos, foram pequenos passos frente ao tamanho das dificuldades em avançar nossa colocação pública como pessoas negras que estão denunciando o racismo.

Muitos desses desafios reivindicam espaços de acesso, retomando, a partir de movimentos sociais pela juventude, para a juventude, e com a juventude, a discussão aprofundada sobre raça. Gomes (2017) levanta a provocação quando afirma que:

Ao politizar a raça, o Movimento Negro desvela a sua construção do contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia. (GOMES, 2017, p. 102).

Tudo isso conectado ao trânsito universitário público no qual muito desses jovens, e onde me incluo também, trazemos a discussão étnico-racial como uma necessidade de transformações dentro e fora dos espaços acadêmicos, mostrando e visibilizando mais protagonistas negras e negros.

¹⁹ O trabalho de Oliveira Silveira tem encontros com a música e poesia. Muito desta discussão pode ser ouvida no Programa Músicas do Mundo, da Rádio UFRGS, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qdFXvo9huzU>. Acesso em: 14 mai. de 2024.

²⁰ O MNU, através de seu presidente, Luiz Felipe Teixeira, esteve presente em Bagé–RS na filiação de Marlon Monteiro, jovem negro e político da cidade. A cerimônia de filiação foi noticiada em jornal local no ano de 2020 e pode ser visualizada em: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2021/07/19/marlon-monteiro-formaliza-filiacao-ao-movimento-negro-unificado>. Acesso de 14 de maio de 2024.

²¹ REMETER AO LINK DO PERFIL DO INSTAGRAM

Com isso colocado, o pensamento da negritude bageense tem um legado constituído por pessoas negras, como o professor Luis César Jacinto, através das suas experiências em educação na cidade de Bagé–RS, assumindo um trabalho de educação antirracista em escolas rurais e urbanas. Além disso, sua comunicação com a comunidade quilombola remanescente em Bagé–RS o coloca dentro desta geração ancestral que trata esses espaços em sintonia com a educação e o ensino das relações étnico-raciais.



Imagem 6: Luis Cesar Jacinto — Geração de professores negros e negras empenhados na contribuição para a pauta das relações étnico-raciais em Bagé–RS, e região.

Suas experiências como pedagogo e palestrante nos temas raciais, o aproximam também de uma escrita que valoriza a religiosidade afro-brasileira presente na cidade, através da história verídica de Alexandrina Penha da Conceição – Dona Santa²². Durante a pandemia, Jacinto uniu forças com etnomusicologia e desenvolveu ações formativas online²³ em parceria com a Associação Brasileira de Etnomusicologia — ABET, pautando desta maneira um trabalho de difusão de

²² Este trabalho abriu possibilidade de percepção de uma pessoa ligada à religiosidade afro-brasileira e conduzir posteriormente caminhos de expressão nas artes, como poderá ser visto em alguns dos eventos etnográficos deste trabalho. A notícia sobre o lançamento do livro de Jacinto, em 2017, pode ser lida em: <https://www.jornalminuano.com.br/noticia/2017/11/29/professor-lanca-livro-que-conta-historia-da-benzedeira-dona-santa>. Acesso em: 14 mai. 2024.

²³Essa iniciativa teve uma rede de ações formativas, inclusive com a participação do Prof. aposentado da Kent University de Ohio (EUA), Dr. Kazadi Wa Mukuna, na aula inaugural transmitida na modalidade remota síncrona. Referente ao evento, é possível acessar as informações principais em: <https://www.abet.mus.br/2022/06/12/curso-online-etnomusicologia-educacao-e-movimentos-sociais-na-abet/>. Acesso em: 10 de mai. 2024.

conhecimentos e resistências a partir da sua experiência enquanto intelectualidade negra de Bagé–RS.

Sua parceria demonstrou que o Movimento Negro não estagnou no contexto de pandemia e manteve seu compromisso com a negritude e pessoas sintonizadas com as relações e questões étnico-raciais necessárias para continuar o trabalho de formação e fortalecimento em tempos de incertezas e violências acentuadas pela COVID-19. Assim como na época colonial, imperial, pós-abolicionista e na contemporaneidade brasileira, a necessidade de criarmos estratégias para continuar na pandemia a visibilidade afrodiáspórica negra na região de fronteira do Rio Grande do Sul se fez e ainda se faz urgente a partir desse caminho de formação.

A discussão que foi sendo sentida, a partir das experiências etnográficas, proposições de lutas raciais e de momentos truculentos ocorridos na pandemia evocam um chamado para o diálogo em direção ao movimento negro educador, cujas experiências pedagógicas se conectam com o trabalho da etnomusicologia.

E foi em 2021, dentre tantas conversações com o professor Cesar Jacinto, pude me comunicar com o grupo dos Agentes das Pastorais Negras do Brasil por meio de representantes no Rio Grande do Sul que organizavam encontros na cidade de Bagé–RS. O fio condutor destes diálogos externos iniciou da seguinte forma:

Era noite quando recebi uma mensagem por WhatsApp do professor Cesar Jacinto. Anteriormente estarmos em conversa sobre meu trabalho de mestrado e verificando viabilidade de contato com os estudantes da escola estadual, espaço onde ele trabalhava naquele momento com algumas turmas do ensino médio. Contudo, sua mensagem trazia outro assunto:

- Convido as lideranças para uma reunião com representante da APNs (Agente Pastoral Negra) do RS, que apresentarão um projeto. O encontro acontece no sábado (14) às 15h no nosso glorioso Zíngaros.

Agradei o convite e comentei que eu estava acompanhando as atividades do grupo de capoeira do Grupo ABADÁ que estava fazendo transmissões das aulas no próprio Clube Zíngaros e se isso não ocasionaria conflito nos horários. Perguntei isso porque era de meu interesse estar em simultaneidade com tudo o que pudesse naquele momento, mas precisava estar tranquilo quanto ao estar nas duas atividades presentes nos Zíngaros. Ele prontamente avisou que o clube já estava em acordo e apenas aguardava o dia para se reunir com as pessoas interessadas em dialogar sobre o projeto pensado coletivamente.

O contato do professor Jacinto abriu uma possibilidade entender outras maneiras de acesso com a militância negra no estado num momento muito difícil de articular tranquilamente essas questões, principalmente situação pouco garantida de controle sanitário da COVID-19. Diário de conversas via WhatsApp. 11 de agosto de 2021.

A representante que fez o convite era a professora negra bageense, residente em São Leopoldo, Maria de Lourdes, do Grupo Cultural Anastácia Ôminira fundado em 13 de maio de 1995, por um coletivo de mulheres negras deste município

metropolitano do Rio Grande do Sul. Sua representatividade e empenho na militância negra estava pautada por sua agenda de trabalho vinculada aos Agentes de Pastoral Negros do Brasil – APNs. Sua vinda a Bagé–RS, se orientava por uma aproximação com o local e também por ser a cidade que, naquele momento, ainda conseguia desenvolver atividades híbridas, tendo em vista que o fluxo de imunizações no local era recente. Nesse caminho de conversas descobri que o projeto consistia em uma proposta de fazer no clube Os Zíngaros um *Encontro Regional das APNs* com a pauta de discutir e fazer conexões com a militância negra antirracista da região.

Além da direção do Clube Os Zíngaros, a conversa trouxe também a aproximação da Odo Axé, agência de mídia independente especializada em viabilizar e valorizar a cultura, a arte e principalmente a religiosidade afro-brasileira, presente na cidade de Bagé–RS, e região ²⁴.

Com essa reunião firmada, o pensamento sobre uma mobilização na cidade tornou-se concreto, embora pudesse ter obstáculos. A partir dessas conversas o próximo passo foi de acionar a rede de contatos locais para ocupar os lugares de fala onde incluo a relação das juventudes com essas atividades. Mais adiante ampliei o assunto situando as juventudes negras e suas ações e presenças posicionadas em tempos de restrições forçadas pela COVID-19. Pensando assim, como atores sociais em qualquer geração, os corpos negros que agem, sentem, refletem e propõem ideias. Gomes (2017) chama atenção a esse aspecto de como os corpos negros são atravessados por sistemas de avanços e cerceamentos. Ela provoca o questionamento e aponta algumas pistas sobre esse sintoma entre a população negra e a relação com o mundo de domínios e autonomias:

Qual é a especificidade do corpo negro nos processos de regulação-emancipação social? Que tipo de corpo esses processos podem produzir?

a) O corpo regulado

O corpo pode ser regulado de duas maneiras: a dominante (o corpo escravizado; o corpo estereotipado; o corpo objeto) e a dominada (o corpo cooptado pelo dominante como p.ex, a industrialização do corpo negro a serviço do comércio capitalista, falsamente autonomizado pelo mercado; o corpo como mercadoria). Na escravidão, os corpos negros estiveram presentes, mas de forma escravizada. Nesse contexto, o corpo era importante, mas como não humano, como força de trabalho e como coisa. O corpo regulado é também o corpo estereotipado por um conjunto de representações que sustentam os ideais de beleza corporal branca, eurocentrada e, no limite, miscigenada em contraposição a pele preta.

²⁴ O trabalho da agência tem uma postura politizada na luta antirracista e contra a intolerância religiosa. O material de fotografia e audiovisual da agência assume uma construção de narrativas documentais dos espaços religiosos de Bagé e região e está disponível em: <https://www.instagram.com/odoaxe/> e https://www.facebook.com/odoaxe/?locale=pt_BR. Acesso em 14 de maio de 2024.

b) O corpo emancipado

Os corpos negros se distinguem e se afirmam no espaço público sem cair na exotização ou não folclorização. A construção política da estética e da beleza negra. A dança como expressão e libertação do corpo. A arte como forma de expressão do corpo negro. Os cabelos crespos, os penteados afros, as roupas e forma de vestir que transmitem uma ancestralidade africana recriada e ressignificada no Brasil.

Regulação emancipação do campo negro são processos tensos dialéticos que se articulam ora com maior, ora com menor equilíbrio; porém, sempre de forma dinâmica e conflitiva. Esses processos assumem contornos diferentes, de acordo com os contextos históricos e políticos dos quais participam. (GOMES, 2017, p.96-97).

Com essas ramificações sendo percebidas nas minhas experiências em campo, as conduções de produção de conhecimento de saberes e de práticas dos corpos negros conseguem ser protagonistas extrapolando a condição de representatividade, mas também de protagonismo, construindo propostas comunitárias a partir dos seus conhecimentos. Ou seja, romper as “bolhas” de falta de acesso que muitas vezes não são conseguidas por vias mais formais e que se conseguem através da mobilização de atividades pelas redes sociais, por exemplo.

2.2. Aprendizagens étnico-raciais e o quilombismo na Fronteira

Chegamos no caminho em Bagé–RS, em que é importante materializar a presença quilombola não apenas como espaço físico, mas também como simbologia e representação dos deslocamentos da negritude a partir de uma memória ancestral de lutas advindas dos tempos dos quilombos, como foi explicado pela intelectual negra Beatriz Nascimento (2007). E conectar essas concepções de profundidade com as relações étnico-raciais é fazer uma imersão com diferentes pontos de encontro com experiências recentes de reivindicação de direitos raciais. Silva (2007) nos coloca essa revisita aos estudos com as relações étnico-raciais como um processo de transformação contínua quando destaca que:

[...] aprender-ensinar-aprender, processo em que mulheres e homens ao longo de suas vidas fazem e refazem seus jeitos de ser, viver, pensar, os envolve em trocas de significados com outras pessoas de diferentes faixas etárias, sexo, grupos sociais e étnico-raciais, experiências de viver. Tratar, pois, de ensinamentos e de aprendizagens, é tratar de identidades, de conhecimentos que se situam em contextos de culturas, de choques e trocas entre jeitos de ser e viver, de relações de poder. Nós, brasileiros oriundos de diferentes grupos étnico-raciais – indígenas, africanos, europeus, asiáticos –, aprendemos a nos situar na sociedade, bem como o ensinamos a outros e outras menos experientes, por meio de práticas sociais em que relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas nos acolhem, rejeitam ou querem modificar. Deste modo, construímos nossas identidades – nacional, étnico-racial, pessoal –, aprendemos e transmitimos visão de mundo que se expressa nos valores,

posturas, atitudes que assumimos, nos princípios que defendemos e ações que empreendemos. (SILVA, 2007, p.489).

Contudo, vale destacar a dimensão territorial do quilombismo, trazida pela discussão de NASCIMENTO (2002), auxilia nas resistências das comunidades quilombolas remanescentes e que Bagé-RS tem em sua dimensão geográfica na região rural de Palmas ²⁵, localizada a aproximadamente 74 km da cidade. Esse processo de demarcações quilombolas vem de um empenho dos Movimento Sociais e destacam a potência desta militância, presente e reivindicada na constituição de 1988.

A agência de uma marca quilombola na região e as tensões entre as elites ruralistas ainda são latentes e conseqüentemente trazem inúmeras dificuldades para as pessoas que residem nesses locais, pois as reivindicações do movimento negro se chocam com os interesses desequilibrados e violentos incitados pela lógica do agronegócio presente na região.

No contexto pandêmico essa preocupação com a comunidade local teve algumas ações advindas das práticas da capoeira, a partir do trabalho do professor desta atividade, Cláudio Lealdino, Representante do grupo ABADÁ em Bagé-RS. O contato com o professor foi estabelecido quando comecei a acompanhar as ações remotas onde meu interesse pela capoeira vinha por uma busca pessoal e uma aproximação do meu círculo familiar,²⁶ para melhorar a aprendizagem dessas sonoridades e corporeidades com mais fluidez, algo que destacarei mais adiante em um capítulo específico.

Ocorreu nesses contatos com o professor Lealdino a oportunidade de acompanhá-lo em uma sessão didática de capoeira onde iríamos visitar e interagir com a comunidade quilombola de Palmas. Entre as conversas com professor Lealdino pude observar na sua fala os objetivos do trabalho de capoeira em tempos de pandemia, por um projeto contemplado pela Lei Aldir Blanc.²⁷ Tinha alguns

²⁵ A Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas – CONAQ traz em seu portal a informações sobre o reconhecimento de Palmas com região remanescente quilombola no território municipal de Bagé-RS. A notícia dessa conquista, ainda com desafios, pode ser conferida em <https://conaq.org.br/noticias/rs-comunidade-quilombola-de-palmas-e-reconhecida-pelo-incra/>. Acesso em: 16 mai. 2024. Além disso, a concepção de quilombo passa a ser considerada uma categoria jurídica no Art. 68 da Constituição de 1988, disponível para leitura em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 27 set. 2004. Outros desdobramentos desse espaço complexo podem ser conferidos na reportagem da imprensa estadual a partir do link: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/zh-singular/bage/>. Acesso em: 16 mai. 2004.

²⁶ Minha companheira e meu enteado demonstravam interesse pela capoeira. Isso também ajudou a conectar mais um exercício de perceber as experiências da capoeira como uma prática de interação e observação com diferentes gerações.

²⁷ O movimento iniciado em 2020 ia na contramão da onda de descaracterização do fomento à cultura no Brasil. Esses esforços tiveram sua conquista por vezes progressistas que resistiram ao governo

fundamentos posicionados a favor de uma reconexão com as reminiscências quilombolas em Bagé–RS:

[...] Ele mostrou ter interesse muito forte em ampliar o trabalho da capoeira como formação em espaços escolares em locais onde as ações da capoeira têm dificuldade para serem desenvolvidas. E nesse sentido ele destacou o quanto é para ele muito importante fazer o trabalho de capoeira na comunidade de quilombola de Palmas todo por todo o legado e história da capoeira. Diário de campo 24 de julho de 2021.

Nessa viagem de formação, Lealdino explicou a ideia de aproximar os moradores da comunidade com o grupo ABADÁ, onde estaríamos conectados com os demais integrantes da capoeira por transmissões síncronas em vídeo. Naquele dia estavam conosco mais 3 jovens negras e negros aprendizes com finalidade de ajudar e instruir os participantes.

Consequentemente pude fazer escutas com a comunidade e estar presente para conhecer aquela realidade que se dinamiza com a cidade a partir dos jovens estudantes regularmente matriculados em escolas urbanas de Bagé–RS,. Assim também tivemos como conversar na Associação Quilombola de Palmas e conhecer a ponte de rádio administrada pela comunidade, a qual transmite na sua programação música com predominância regionalista e nativista e mantém assim dentro daquele contexto os elementos que fixam as escutas musicais do campo, que fazem sentido à comunidade.



Imagem 7: Experiências com a comunidade quilombola de Palmas

A interação dos jovens negros foi concentrada na dimensão em que eles ensinavam seus aprendizados e os passavam para mim e a comunidade de Palmas,

retrógrado que nesta época desqualificou a eficácia das vacinas. O percurso e as informações sobre a lei podem ser conferidos em <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/noticias/lei-aldir-blanc-um-marco-para-a-cultura-brasileira>. Acesso em: 21 mai, 2024.

onde éramos aprendizes. Assim, com esse evento, a oportunidade de aprendizagens geracionais foi intensa no decorrer da pandemia em diferentes momentos do trabalho de campo. Somado a essa iniciativa de Lealdino, ter ouvi-lo naquele momento de atividades foi muito gratificante, pois conseguimos alinhar assuntos em comum. Em outras épocas, anteriores à pandemia, nossos trabalhos se cruzavam com os encontros coletivos de capoeira e o candombe de fronteira, através do Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteiras²⁸. Nesses momentos de trocas de ideias da capoeira com a comunidade de Palmas, Lealdino comentou um dado importante sobre a consciência de práticas da afrodíaspóra negra como ações relacionadas com a ancestralidade:

“O trabalho da capoeira de Bagé é como um segundo espaço quilombola, mas o principal é o da comunidade quilombola de Palmas.” Trecho do diário de campo - 24 de julho de 2021. Essa afirmação acionava um contorno de comunicação com a ideia de quilombismo presente na região pampeana.

Como exemplo desse entendimento, a continuidade das práticas da capoeira na cidade de Bagé–RS, tinha, além do espaço do grupo ABADÁ, uma parceria com o Clube dos Zíngaros para realização das transmissões através das redes sociais. Lealdino mantinha uma agenda que contemplava as cidades de Dom Pedrito e Santana do Livramento. Sendo assim, as ideias de difusão da capoeira na pandemia tinham um deslocamento e interconexões com as cidades vizinhas a partir da concepção aproximada ao quilombismo.

²⁸ Este ponto de Cultura, a partir das ideias da jornalista e diretora de cinema Adriana Gonçalves, possibilitou a criação de um grupo de trabalho para difundir na fronteira o candombe afro-Uruguai. O contato com as cidades vizinhas do Uruguai, Mello e Rivera, colocaram Bagé–RS na rota de fomento das práticas e concepções do candombe na região de fronteira. As ações do Ponto de cultura estão disponíveis no site: <https://www.pontodeculturapampasemfronteiras.com/eventos>. Acesso em 14 de maio de 2024.



Imagem 8: Juventudes de Bagé envolvidas com a capoeira



Imagem 9: A convite de Lealdino, minha contribuição na leitura de um cordel na transmissão de abertura da aula de capoeira. Foto Divulgação.

Além desses encontros com a capoeira, Lealdino manteve o contato para podermos continuar fomentando ações de diálogo com a comunidade bageense. Uma das retomadas de conversa ocorreu quando no decorrer do projeto de capoeira, viria o Festival de Tambores.

Nesse evento, o grupo de capoeira trouxe a presença de Ana Paula Ribeiro, da Odo Axé, Adriana Gonçalves, do Ponto de Cultura Pampa sem fronteiras, o professor Jacinto e eu. Foi um exercício de apresentar contribuições a partir dos estudos e conhecimentos teóricos e práticas adquiridos até aquele momento. Essa responsabilidade de dialogar com o público que estava presente novamente nos

Zíngaros veio por um convite de parceria feito por Adriana Gonçalves, parceira de trabalhos culturais na região, principalmente através do cinema.

Além de compartilharmos ideias, foi o espaço para unirmos as concepções sobre os tambores e a necessidade de afirmarmos suas existências e as potências da afrodíaspóra negra que os mantiveram vivos até hoje.



Imagem 10: Conexão da capoeira e candombe de Fronteira mediada pelo Festival de Tambores



Imagem 11: Professor Cláudio Lealdino — Idealizador do projeto de capoeira e tambores em Bagé e região em tempos pandêmicos

2.3 A luta reflexiva a partir de imagens etnográficas durante o campo

Assim como as experiências com o trabalho da capoeira, através das transmissões de lives, possibilitou uma ruptura com as dificuldades do contexto pandêmico, o trabalho da militância negra no Rio Grande do Sul se mostrou atento e ativo. Retomando o assunto das APNs, estávamos no segundo semestre de 2021 com um impulso de ações que nos levavam a fortalecer e continuar combatendo as desigualdades e práticas do racismo que ainda insistiam em atingir a população negra da Região Sul do Brasil.

Com as decisões tratadas na reunião entre a representante do Grupo Anastácia Ôminira, Maria de Lourdes, fui mais uma vez convidado (ou quem sabe, convocado pela militância a afirmar meu papel de luta antirracista), a colocarmos em projeção o *I Encontro Estadual do Grupo Cultural Anastácia Ôminira* de São Leopoldo, durante os dias 12 a 14 de novembro de 2021.

A necessidade de mais debates no período em que foi desenvolvido esse evento trouxe muitas escutas de experiências da negritude de Bagé-RS. Foi uma oportunidade de retomar a luta em um momento delicado de eleições presidenciais no Brasil. Além disso, as perturbações da péssima contenção da pandemia que o governo federal da época não soube administrar, foi um dos elementos de desarticulação atingiu conquistas importantes do movimento negro no Brasil.

É sempre importante lembrar que as populações negras e indígenas são as que mais sofrem com o descaso. Como agravante, a educação, cultura, artes e tudo o que poderia assumir uma garantia progressista a populares em geral, não estavam sendo suficientemente contempladas pelo governo perdido em meio a pandemia.

No decorrer do *I Encontro Estadual do Grupo Cultural Anastácia Ôminira* realizei algumas imagens etnográficas do evento, cujos desdobramentos em relação às juventudes negras, ponto de concentração do meu trabalho, estarão expostas no capítulo a seguir.

As rodas de conversa oportunizaram uma ponte das vozes negras de diferentes gerações, tanto de Bagé-RS, como da região metropolitana do estado.



Imagem 12: Rodas de conversa entre a comunidade bageense, intelectualidade negra local e do estado, presentes no I Encontro das APNs

As marcas da religiosidade afro-brasileira se mostraram presentes nos pontos de religião. Entre a manifestação das danças, o protagonismo das juventudes de Bagé-RS destacou a representatividade negra.



Imagem 13: A dança em sintonia com a presença do toque de tambores no Clube Os Zingaros — Conexões ancestrais.



Imagem 14: Os tambores e a religiosidade afro-brasileira no I Encontro de APNs



Imagem 15: Grupo de Dança Elis Rocha apresentando dança afro em homenagem à Alexandrina Penha da Conceição — Dona Santa

A aproximação do I Encontro das APNs com os trabalhos bageenses relacionados à dança concentrou o movimento das práticas voltadas às relações étnico-raciais em Bagé-RS, intensificando uma agenda posicionada à luta antirracista, na pandemia em um espaço representativo e de resistência, no SRC Os Zingaros. Estas marcas de lutas e afirmações em outros espaços da cidade serão desdobradas no capítulo a seguir.

3. Juventudes negras em ação: performances a partir das imagens sonoras e musicais

*(...) É importante o lazer
Mas é bom ficar cabreiro...*

(“Provérbios”, Black Pantera, 2024)

O encontro das várias narrativas das juventudes possibilitaram entender as histórias dessas colaborações trilhadas por diferentes momentos e lugares, semelhantes à passagem por várias encruzilhadas que, vez ou outra, trouxeram chamamentos semelhantes ou convergentes. E a propósito dessas memórias das ferrovias, pude conhecer as encruzilhadas ferroviárias, encontrando rodovias ou cruzando outras ferrovias de formas diversificadas. As encruzilhadas pensadas nesse sentido me levam a conduzir o percurso que será apresentado por múltiplas relações de amplificação de passagens do capítulo anterior, porém retomando o escopo para a potência que as juventudes negras já expressavam no decorrer das suas jornadas, antes, durante ou após a condição pandêmica.

Nas minhas vivências, a cada encontro de encruzilhadas ferroviárias, observava estarem sinalizadas com o alerta em uma placa: parar, olhar e escutar. Pois as encruzilhadas das ferrovias exigiam a quem estava próximo delas a atenção necessária aos movimentos que ali passariam, e, ao sentir essas três ações, somavam-se, ao pensamento delas, um sentido de encontrar o próximo movimento após a passagem dos veículos ferroviários. Poderia ser uma locomotiva ou mesmo um pequeno vagão. O tamanho não importava, valia entender o efeito da percepção. Quando contextualizo essas formas de percepção em sintonia com as minhas construções e alicerces de pensamento, tento buscar uma maneira de conectar os rumos que já vinha fazendo antes da pandemia. Mais uma vez, fiz os exercícios de aprendizagem de pesquisa conforme fui encontrando no cotidiano de Bagé alguns jovens, que, mais que colaboradores de pesquisa, tornaram-se amigos em diversas jornadas.

Para iniciar a discussão, apresento os diálogos dos percursos da jovem Lílian Vitoria Ferraz, 20 anos, que na época concluiu o ensino médio em uma escola pública estadual mais ao centro da cidade. Na sua trajetória, permeava fluxos de

aprendizagens e de encontro com experiências artísticas e esportivas, explicando a inserção em algumas modalidades de performances da seguinte maneira:

Bom, comecei a me envolver com a dança e tudo mais foi no colégio fundamental, porque tinha o Mais Educação e tinha banda, circo, judô e entre outras coisas, e eu participava de tudo. E em casa eu passava olhando os vídeos do Michael Jackson, porque eu me inspirava muito nele e eu falava que um dia eu queria dançar no mínimo no nível dele. Eu pegava e tentava fazer igual os movimentos dele e depois de um tempo meu amigo gostava de dançar funk. E uma vez ele queria que eu dançasse junto e ele me mostrava as coreografias e também tinha umas gurias do colégio que ficavam dançando. Certo dia eu quis vê se eu iria gostar e falei para o meu amigo para ele me ensinar alguns passos e foi nesse dia que comecei a dançar o funk, só que as danças urbanas sempre me chamou atenção e eu olhava e olho até hoje muito vídeo, passo a passo. Eu olhava e tentava fazer igual, porque antes os meus pais não tinham condições para pagar uma academia e também antes era difícil vê meninas dançando hip hop, assim como jogar futebol. E, sim, era os dois que eu queria praticar principalmente porque eu gostava de jogar também. Então o único jeito era assim olhar vídeo. Ano passado eu tive a oportunidade de dançar na academia que eu estou hoje, que é na Elis Rocha Centro de Arte e Dança, que eu danço danças urbanas com o professor Laka²⁹. E sentir a dança, ter aquela energia e colocar o máximo que a gente pode é sensacional e é uma das coisas que eu mais gosto de fazer, porque eu jogo futebol também. E só não faço mais por falta de dinheiro também, mas tudo começou no colégio fundamental e inclusive tenho várias medalhas de judô, futsal, futebol de campo e de dança e hoje em dia é mais fácil, porque eu vou para o YouTube se eu quero aprender algum passo e faço igual, sei dançar alguns ritmos, mas o que eu pratico são as danças urbanas. Sobre a música eu sempre escutei todos os tipos é onde pego para escutar quando estou nos dias não muito legais, quando estou feliz, para dançar, na real para tudo, mas eu curto muito é as batida e as danças africana que tem um jeito diferenciado, na minha família todos gostam tanto da música como a parte de dançar, mas os que praticam mesmo é a minha sobrinha que faz a dança do ventre e meus dois sobrinhos que tocam violão e guitarra e tem a minha irmã por conta do meu cunhado que tem um bloco carnavalesco que já faz um bom tempo. Nas escolas tem a parte da música para as crianças, mas deveria ser mais trabalhado com os maiores, assim como muita coisa que deveria ser obrigada a ter. E tenho uma escaleta em casa e às vezes eu toco porque na escola eu tocava escaleta e lira.

Diário de conversas, 21 de outubro de 2020.

A trajetória de Lilian, ao citar a sua inserção no contexto das artes e esportes através do projeto Mais Educação, em que ela destacou a continuidade das conversas que teve durante o ensino fundamental no bairro Menino Deus, de camada popular, onde em nossas conversas, ela disse ser próximo de sua residência, indicava como algumas ações direcionadas em escolas públicas puderam fazer transformações na vida dos estudantes que posteriormente fomentaram o processo de continuidade de seus mais diversos interesses.

²⁹ Laka, apelido de Alisson Farias, posteriormente seria meu professor de dança e um dos colaboradores do meu trabalho.



Imagem 16: Lilian integrando o time feminino do Grêmio Esportivo Bagé–RS

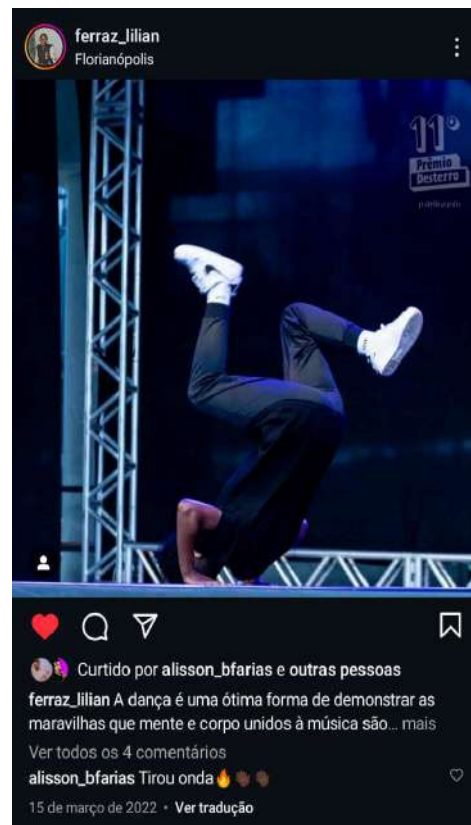


Imagem 17: Lilian em uma das apresentações de danças urbanas em um festival

Nesse mesmo bairro, pude ter a oportunidade de conversar de forma remota com Lucas Barreto Alves, 18 anos, os irmãos Luise Zavarise, 18 anos, e Ygor Zavarise (Zava MC), 26 anos, irmãos com trajetórias de vida artística muito próximas, porém com ritmos de atuação distintos. Luise concentrou-se na prática e suporte coreográfico nas performances, atuando como monitora, e Ygor como MC, ativista e oficinairo. Desse mesmo bairro pude estabelecer contato, em 2021, com o professor Alisson Farias (Laka), 29 anos. Nossos diálogos começaram a partir do meu encontro com as aulas de danças urbanas que ele ministrava no Elis Rocha Centro de Arte e Dança.

Esses encontros foram os sinais de avanços no meu trabalho de pesquisa durante a pandemia, bem como uma transformação do contato remoto/online com as/os colaboradoras/es para ações presenciais. Com o reconhecimento individual e em grupo, mais o trabalho com as danças urbanas, ampliou-se pela primeira vez, em 2021, um fluxo de interação a partir das atividades híbridas. O vínculo começou a fazer mais sentido e a confiança entre os contatos ganhava uma consistência gradual. As conversas iniciadas em 2020 sinalizavam um processo de comunicação recíproca,

ainda que ocorressem problemas técnicos relacionados a internet ou as falhas nos aparelhos celulares, etc. O entendimento dos percursos de práticas musicais e dança compartilhados remotamente começaram a se conectar com as atividades presenciais em 2021.



Imagem 18: Registro dos primeiros ensaios com o grupo de danças urbanas em 2021. Da direita para a esquerda: Luise, Lucas, professor Alisson (Laka), Giovana, Lillian e Eu.



Imagem 19: Primeiras interações com danças urbanas e com as/os colaboradoras/es na modalidade presencial. 26 de maio de 2021.

Destes percursos jovens, chamo agora os diálogos de Lucas, que se localiza na dança pelo hip hop, jazz contemporâneo, balé e dança do ventre. Pude ouvir nos seus áudios enviados por WhatsApp, durante 2020, as conexões da educação básica pública sinalizando as ações sociais no contexto de uma escola municipal de ensino fundamental, do bairro Menino Deus. Lucas foi ampliando essa interação de idas e vindas nesta escola em diferentes etapas da sua vida e posteriormente, à chegada ao ensino médio:

Eu entrei para esse projeto, no caso onde eu iniciei, a questão do circo e da dança, em 2012. Porque eu tinha me mudado recentemente para cá, para esse bairro, e daí eu estudei nessa escola até o nono ano, até eu me formar no ensino fundamental. E foi até quando eu participei desse projeto, eu lembro que eu entrei no sexto ano ali, mas eu comecei a fazer parte do projeto no sétimo ano. Aí eu fiquei do sétimo até o nono fazendo parte. E o nome do projeto era Mais Educação. Eu não sei se, eu acho que o projeto agora, por questão da pandemia, não tem mais. Mas eu lembro que até o ano passado, ainda estava tendo. E uma coisa que eu acho muito legal, assim, é que depois que eu saí dessa escola, que eu fui para o ensino médio, assim, e eu, claro, eu continuava com o circo e eu continuava com a dança. Então esse professor, o que era meu professor de circo ali, que era o professor Borges, que segue atuando na carreira de circo até hoje, né? Ele acabou me indicando ali para a escola. Então, além de eu ter iniciado e ter participado desse projeto aqui, com certeza vai ficar marcado para mim, né? Como um marco inicial de tudo, eu ainda tive um privilégio de poder voltar para a escola dando aula de circo para os alunos da escola, sabe? Então, quando eu saí da escola, eu lembro que esses alunos eu já conhecia eles, mas eles eram pequenos ainda, sabe? Aí eu tive o privilégio de voltar na escola e poder rever todos eles maiores. Claro, que moram aqui no mesmo bairro que eu, alguns, e poder ser professor deles também, assim, sabe? Poder ensinar, tipo, tudo aquilo que eu aprendi ali, e um pouco mais com aquela bagagemzinha que eu já estava iniciando, tanto no circo e na dança, sabe? Poder ensinar todos os macetes de quem está iniciando, porque a gente sabe que, principalmente no circo, é muito difícil, assim, de início, aprender aquelas coisas todas. E foi muito legal, assim, sabe? O projeto, eu acho que ainda só não continua pela questão da pandemia, mas eu lembro que até o ano passado ainda estava tendo. E depois dali eu fui fazer o ensino médio, eu cursei em duas escolas. Primeiro eu iniciei no estadual, depois eu fui para o Justino, no segundo ano, e voltei lá para o Carlos Kluwe, ali no estadual, no terceiro ano, que foi onde eu me formei o ano passado.

Diário de conversas, 21 de outubro de 2020

Lucas estava atento aos contextos de inserção da cultura hip hop na cidade e pela sua experiência no circuito de dança percebeu como as danças urbanas ainda são recebidas com resistências em alguns lugares e pensadas de forma diferente enquanto categoria de dança. Mas também lembra que o processo de inserção vem ganhando espaço:

[...] a questão do quanto o hip hop em si evoluiu, tanto na musicalidade quanto na dança em si, porque era uma coisa que era vista com muito

preconceito. Ainda tem um pouco daquele preconceito, principalmente com os negros, como a gente diz, dançando hip hop, para outras modalidades, assim, sabe? A gente percebe que o hip hop é um pouco mais excluído em alguns aspectos, em algumas coisas, assim, e essas pessoas que acabam fazendo parte ali, que dançam hip hop, que estão sempre ali, também acabam sendo excluídos, como aquelas pessoas que fazem grafites, que... A gente percebe que o hip hop é um pouco mais excluído em alguns aspectos, em algumas coisas, assim, sabe? A gente percebe que o hip hop é um pouco mais excluído em algumas coisas, em algumas coisas, assim, sabe? que estão sempre cultuando essa questão ali, né? E eu acho muito legal que principalmente também na nossa cidade tem crescido muito o hip hop, assim como em outras cidades, outros festivais, concursos de danças, coisas que nós sempre vemos, né? Do quanto isso está crescendo e o quanto esse padrão parece que nós, que dançamos assim, que estamos ali envolvidos com isso, com quem faz grafite, que é uma arte no caso, né? Está conseguindo quebrar um pouco dessa barreira, está tentando se mostrar e dar voz um pouco mais alta em relação a isso, sabe? Para mostrar para a sociedade em si que tudo isso é uma forma da pessoa expressar a sua arte, entendeu? E não como um vandalismo ou como uma marginalidade, porque até então tem muitas pessoas que, até mesmo pela vestimenta de pessoas que acabam curtindo e dançando assim o hip hop, muitas vezes são confundidos, ou são comparados aos marginais ou pessoas que estão ali, sabe? Então eu acho muito legal também essa questão, assim, pela questão, principalmente se a pessoa é negra, né? Que está ali, está dançando com uma roupa mais larga, alguma coisa assim, e a pessoa já, outras pessoas acabam se isolando com outro olhar. E percebemos que isso está conseguindo ser mudado aos poucos, assim, sabe? Ainda percebemos que ainda tem aquele preconceito, aquele... pé atrás das pessoas, mas é uma coisa que tem crescido bastante, assim.

Diário de conversas, 21 outubro de 2020.



Imagem 20: Lucas em uma de suas publicações de danças no Instagram. Sincronização de músicas e corporeidade apresentada em aplicativos



Imagem 21. Estética e afirmação afro presentes nas postagens de Luise

As vivências de Lilian de Lucas vão encontrando ramificações no decorrer de sua trajetória no ensino médio, numa escola pública estadual localizada no centro de Bagé e próxima de várias escolas particulares da cidade. Naquele momento da pandemia, Lucas já havia concluído essa etapa estudantil e relatava o interesse em continuar os estudos universitários. Enquanto isso, Luise estava no segundo ano do ensino médio. A partir das conversas com ela, em 2020, pude ter uma noção de como as práticas da dança com as experiências de música desdobravam o acesso a múltiplas possibilidades para a juventude:

[...] já fiz piano, já fiz canto, já fiz musicalização, né? E tudo mais. Mas atualmente eu só danço. E a minha mãe, né? Ela dançava antigamente e tudo mais. Então eu já peguei esse lado artístico dela, assim. E aí com dois anos eu entrei pra dançar. Só que era uma coisa que eu não gostava, assim, sabe? Aí eu saí, aí acho que com três ou quatro anos eu voltei a dançar e aí eu nunca mais saía, assim sabe. Já dancei na Biocenter³⁰, aliás, dancei toda a minha vida na Biocenter. Depois de um tempo, com 13 anos, aliás, com 14 anos eu saí de lá e fui dançar no Edison com a minha professora, a Elisandra....Elisandra Rocha. E depois de um tempo ela abriu um espaço pra ela. Depois de um tempo, ela abriu um espaço pra ela e eu fui dançar junto com ela, porque a gente criou um laço, assim, e tudo mais, e aí ela ia sair dela lá do Edison e não teria a modalidade jazz que eu mais gosto, então eu fui dançar junto com ela e hoje em dia eu danço no grupo Elis Rocha, Centro

³⁰ Nome de uma Academia de Dança muito conhecida na cidade de Bagé-RS.

de Arte em Dança. E lá eu danço jazz, hip hop, dança dos ventre, balé e dança contemporânea.

Diário de conversas, 5 de novembro de 2020.

Esta trajetória foi complementada por Luise no dia seguinte a esta conversa ao responder uma dúvida minha relacionada ao contato com o ensino de dança em algum momento da vida, no qual trouxe a afirmação: “Já trabalhei como professora para uns alunos da escola F., fizemos coreografias para as festinhas da escola” (Conversa em 07 de novembro de 2020). Ainda, no decorrer destas conversas, Luise citou seu percurso de apresentações pela cidade e região através dos festivais de dança, inclusive em Mello, Uruguai.

Destas conversas, ainda neste mesmo dia, seguiu o desdobramento das mensagens com os retornos das minhas questões sobre as relações étnico-raciais no seu convívio de atividades e como pensa e se posiciona publicamente:

Meu último solo [...] afro é um contemporâneo. [...] E temos uma dança em grupo relacionada a Dona Santinha, benzedeira de Bagé, uma homenagem a ela. E afro também, mais puxado para o livre, mas tem uma pegada afro. Já fiz o curso Jazz For Fun, em Porto Alegre, com o Aldo Gonçalves. Já fiz curso com Caio Nunes, no Dança Bagé, já fiz curso com a Viviane Lima, que é uma bailarina da Eva Schul, uma professora famosíssima. Faço parte da comunidade LGBT, isso não me atrapalha em nada na dança, pois não mudo minha postura, não me posiciono nas danças sobre isso, ou até mesmo nas aulas então é algo em que, graças a Deus, eu ganho respeito.

Diário de conversas, 07 de novembro de 2020.

As afirmações de Luise contribuíam para pensar sobre essas trajetórias existentes na cidade de Bagé e no processo de encontro com as juventudes negras que eu poderia ter ainda em 2020, durante a fase crítica da pandemia. Naquele momento, enquanto estudante do segundo ano do ensino médio, ela trazia muitas ideias, dentre as quais, por exemplo, criar um perfil no Instagram para compartilhar ideias de autoconhecimento. Demonstrava-se uma atenção na pandemia para essas reflexões e expor este tema num contexto bastante complexo. Por aí mostravam, naquele momento, o quanto a conexão sonora e musical estava bastante sintonizada com outros tipos de experiências como as práticas da afrodiáspora negra. Dos momentos destas conexões estava a fala de Luise que trouxe a menção do trabalho desenvolvido por seu irmão. Foi então que encontrei um caminho para conhecer melhor Zava MC, nome artístico de Ygor Zavarise Cardoso da Silveira. As conversas iniciais com Zava apontavam o movimento das atividades musicais do rap local, no

contexto da pandemia, e o foco de interesse na produção de materiais para a cena local do hip hop:

É, sabe que, tipo, andava bem parado assim, né? Agora a gente começou a movimentar. Eu fiz clipe, teve outro amigo meu que fez clipe. A gente é fechado com uma, vamos dizer, gravadora independente, entendeu? Mas eu vi que a gente começou a se mover, assim, conseguiu mover um pessoal também pra fazer, assim, sabe? Então, acho que a gente, vamos conversar bastante sobre essa pauta aí.

Diário de conversas, 21 de outubro de 2020.

Nesse momento de encontros, em 2020, nossa comunicação foi breve e por motivos dos diversos ciclos de distanciamentos sociais, sentia que a fragmentação era recorrente. Contudo, Zava acrescenta “[...] porque, na verdade, é que a dificuldade que a gente tem é mais por não ter um recurso, entendeu? Então a gente faz mais pela gente mesmo” (Diário de conversas, 21 de outubro de 2020). Mas no decorrer do ano seguinte, a partir da divulgação de eventos, as trilhas de dialogicidade pareceram melhores, embora fossem complexas naquele momento. Dentre uma das atividades que me auxiliaram a acompanhar remotamente cito a solenidade em comemoração à juventude de Bagé–RS.



Imagem 22: Indicação de Zava para premiação do Legislativo de Bagé–RS, em 2021.

Imagem 23: Laka recebendo premiação no 18º Dança Bagé–RS, 2022

Esse reconhecimento das juventudes negras auxiliou na percepção em como vão sendo mapeadas essas potências das juventudes nas quais Zava se integrava através das suas contribuições em projetos sociais. Cada uma dessas colaborações voltadas especificamente para as danças urbanas veio mais direcionada em 2021, em ensaios que gradualmente vinham sendo planejados para serem estudados em modo presencial e coordenados por Alisson Bica Farias, o Laka, jovem negro que construiu uma trajetória em Bagé–RS conectada com as artes e esportes. Laka fazia a conexão do seu trabalho e de seus estudos universitários, inserindo na prática os seus aprendizados. Laka compartilhou comigo um pouco das suas transformações no decorrer da pandemia e pós-pandemia, pontuando os “corres” que vem fazendo nos últimos tempos:

No período da pandemia eu trabalhava somente com dança no espaço lá da Elis Rocha, Centro de Arte e Dança. Passei todo o período da pandemia trabalhando somente com a dança lá. Pós-pandemia eu comecei a fazer curso de faculdade de Educação Física. Atualmente tô no primeiro ano ainda terminando já indo pro segundo ano e também comecei a trabalhar nesse período da faculdade já em academia, exercendo a atividade [...] de manhã, tarde e noite. E a dança ficou em segundo plano. Aí já comecei a dar mais foco na faculdade, trabalhar em academia, função e tal. Aí agora em terceiro momento tô trabalhando numa loja de suplementos que também é ligado com a função da faculdade. Que é que tu já tá usando a suplementação, tá usando os recursos que o pessoal, o atleta precisa pra treinar. Então tipo tudo está ligado, né? Está ligando a função da faculdade, da musculação, tu vais pegar aqui a suplementação na loja, então pra mim tá sendo... tá agregando muito, tô tendo bastante conhecimento. E é isso aí.

Diário de conversas, 3 de agosto de 2023.

Essa troca de conversas com Laka, nesse momento pós-pandêmico, foi fundamental para estabelecer uma valorização da sua trajetória de trabalho tanto nas artes quanto na dança, tendo em vistas a série de interrupções e imprevistos gerados pela quantidade de “corres” que ele fazia e ainda vem fazendo. Pois foi esse lance estabelecido com Laka que ofereceu compartilhamento de uma trajetória pregressa iniciada durante a educação básica no bairro Menino Deus.

Me formei em escola fundamental, [...], próximo a minha residência também e lá eu tive o primeiro contato com a educação física. O professor e a professora me deram bastante incentivo, né? Na questão do atletismo. E ali já começou a arder um sonho de ser professor também. Sim. Entendeu? Com certeza foi [...] como se diz? Eu vi o meu futuro ali, entendeu? E próximo... eu me formei no ensino médio foi na Escola F. B...E também é ali na região...

Diário de conversas, 3 de agosto de 2023.

Essas conexões entre escola e com as vivências familiares permitiram ao Laka construir essa trajetória, no qual as práticas de dança e música foram suas bases nas quais ele expressa orgulho das gerações que o antecedeu e que mais adiante, manteve continuidade nos percursos artísticos dos seus irmãos:

[...] nessa questão de música, já vem de família, né? Tanto da parte do meu pai quanto da minha mãe. Da família da minha mãe eu tenho... tive, aliás, né, já falecido, é um tio músico. Até ele exercia na banda do quartel. Ele foi um legado na nossa família e que a gente segue até hoje. Né? Que é o amor pela música. E pela parte do meu pai também. Meu pai e meu tio era músico também profissional e meu pai era um percussionista. Então tipo, juntou os dois... Haha... e aí eu, meus irmãos, né? O Hyra e o Sandro, a gente segue também a questão da musicalidade. Então a parte musical e artística vem muito da nossa família, né? Em termos de dança foi através do meu irmão mais velho, né? O Hyra, Irajá.

Diário de conversas, 3 de agosto de 2023.

Nessa conversa, compartilhou conosco suas conexões das práticas musicais a partir da prática e ensino de piano/teclado no qual ele trabalha no contexto de igreja. Além disso, almeja no seu caminho de estudos musicais a aprendizagem do trompete para uma profissionalização futura. No decorrer dessa conversa Laka perguntou se ele poderia falar mais sobre o seu irmão, Irajá, o Hyra, para explicar essa chegada da dança no convívio familiar e dessa história dar a continuidade das artes a partir das experiências com a dança entre irmãos:

Ele quando era novo, ali na adolescência, ele passou na Praça Esporte e viu um grupo de pessoas treinando aqui, treinando ali no meio ali, e aí ele parou e se apaixonou, né? Pela dança ali, pelo hip hop. E aí ele começou a frequentar os dias, perguntou pra eles - ah que dia que tem os ensaios, que eu quero começar a andar com vocês aí? Aí ali e foi aprendendo o básico. E aí quando ele aprendeu o básico ele chegou em casa e começou a passar pra mim, que sou irmão mais novo, mais pro meu irmão mais velho, no caso o do meio. E ali a gente fez um grupo familiar. É nós três irmãos e dois primos. E aí dali a gente começou a também, na parte artística, a evoluir, né? Entre ali, irmãos ali, pesquisas, viagens, workshops de dança, tendo experiência, né, com a dança.

Diário de conversas, 03 de agosto de 2023.

Laka, destacou que todo esse processo ocorreu no início dos anos 2000 e que foi se desdobrando até ao processo que ele vinha fazendo de danças durante a pandemia, conectando com seus vizinhos moradores do bairro Menino Deus. Estes foram alguns dos caminhos que permitiram entender as vivências das juventudes negras conduzindo ações na pandemia. Ao contrário do que possa parecer, os próximos tópicos farão cruzamentos importantes com estas narrativas já apresentadas

possibilitando assim conexões de entendimento da complexa rede de diversidades presentes na cidade de Bagé–RS, mapeando os espaços de circulação cultural negra da cidade.

3.1 Espaços de articulação e organização da juventude negra de Bagé–RS

Conforme expus anteriormente, durante a pandemia estive em ciclos de distanciamento de Bagé–RS, residindo em Porto Alegre, onde precisei observar muitos locais a partir das ferramentas disponibilizadas pelas redes sociais. Ao retornar para a cidade, fiz num primeiro momento, o exigente resguardo da quarentena, me colocou no desafio de entender a realidade epidêmica numa cidade de interior. As nuances de flexibilidade me deixavam assustado, se comparado com as normas previstas em cidades como Porto Alegre, que por muito tempo foi o epicentro da pandemia no Rio Grande do Sul. Bagé–RS passou por esse risco, embora muitas vezes as notas oficiais do município subtraíssem os problemas do meio hospitalar local. Como exemplo, a falta de oxigênio nos hospitais era uma realidade negada em diversos momentos da pandemia. E era sabido dessas faltas, pois conheci pessoas próximas que sofreram por não ter recursos suficientes para tratamento, assim como acontecia com avanço lento das imunizações através das vacinas contra a COVID-19.

Essa busca de continuar a pesquisa pelos recursos remotos abrangeram tanto essa prática de localizar esse fluxo de interações das juventudes negras, quanto de entender as formas de expor essas práticas nas redes sociais. É nesse sentido que alguns pontos foram localizados, principalmente naquilo que se situa nos espaços de socialização pública. Em algum desses momentos, nas minhas buscas, fui localizando, a partir das imagens e postagens nas redes sociais, essa aproximação de encontros pelas praças, já presentes antes da pandemia, como vimos nos diálogos de Laka, mas que agora precisavam ser entendidos em outro contexto, de utilização de máscaras, higienização constante e do alerta permanente no contato entre pessoas para não ser contagiado pelo vírus.

Num desses mapeamentos, encontrei movimentos nas redes sociais situados na praça da Catedral de São Sebastião, no centro da cidade de Bagé–RS, onde costumava ter um fluxo menor de circulação de pessoas se comparado às demais praças e outros espaços de sociabilidade de Bagé–RS. Esse ensaio foi gravado e publicado no perfil do Instagram de Maicon Freitas, 26 anos, dançarino de hip hop,

residente no Bairro Castro Alves, conhecido por desenvolver o trabalho de danças urbanas em diferentes espaços de Bagé–RS. Esse processo inicial foi tomando forma ao se desenvolverem atividades pontuais, mas com um efeito gradual de recorrências, na medida que as imunizações começavam a ter resultados positivos de alcance na população.

Continuando por esse circuito, onde as praças fazem parte do processo de interação, pude acompanhar o movimento de práticas musicais do candombe de fronteira, nas quais as conexões entre Brasil e Uruguai, estabeleceram um exercício de experiências de musicalidades, história, formas de educação e de resistência através do som dos seus tambores. Junto a isso, o reencontro com o candombe³¹ permitiu conhecer melhor quem fez esse processo de experiências musicais continuar em movimento durante a pandemia. Nesse decorrer de percursos de vivências sonoras, tive a oportunidade de trabalhar e conversar com Roger Ferreira Gomes, 33 anos, que se identifica como um homem negro de pele clara. Trabalha com pizzaiolo, cabeleireiro e barista.

Roger contou que sua saída de Bagé–RS aos 23 anos permitiu a ele ter uma dimensão de autoconhecimento posterior ao ensino médio, a partir das experiências com estudantes de cinema e de história da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Anterior a isso suas decisões profissionais tinham forte pressão da família, inclinándolo a cursar Telecomunicações no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, o IFSul. Ele expressou suas angústias naquele contexto de estudos quando destacou:

[...] por um simples fato da minha família insistir... queria que eu fizesse Telecomunicações... que ia ser a profissão do futuro, mas eu acabei por um querer da vida... eu acabei me envolvendo com o pessoal da história e o pessoal do cinema da UFPel. [...] e por ser um homem negro e gay eu acabei sendo mais afastado de quem eu deveria me conectar no meu curso, porque majoritariamente eram pessoas brancas e heteronormativas, de outro segmento, vindo de outro caminho, que talvez não soubessem lidar comigo e nem com a minha existência.

Diário de conversas, 28 de abril de 2023.

³¹ A chegada do candombe, através dos tambores, tem os esforços de Adriana Gonçalves, jornalista e diretora de cinema, responsável por manter o fluxo de trabalho do Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteira, na cidade de Bagé–RS. Além disso, por meio dessas ações foram possíveis conexões com pessoas interessadas advindas de diversas instituições como a Unipampa e o IFSul, firmando uma série de ações na região em sintonia com lideranças e artistas do Uruguai. Esses trabalhos podem ser acompanhados pelo site do Ponto de Cultura, disponível em: <https://www.pontodeculturapampasemfronteiras.com/eventos>. Acesso em: 24 mai. de 2024.

Com os alinhamentos em um grupo mais sintonizado com seus interesses, Roger começou a fazer mais amizades com estudantes do meio universitário e aprofundar temas que até então não havia observado anteriormente de uma maneira tão intensa:

[...] tive contato com o pessoal da história, ali eu entendi o que era a minha realidade. Quem era eu, o que era eu, quem era eu na sociedade, qual era o meu papel na sociedade, de que forma que eu servia. Não vou dizer assim que cem por cento eu acordei pra vida, mas ali foi a base de onde começou tudo, entendeu? Pra entender quem eu sou, quem eu era, quais os meus direitos, o que era a liderança, o que era comunidade negra, o que era N coisas que eu não entendia que eu nem sabia o que era... foi ali que eu comecei a ter esse contato, né? E digamos também com a arte direta, né? Havia muitas intervenções e eu via muitas coisas, muito protestos e muitas coisas que a galera usava, muitos instrumentos, muitas coisas, que foi ali que eu fui começar a me introduzir mesmo e até mesmo por causa da questão do cinema, né? Que eu tive convívio direto também e que são os meus amigos até hoje, né? Que foi que a galera do cinema que me abraçou também.

Diário de conversas, 24 de abril de 2023.

Contudo, Roger continuou fazendo suas caminhadas pelo mundo ao sair da cidade de Bagé-RS para conseguir manter uma estabilidade a partir das habilidades desenvolvidas no decorrer dos anos. Nesse percurso ele destacou sua passagem de trabalho fora do Rio Grande do Sul, onde sentiu na pele as adversidades para entender-se como pessoa negra, trabalhando em uma região muito distante e com poucas possibilidades de suporte psicológico. Essa situação obrigou-o a repensar o seu bem-estar enquanto pessoa negra, principalmente em relação à sua saúde, retornando a Bagé-RS. Assim, Roger pode aproximar seus entendimentos de pertencimento ao retornar a Bagé-RS, a partir de uma rede comunitária disposta a ajudá-lo a superar os problemas de saúde causados pelas violências vivenciadas em Balneário Camboriú, Santa Catarina, quando trabalhava em um salão de beleza, em 2018:

[...] voltei doente de lá, e já voltei com ansiedade, uma depressão. Acredito eu pelo ponto de trabalho escravo que eu tava vivendo, que eu trabalhava quase doze horas por dia, todos os dias, né? E a minha chefe ela se sentia nessa liberdade de... tanto que eu decidi fazer, escolher o [trabalho relacionado ao] café quando eu estava já trabalhando lá, que eu ficava pensando, meu, eu tô trabalhando muito aqui, eu tô sendo escravizado de alguma forma, por que eu tô tão exausto? Por que eu tenho que trabalhar tanto? Por que eu tenho que tá sempre disponível? Por que... longas horas e tá... e ali eu comecei a desanimar, sabe? Desanimar e achar soluções rápidas imediatas pra sair daquela coisa, só que eu não sabia o que era, que tava acontecendo comigo, né? Eu entendia que pra ser digno eu tinha que trabalhar e tinha que trabalhar e aceitar que aquilo ali aguentava que era o trabalho que eu tinha. Até então o meu pai, meu pai vem de uma criação, já

vem de fora, vem da campanha e pra ele tudo é trabalhar, tem que trabalhar, aguentar e tá no outro dia. Eu conversava muito com ele, tô desanimado, muito cansado e dizia pra ele, tá até muito sem tesão, assim, porque eu não consigo, não tô legal ele, aí, mas tu tem que manter esse teu trabalho, tu tem que... mais uma pressão... entendeu? Trabalho porque meu trabalho que te mantém. E eu não estava sendo acolhido, nem abraçado até mesmo por ser homem né? Mas o homem gay não é hétero. Mas com fisionomia de homem, né? [...] Aí, foi aí quando eu não aguentei e que eu acabei voltando pra Bagé... Em Bagé, tive que lidar com N questões, né? Que eu não lidava, porque aqui querendo ou não, é uma cidade extremamente violenta pra mim. Não no sentido de violência de ser agredido, de roubo, disso e aquilo. A sociedade é muito violenta... sociedade branca, em Bagé,... a sociedade também que, sei lá, se é branca, se é pobre, que vive ao redor disso também, replica muito essa violência com pessoas LGBT aqui na cidade e principalmente também pretas, né? Porque tipo, tu não precisas nem ser LGBT, ou não. Se tu é preto já é taxado com os olhares, de todas as formas possíveis, que as pessoas acham que tu pode ser pisada, né?

Diário de conversas, 28 de abril de 2023.

Essa luta constante, situada nas questões LGBTQIAPNA+, direcionou Roger no seu modo de refletir as desigualdades sociais que o atinge diretamente. Nos diversos começou a aproximá-lo das ações musicais mais sintonizadas com as aprendizagens sobre sua compreensão de negritude ao retornar a Bagé-RS, e, nesse mesmo ano, conseguiu fortalecer suas interações. Roger destacou a sua aproximação com as práticas musicais da afrodíaspóra negra através do candombe, que estava situada pelas ações do ponto de cultura Pampa Sem Fronteiras, onde foi criado o grupo Grillos Candomberos. Além disso, foram entrando nessa rede de encontro com Roger, integrantes engajados com a militância negra como exemplo a jovem negra paulista Andresa Xavier e com Danieli Geissler e Adriana Gonçalves, ambas bageenses que entendem as causas étnico-raciais presentes nos ensaios e manifestações públicas:

[...] e eu acabei retornando aqui pra Bagé, e quando eu retornei pra Bagé a Dani, minha grande amiga foi quem me acolheu de novo normalmente, pra mim, fazer de volta pro mundo aqui de Bagé. E a Dani que começou - vai rolar tal coisa vamos, vamos. A Dani me chamou várias vezes pra ir ao candombe desde que cheguei na cidade. [...] E aí teve até um dia que depois de tudo isso que ia rolar um desfile do candombe na cidade eu levei a Helena pra conhecer, porque nesse período eu tava cuidando da Helena, minha irmã tava trabalhando, estudando e eu tava trabalhando e cuidando da minha sobrinha ao mesmo tempo. Levando a minha sobrinha pro trabalho, tirando levando na escola, levando pro balé, fazendo de um tudo e com ela, né? E aí eu levei ela nesse dia pra gente ver, mas daí eu tive o primeiro contato, mas assim, com aquela coisa, aí, será que eu vou? Será que não, eu não vou receber nenhum tipo de retalho, como sempre, quem tinha? Primeira coisa que a gente pensa, né? Que é o que nos limita e nos barra, né? Muitas vezes eu fiquei pensando, mas será que o cara branco não vai debochar de mim? Será? Sempre é aquela cobrança e me cobrando de alguma forma em vez de eu apenas e aprender a tocar não, eu já vinha com pré-stress e achar que poderia acontecer alguma coisa comigo, porque acontece, né? Se eu penso, se eu sinto isso, é porque acontece diariamente, né? E cansado também de chegar

nos lugares e não ser respeitado por ser um homem gay, na maioria das vezes quando olha, já começa com deboche, se tu é preto ainda, acha que tu pode... sei lá ser mais violentado ainda que tu está livre de qualquer coisa assim, sabe? Com olhar de Deus assim, aí meu Deus é piedoso com quem faz isso com pessoas gays e pretas, né? Então aí a Dani de tanto insistir comigo que eu acabei indo e gostei. E aí acabei me conectando com o Tambor Piano que eu gostei dele, fui num toque, gostei dele e disse, quero porque eu gosto do som que sai dele... Eu gosto desse que sai é o grave. [...] Eu gosto desse DUUUM... DUUUM... disso parece que move por dentro. [...] Foi tanto que a Dani insistiu, que foi aí que acabei me enturmando com a Andresa, acabei me enturmando com o pessoal, mas assim, a pessoa que mais me recepcionou foi a Andresa. Sabe, enquanto preta, assim de uma pessoa preta pra outra, aí teve a Adri que ela não sabia quem era eu, depois a gente acabou se reconhecendo, que me abraçou também, mas assim de ser abraçado mesmo, claro, tirando a Dani que foi que me introduziu nesse mundo. Foi a Andresa, sabe? Que me puxou no piano, que me puxou todo o conhecimento e me puxou também junto. De alguma forma, né? Sempre. Aquela pessoa preta ela sabe, né? Quanto que a gente fica insegura e aí depois a gente acabou se conhecendo, né? Então já foi tudo..., já comecei a me sentir à vontade, a minha dificuldade quando eu vou nos lugares é em eu me senti introduzido.

Diário de conversas, 28 de abril de 2023.



Imagem 24: Roger compartilhando relato de experiências de um jovem negro LGBTQIAPN+ no I Encontro Estadual do Grupo Cultural Anastácia Ôminira. Novembro de 2021.

Seu protagonismo com o grupo ia além da proposição da fruição estética do candombe, colocando-o próximo ao grupo em diferentes momentos do contexto pandêmico. Somam as ações em protestos, rodas de debates ocorridos em 2021, como no I Encontro de Estadual Grupo Cultural Anastácia Ôminira, ou articulando coletivamente ações em prol de uma educação antirracista em espaços escolares, como ocorrido em 2022 numa escola estadual, situada no bairro Getúlio Vargas.



Imagem 25. Roger presenteando como um dos proponentes de ações didáticas do candombe em contexto escolar. Outubro de 2022. (Fotos: divulgação da escola)



Imagem 26. Apresentação de tambores do candombe em evento musical. Bagé-RS, novembro de 2021. (Imagens: Mr. Broa Burger)

Para exemplificar isso, destaco um trecho do diário de campo no qual o grupo participou das manifestações em defesa das vacinas:

Fomos às ruas de Bagé para mostrar a população da cidade a indignação e principalmente evocar publicamente a situação que estávamos e principalmente nos posicionarmos contra as violências que estavam sendo dirigidos pelo governo Bolsonaro e por todas as posturas retrógradas que estavam sendo seguidas na cidade de Bagé e no estado do Rio Grande do Sul em relação à dificuldade na aceleração da imunização da COVID-19 através das vacinas. Nessa manifestação tivemos muitos debates, saímos às ruas tocando tambores e bradamos os gritos de “fora Bolsonaro genocida”. Diário de campo, 24 de julho de 2021.

Esse contato com o Roger nos permitiu aprender e refletir sobre as diferentes abordagens da militância negra, relacionando a questão da interseccionalidade, caminho teórico e metodológico construído pela feminista afroamericana Kimberlé Crenshaw (1989) instiga, juntamente esta discussão no contexto brasileiro, através das reflexões da feminista negra Carla Akotirene (2019). Ambas nos orientam para

perceber e compreender com urgência as lutas raciais, classe de gênero, opondo-se ao modelo hegemônico patriarcal, branco e de base eurocêntrica/colonialista.

Junto a isto, a aproximação com a história e cultura afro-uruguaia, que naquele momento da pandemia vinha sendo mobilizada através candombe de fronteira, nos colocou também como protagonistas das práticas afro-latinas de resistência e congregação de diversidades culturais e sociais. No decorrer do meu trabalho essas abordagens de militâncias negras estarão se cruzando e colocando essas provocações em debate contínuo.



Imagem 27. Participação do protesto em defesa das vacinas. Com Felicíssimo Franco, Adriana Gonçalves, Roger Gomes e Andresa Xavier.

Nessa continuidade, em acompanhar os desdobramentos de ações no qual as juventudes negras de Bagé–RS estavam ativas no contexto de pandemia, a música e a dança aconteciam na Praça Esporte e na Pista de Skate com algumas atividades relacionadas à cultura hip hop. Estes jovens se movimentavam tanto em locais centrais quanto em espaços com certa proximidade com alguns dos bairros populares da cidade.

A Batalha do Brete, conhecida por reunir jovens para compartilhar seus trabalhos autorais do Rap, vinha retomando sua potência nos encontros da Praça Esporte. Meu reencontro com Ygor Zavarise (Zava MC) foi fundamental para me

atualizar sobre a construção e continuidade dessa atividade pensada para acontecer e reunir as pessoas jovens nas praças de Bagé:

Hoje em dia a gente está com os projetos um pouquinho melhores do que antes... a gente tá com o projeto da Batalha do Brete ali que é um projeto que está tomando força. A gente fez o aniversário da Batalha do Brete, e mês passado, fechou um ano de novo, né? A batalha do Brete é de 2015, só que aí ela teve um tempão desativado, a gente reativou de novo já faz um ano.

Entrevista gravada em 26 de abril de 2023.

E a partir das imagens postadas no Instagram comecei a acompanhar remotamente os espaços onde se articulavam atividades de concentração das juventudes negras, somadas com as minhas experiências com o grupo de danças urbanas ao circular neste lugar. Nessas observações e práticas pude associar outro local existente na cidade conhecido como a Pista de Skate, espaço onde as juventudes de Bagé–RS, no sentido amplo, congregam atividades artísticas e esportivas. O local fica próximo de um estádio de futebol, escolas e espaços de atividades musicais do bairro Menino Deus.

E este espaço frequentado pelas juventudes torna-se com muita frequência um lugar onde se produzem muitos audiovisuais, tanto para atividades coletivas quanto para divulgação em redes sociais. Vale destacar sobre as redes sociais, sobretudo o Instagram, o recurso de anexação de som às imagens. Além disso, as opções de comentários e o recurso da localização do espaço onde as imagens foram criadas, permitem mapear os lugares de circulação das pessoas. Assim como nos hiperlinks, esses recursos me ajudaram a entender a amplitude que esses lugares alcançam a partir de dados armazenados em aplicativos de mapas geográficos digitais, disponíveis na internet ou offline.

A narrativa sonora onde se situa a Pista de Skate e captada nos vídeos indica a forte contribuição da cultura hip hop, sendo acionada como identidade da maioria dos audiovisuais publicados nas redes sociais, predominando o som do Trap.

No decorrer das minhas experiências com o grupo de danças urbanas tivemos a oportunidade de combinarmos ensaios na Pista de Skate para a construção de um vídeo de divulgação das matrículas do curso. A ideia era gravar um pequeno clipe coreografando em sincronia com a música *The Fresh Prince of Bel-Air*³² do artista

³² A gravação do clipe está disponível em:

https://drive.google.com/file/d/1wWksxwbqM-S7oTzxY-654vGhcwFS02rX/view?usp=drive_link

afro-americano Will Smith. Com este vídeo pronto, Laka, nosso professor de dança, planejava essa divulgação da turma, pensando em trazer mais integrantes e criando expectativa para os festivais de dança previstos para 2022.

As experiências de dança em 2021, na Sociedade Recreativa e Cultural Os Zingaros permitiram a mim compreender o grupo de danças urbanas como um grupo de jovens negras/os, apresentando-se num importante espaço de associativismo negro de Bagé-RS. Foi uma das experiências em que pude retomar a minha participação no clube e uma das possibilidades de estar com as pessoas que abriram caminhos para o trabalho de pesquisa. Tive a sensação de que estava compartilhando, através da dança, parte de tudo que já vinha fazendo até aquele momento.

Esse encontro somava-se aos diálogos anteriores com a professora negra, Vanessa Marques, que naquele momento representava a diretoria do clube e, simultaneamente, esse diálogo era ampliado através dos aprendizados de dança com Giovana Marques, filha de Vanessa. Sua maneira de transmitir segurança aos passos de dança auxiliou no meu aprendizado, me guiando em diversos movimentos das aulas e apresentação das danças. Gi, como todas a chamavam, sempre demonstrou foco no trabalho de todas as modalidades de dança em que manteve contato e sintonia com e entre os demais colegas.



Imagem 28: Danças Urbanas no Clube Os Zingaros - Sarau Afro em alusão a Semana da Consciência Negra de 2021 - Minha participação em conjunto com Giovana, Lilian e Luise.

Ampliando as linhas de protagonismos femininos em espaços públicos de performance musical, nas observações pós-pandêmicas em diálogo com a jovem negra Ana Carolina Domingues, 20 anos, concluinte do ensino médio em 2022, percebi perspectivas de sintonia da diversidade musical negra, ao comunicar

percursos musicais com abordagens diferentes, mas não necessariamente divergentes:

[...] a gente sempre tem o que prefere mais, mas todos os artistas são essenciais, eu acho. Alguns vão se completando, né? Hoje em dia tem sambas que tem... pagodes que tem partes com rap, tem rappers que cantam, citam pagodeiros [...] então é bem vasto esse meio.

Conversas gravadas 06 de abril de 2023.

Além disso, Ana Carolina problematiza as relações de gênero, quando na conversa abrangeu as dificuldades presentes nos contextos musicais, salientando, porém, o enraizamento dessas assimetrias no sistema social das relações humanas:

A gente é bem subestimada por ser mulher, já começa desse ponto, né? E querendo ou não, pode ser um pouquinho assim, mas a gente é, não adianta. São coisas que como eu vou te dizer? Eu luto pelo direito das mulheres iguais, tá? Eu quero que as mulheres tenham agora... um espaço também assim como os homens... não que os homens percam o espaço, percam o direito deles, mas que as mulheres também ganham o direito delas... por exemplo, agora no samba, [...] a gente não acha nenhum grupo de mulher de samba aqui em Bagé. Você não vai achar uma mulher que cante samba aqui em Bagé. Não acha. Se tu acha ela canta sozinha ou ela canta em casa. Ou ela canta e não toca ou ela toca e não canta. Sabe? E agora eu com uma amiga minha, com a Cláudia, a gente montou um projeto dum grupo de samba. Samba, pagode, música, enfim... E tem só mulheres nesse grupo. Só mulheres. Mas tu já vê que é um pouco subestimado por ser mulheres. No dia que nós estávamos ensaiando tinha um pessoal lá e eles quando a gente começa a tocar eles ficam parecendo que a gente fosse uns *aliens*, assim sabe? Tipo, ah, ela sabe mesmo, sabe? [...] E é isso, aonde a mulher for ela vai ser subestimada. Então a gente tem que aprender a lidar a passar essas coisas... não com leveza, a gente mostrando o nosso lugar, mas sem agredir, o outro, sabe? Então, por exemplo, eu sou negra e sou lésbica. Então a coisa já fica... fica uma coisa mais mistificada, digamos assim.

Entrevista gravada em 06 de abril de 2023.

Essa consciência da urgência em discutir enfaticamente as relações de gênero no plano da performance musical se amplia no sentido em que sua reflexão atinge uma crítica nos espaços educacionais, quando Ana Carolina evoca a continuidade dessas lutas compartilhadas por ela em seu projeto de vida voltado ao conhecimento:

Eu quero cursar Direito e eu quero ser juíza. Eu vou ter que lutar por um espaço de respeito, que as mulheres héteros e brancas não precisaram e os homens héteros brancos ou negros também não precisaram. Então a minha mãe sempre disse - não faz nada que te comprometa, porque tu sempre vai ser julgada primeiro. E isso é um fato. Qualquer pessoa negra, seja ela gay, lésbica, etc., que são os piores ainda, vão ser elas julgadas, vão ser julgadas primeiro. E não é um julgamento assim, tranquilo né... É uma coisa que te ofende, que atenta contra o teu caráter, contra tudo, sabe? [...] eu vou entrar pra faculdade e eu tenho certeza absoluta que até eu achar, eu impor a minha posição e impor a minha opinião, vai ser difícil, eu fazer eles respeitarem a minha opinião vai ser difícil. Eu vou estudar numa faculdade privada. Então vai

ser pior ainda. [...] eu vou fazer na IDEAU. Lá na IDEAU tem Direito. Meu irmão também se formou lá, mas o homem sendo branco ou preto vai ser mais fácil, né? Pra homem preto é mais difícil, mas é mais fácil do que pra mulher. Mas são coisas que eu vou te dizer... são pra mulher, por exemplo [...] quando eu terminei o ensino médio, eu só tive... a gente só tem uma opção, ou é na loja, ou vai trabalhar com outra coisa.

Entrevista gravada em 06 de abril de 2023.

Essas falas compartilhadas por Ana Carolina destacam com precisão o quanto as assimetrias das relações de gênero estão impregnadas em diversos lugares das camadas sociais. No decorrer das suas inquietações percebeu-se como a discussão sobre machismo e heteronormatividade tem raízes tanto nos contextos artísticos/musicais quanto nos institucionais, vide o exemplo das universidades. Assim, pensamos nesse processo os espaços já percorridos pelas juventudes negras e suas convicções pela inserção de caráter protagonista em outros espaços com o intuito de transformar realidades desiguais e ampliar o acesso às pessoas negras, em sintonia com um entendimento sério e engajado da diversidade.

3.2 Eventos e narrativas sonoras em tempos pandêmicos

Conforme destaquei no capítulo anterior, o ano de 2021 possibilitou um movimento gradual de ações voltadas às relações étnico-raciais, colocando um esforço para que essas discussões não se perdessem em decorrência das conjunturas políticas, das dificuldades em alcançarmos recursos coerentes para a cultura educação e saúde. Tudo somado e acarretado por um desassossego e desesperança gerada pela pandemia. Entretanto, nas brechas que encontramos pelo caminho tivemos oportunidades de encontrar pessoas com afinidade e fôlego para seguir lutando e trabalhando com as artes.

O Clube Os Zíngaros foi nesse sentido um dos lugares onde nos permitiu fazer essa caminhada e estar próximo de eventos, como o Festival de Tambores, assim como no I Encontro Estadual do Grupo Cultural Anastácia Ôminira, tendo alguns das/os colaboradoras/ es apresentando danças em homenagem à Dona Santa, a Benzedeira.

Além disso, as ações relacionadas à Consciência Negra desenvolvidas em novembro de 2021 possibilitaram a inserção e presença ativa das juventudes negras. O grupo de danças urbanas, do qual eu fazia parte naquele momento, participou de uma das atividades em que o Clube promoveu o evento do Grupo Cultural Anastácia

Ôminira. Tivemos a oportunidade de apresentar o processo das coreografias coletivas e individuais (solos) ensaiadas nos últimos meses. Relacionando o trabalho individual, a apresentação de Luise Zavarise uniu a corporeidade com a mensagem potente de afirmação e valorização da negritude ao referenciar a positividade em contraposição às violências sofridas por pessoas negras. No Clube Os Zíngaros, Luise trouxe sua performance dançada da música Raízes, de Negra Li (part. Rael)³³, cujo trecho da letra escolhido por ela foi o seguinte:

Você ri da minha pele
 Você ri do meu cabelo
 [...] sou sarará, e assim quero sê-lo (quero sê-lo)
 Já é tempo de sonhar, superar o pesadelo
 Ninguém mais vai nos calar e acorrentar o meu tornozelo
 Sou Rainha de Sabá
 A coroa é o meu cabelo
 O meu canto milenar
 Ninguém pode interrompê-lo

Temos a cor da noite, filhos do açoite, tipo Usain Bolt
 Ninguém pode alcançar
 E nada nos cala, já foi a Senzala, já tentaram bala
 Ninguém vai nos parar
 Filhos de Luanda vindos de Wakanda, hoje os pretos manda
 Cê vai ter que escutar
 Por mais heroína com mais melanina, tipo Jovelina
 Pretas são pérolas

Eu venci o preconceito e fiz de um jeito
 Que vários se inspiram em mim
 Com muita resistência, virei referência
 Pra outros que vem de onde eu vim
 [...]

Minha dor é de cativoiro
 E a sua é de cotovelo
 Minha dor é de cativoiro
 E a sua é de cotovelo

As referências trazidas na letra Raízes ajudam o entendimento da música produzida por artistas negros em chamar a ancestralidade conectando com narrativas presentes na cultura pop, como os filmes de cinema e quadrinhos (Wakanda) relacionados diretamente à criação de uma sociedade afrocentrada, que valoriza suas formas de desenvolver tecnologias, o contato e conselho das lideranças mais velhas e os protetores das suas riquezas materiais e imateriais.

Nessas encruzilhadas pude acompanhar durante o ano de 2021 outro processo de ações da juventude negra conhecido como Aliança Cultural Pelo Hip Hop, pensado

³³ O videoclipe está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=VQ2BFceN20s> Acesso em: 17 set. 2024.

e conduzido completamente via transmissão online, em que a interação do público dessa transmissão foi especificamente pelo YouTube³⁴. Pela plataforma, o grupo organizou a divulgação e preparação da 'live', além de compartilhar uma playlist³⁵ contendo a produção independente produzida pelos artistas de hip hop da cidade de Bagé-RS, participantes da transmissão online pelo YouTube. Com esses áudios compilados, o projeto abria a possibilidade de preparar o público com antecedência, divulgando a produção local até a chegada dessa apresentação propriamente dita.

Nesse processo de aproximação a partir das redes sociais destaco um trecho de um diário de campo no qual expressei um pouco das minhas observações, mas também essa tensão em acompanhar um evento totalmente remoto.

Acompanhar essa jornada sonora pelas redes sociais permitiu a observação em como produzir e organizar um evento remoto exigia superar dificuldades, dentre as quais, se destacam o adiamento de datas, no qual evento previsto para maio foi transferido para junho de 2021; manter atualizada as notícias do grupo por meio das publicações no Instagram e preparar o público com playlist local disponível no canal do YouTube. E assim, desse jeito, também criou essa expectativa de um evento no qual reunia diversas manifestações da cultura hip hop em diálogo com o público a partir de entrega de prêmios e mensagens por chat em tempo real.

Diário de 15 de junho de 2021.

Esses desafios de construir um evento remoto estavam presentes em diferentes posições, nas quais as condições de conectividade da internet eram pouco estáveis, tanto para quem produzia, quanto para quem assistia. Contudo, essas simultaneidades de uma live permitiram, dentro do possível, congregarem mensagens de familiares dos artistas, assim como de outros artistas conhecidos por mim, de outros segmentos musicais, participantes pelo chat dessa transmissão.

A legitimidade das interações apontava para as diferentes formas de contribuição desde as respostas em relação à qualidade do som da transmissão e as mensagens de suporte, utilizando texto e simbologias, como os emojis, relacionando a continuidade da experiência da cultura hip hop em Bagé-RS durante a pandemia. A opção ativa do chat democratizou o diálogo e contribuiu para diminuir o distanciamento entre artistas e público, demonstrando na prática a utilização consciente das plataformas digitais para produção e difusão de arte, cultura e conhecimento.

³⁴ A transmissão está disponível em https://www.youtube.com/watch?v=YkyB1YQIK_I&feature=youtu.be. Acesso em: 25 out. 2021.

³⁵ A playlist criada pelo coletivo está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9BC0b-1cXJc>. Acesso em 26 out. 2021.

Portanto, o acompanhamento de um evento remoto ofereceu o acesso à comunicação com as manifestações coletivas específicas do evento por meio das redes sociais, tanto de quem assiste quanto de quem apresenta. Tão importante quanto essa observação daquilo que se pode chamar de apresentação do evento como “produto final” está a relação dos bastidores para entender o processo de construção de uma experiência sonora (SEEGER, 2008), respeitando as diversas camadas componentes de um evento musical, por vezes ocultas. De modo a contextualizar os processos que possibilitaram a transmissão da live da Aliança Cultural pelo Hip Hop, compartilho considerações de Zava MC relacionadas ao processo de planejar e executar diferentes estratégias a fim de dinamizar o evento em termos performáticos e interacionais.

Foi puxado porque [...] aquela live a gente tava sem roteiro, tá ligado? A gente tipo, a gente fez mais no amor, porque a gente tava a fim de fazer aquela parada ali, fazia tempo e era uma coisa na pandemia que não estava acontecendo nada, a gente não estava fazendo nada... Bah! Foi da hora! Foi revigorante, está ligado? Fazer aquilo dali. Eu até conversei com o Marlon esses tempos pra gente fazer outra, tá ligado? Mas agora a gente vai fazer estruturado, uma livezinha assim ó, a live tem que durar, eu acho que no máximo estourando duas horas, tá ligado? Ela foi três e tanto... e cansativo e muito tempo parado, tipo, sem apresentação... Tem que ser uma parada dinâmica, tá ligado? Se a gente fizer uma parada dinâmica, se a gente ensaiar um dia...[...] um dia... não precisa tipo fazer exatamente a live, só ensaiar tipo. Ah, vamo cantar, vai ser assim, aí depois o Bruno vem, apresenta, fala tal coisa. Segue falando... aí quando vê distribui algum brinde, tá ligado? Tem que ser coisa interativa pras pessoas ficar na live. E tem que distribuir uns brindes pras pessoas ficar, tá ligado? Tem que manter, porque tem que dar um jeito de manter as pessoas lá, tá ligado? E falar que quem ficar vai concorrer a tal coisa [...] e distribuindo brindes assim eu acho que vai ser uma parada massa.

Entrevista gravada em 26 de abril de 2023.

A preocupação de Zava MC estava ligada em relação à cultura hip hop de Bagé–RS, ter alcançado homenagens públicas em sessões solenes da Câmara de Vereadores de Bagé–RS em 2021. Destacaram-se as sessões para a Semana Municipal do Hip Hop e entrega da Comenda de Honra ao Mérito Oliveira Silveira, homenageando o histórico do trabalho construído por diferentes gerações negras, incluindo as juventudes negras de Bagé–RS. Após a poesia “Encontrei Minhas Origens”, de Oliveira Silveira, Zava expressou durante a solenidade da Comenda, seu sentimento de compromisso com a cultura hip hop:

[...] Só queria dizer pra vocês que a gente tá sempre aí na Aliança Cultural do hip hop. A gente tem o intuito que a gente se criou junto com Marlon, Vereador Marlon Monteiro. A gente tá sempre querendo expandir, a gente tá

sempre querendo mostrar que a gente é cultura, mostrar que a gente não é marginal, que a gente sabe ler, que a gente sabe escrever, que a gente é uma pessoa pra sociedade e o nosso voto também vale. Só queria agradecer, viu? E dizer que hoje os preto tão na câmara, hahahaha hoje os preto tão na câmara. Muito obrigado, viu rapaziada? Tamo junto. Fé.
Sessão Solene Honra ao Mérito Oliveira Silveira - 26 de novembro de 2021, disponível no YouTube nos minutos 56:35 a 57:10. (link na marca de rodapé).

Essa solenidade marcou um novo ciclo de debates voltados às relações étnico-raciais em Bagé–RS, no contexto pandêmico. Em conversas com ZAva, sua preocupação estava em como desenvolver ações para continuidade de trabalhos voltadas à cultura Hip Hop a partir de eventos, como a possibilidade de firmar parcerias com profissionais e eventos da área de cinema na região.

Pensar e circular brevemente pelas praças de Bagé–RS, em períodos posteriores à dura condição imposta pela pandemia, possibilitou um reencontro com pessoas negras num momento em que havia anúncios da Batalha do Brete nos finais de semana. Nesses reencontros abriram-se diálogos com outra jovem negra, moradora no Bairro Floresta, com uma trajetória de militância negra através do grupo Enegrece e principalmente, de construção gradual nos espaços de ação e discussão política de Bagé–RS, Kimberly do Couto Paz (Kiim), 27 anos, ampliou como muita energia os aspectos de retomada da Batalha do Brete projetando e valorizando o protagonismo das mulheres negras nos espaços da cultura hip hop.

A batalha do Brete existe desde 2015, 2016 só que faz um ano que mudou a galera que organiza. E desde que a NIX, uma rapper preta de Bagé, entrou na organização, a Batalha do Brete tomou outra postura, tá ligado?.. e se tornou um ponto cultural de Bagé. Que é um projeto que a gente tá aí, que a gente quer transformar a Batalha do Brete num patrimônio cultural de Bagé. Até pra firmar o bagulho tá ligado? Pra institucionalizar pra gente conseguir verba, os caralho, tá ligado? Aí e a batalha do Brete foi o que manteve vivo o movimento hip hop em Bagé. E graças a Batalha do Brete, em Bagé o movimento hip hop tá em crescente... tão surgindo cada dia novos e novos rappers... muito bons, cara, muito bons, muuuito bons, muito, muito, muito bons. Tem uma galera muito boa em Bagé, muito boa mesmo. Tipo fora da curva que se em qualquer lugar do país que fosse ia ser muito bom, uma galera boa real. E aí a batalha do Brete tá fazendo com que o movimento hip hop se mantenha vivo, sabe? Então, tipo, a Batalha do Brete é o único ponto da cidade em que eu vou tá, domingo sim, domingo não, vou tá lá na Batata do Brete, tá ligado? Porque tipo, a gente precisa de público, a gente precisa de gente, porque quanto mais gente melhor. Um MC é um artista, um artista ele precisa de público. A tua rima vai ser muito melhor no processo quando tiver mais gente, tá ligado? Então como a batalha do Brete tá nesse lugar de resistência, a Batalha do Brete é um ponto de resistência da cultura hip hop em Bagé. Como ela está nesse ponto de resistência e tá em crescente o movimento hip-hop também tá em crescente em Bagé. Então tipo, porra cara, a Batalha do Brete pra mim é um espaço revolucionário e a gente está nesse projeto de construir um slam em Bagé. A galera da organização da Batalha também quer que o slam, que a gente faça o slam em Bagé, porque eu sou poeta de slam. Acontece pra mim o slam. Só que a batalha ali na hora não acontece.

Eu não sei improvisar, tá ligado, mas eu consigo fazer o slam. Tá ligado, então tipo... a gente tá nesse projeto de inserir o SLAM dentro da batalha a passos curtos assim... fazer com que a galera se adapte à ideia, pesquise sobre a ideia, entenda o que é o slam, o que é essa poesia de rua. Eu acho que tipo... a cultura hip hop ela é toda um grande... é isso cara... essa ideia decolonial que é a cultura do hip hop é, tá ligado? Ela abarca tudo ao mesmo tempo, de múltiplas maneiras e uma coisa não tem como desvincular da outra. Slam é um movimento da cultura hip hop. Então não tem como se desvincular o slam da batalha. Então a gente tá nesse processo de trazer o slam pra Bagé...

Entrevista gravada em 10 de abril de 2023.

As declarações de Kiim expressam abertamente que ainda existe uma longa caminhada a ser trilhada para serem melhorados os pontos de discussão e diálogo de entendimento, engajamento e fortalecimento do protagonismo feminino negro estando atento às representatividades que já estão construindo esse debate.

Além disso, Kiim mostrou que os seus conhecimentos advindos da militância negra permitiram a ela encontrar caminhos de colaboração com a cultura e juventudes negras de Bagé-RS, no sentido de trabalhar ações antirracistas para entendimento das práticas culturais de rua.



Imagem 29: Kiim participando de roda de conversa das juventudes negras. I Encontro Estadual de Grupo Cultural Anastácio Ôminira - novembro de 2021.

As contribuições de Kiim e Zava mostram as resistências acionadas em Bagé-RS, no decorrer dos anos e como vão tomando forma quando há uma ramificação de ações auto-organizadas em curso. A retomada da Batalha do Brete, na Praça Esporte, veio com a divulgação de postagens de fotos e vídeos pelo perfil criado no Instagram. Nessas postagens, nas quais percebi que a comunicação entre

os jovens tem continuidade e interação em comentários, como também a observação do público presente, me sinalizavam outros locais de interação das juventudes.

3.3 O encontro das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no registro dos eventos das juventudes negras

Uma primeira analogia que me pareceu interessante para pensar esta seção foi buscar a letra da música Parabolicamará, de Gilberto Gil, gravada na década de 1990 para poder introduzir algumas ideias relacionadas às tecnologias, mas aprofundando, ou seja, colocando algumas proposições artísticas que já estavam há muito tempo pensando sobre esse mundo cheio de recursos tecnológicos com suas surpresas e muitas possibilidades. Essa música fez parte da minha infância e mostrava muito o processo que a década de 90 estava transitando em relação às transformações tecnológicas domésticas. Para contextualizar um pouco disso musicalmente, trago algumas estrofes situando uma parte da história que se reconecta com os dias atuais quando expressa que:

*Antes mundo era pequeno
Porque terra era grande
Hoje mundo é muito grande
Porque terra é pequena
Do tamanho da antena parabolicamará
Ê ê! Volta do mundo, camará
Ê ê! Mundo dá volta, camará*

*Antes longe era distante
Perto, só quando dava
Quando muito, ali defronte
E o horizonte acabava
Hoje lá trás dos montes, den de casa, camará
Ê ê! Volta do mundo, camará
Ê ê! Mundo dá volta, camará...*

Gilberto Gil–Parabolicamará (1991)³⁶

A sonoridade rítmica do berimbau em conjunto com os demais instrumentos trazia e traz para mim esse contato rítmico que num primeiro momento poderia estar circunscrito ao contexto baiano, mas a música provoca essa possibilidade de quebrar barreiras. Um exercício de ir além, mas com a aproximação de saberes

³⁶ O próprio Gilberto Gil relembra sobre o que o fez escrever esta música na década de 90 a partir de uma conexão com os estudos da cibercultura. Suas conversações sobre esta música estão disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=nFyuy03gqk>

afro-brasileiros em outros lugares do Brasil, que despertou no decorrer da minha construção gradual de vivências no Rio Grande do Sul na fase de jovem adulto.

Quando revisitei essa música percebi que desde aquela época o Brasil mostrava as inserções tecnológicas domésticas vindas pelas antenas parabólicas, com a explosão de informação por diferentes canais de TV via satélite. Esse movimento antecipava as conexões de internet por linha telefônica até chegarmos nos anos 2000, décadas seguintes da transformação dos dispositivos e dos fluxos pelos quais trafegam os dados. Sendo assim, o assunto a ser concentrado nesta observação é sobre o movimento global da conectividade entre as pessoas, em curso há mais de 30 anos no Brasil.

“Parabolicacamará”, em sua linha poética e sonora, pode expressar os caminhos do passado, presente e futuro se complementando em vez de se atropelarem nas teias do tempo. É pensar o mundo, incluindo as pessoas, isto é, para nós etnomusicólogos, quem vive, cria, entende as sonoridades no tempo e espaço e em suas escalas de transformação.

No contexto pandêmico, essas escalas oscilavam ou davam a entender simultaneidades de incertezas do presente para o futuro em relação ao que já havia acontecido em episódios epidêmicos do passado. Na contemporaneidade da Covid-19, os telefones e computadores foram itens do cotidiano para quebrar as distâncias ensejadas por quarentenas e distanciamentos que se impuseram a fim de nos protegermos dos perigos causados pelo vírus. Dado esse contexto de contato presencial sendo colocado à prova, muitos desses recursos tornaram-se praticamente indispensáveis para continuar os estudos por meio de ferramentas de vídeo chamada e gravações, por exemplo. Da mesma forma, as juventudes utilizaram com ênfase as TICs para divulgação de material artístico e conteúdos diversos em seus perfis de redes sociais.

Essa maneira de enfrentar a pandemia foi expressa pelos diálogos de Lucas Barreto quando ele explicou o que experienciou no decorrer da pandemia:

Em relação à questão da dança, assim, no início, assim, quando fechou todo o comércio, aquela coisa toda, nós acabamos ficando sem aula, tipo, sem ensaio, sem nada, né? Aí ficamos, eu acho que um, talvez, em base de umas duas semanas sem nada, assim, sem aula. Aí depois nós começamos com atividade online, que era sempre as aulas pelo Zoom. E também tinha tarefa, no caso, por vídeo, né? A nossa professora, assim, ela gravava atividade, no caso, a proposta, nos mandava através do grupo do WhatsApp e a gente realizava a tarefa e mandava pra ela. Depois... passou um tempo, assim,

quando foi meio que amenizando as coisas, que conseguiram, com todo o protocolo, seguindo todo o protocolo de higiene, aquela coisa toda, assim, a vigilância conseguiu liberar pra que nós pudéssemos voltar até a aula presencial. Aí as nossas turmas... a nossa turma foi dividida em grupos menores. E daí, agora nós voltamos já, já estamos há alguns bons meses já com atividade, assim, presencial. E estamos seguindo sempre, sim, ensaiando. Agora mesmo. Nós já participamos de um festival online. Agora, no mês que vem, nós também vamos participar de outro. E já fizemos todas as gravações, tudo certo. Assim, seguimos dançando de máscara, não tendo muito contato, assim, né, porque não pode. Mas, digamos que um pouco da nossa rotina já voltou, assim, sabe? Pelo menos nós podemos já ter os ensaios, aquela... e estamos já participando de alguns festivais online também. Que é, no caso, nós geralmente gravamos as coreografias que vão, e enviamos. E daí, tipo, acontece totalmente online esse... esse festival, assim. E daí, tipo, acontece totalmente online esse... esse festival, assim. Eu achei bem legal também a forma que reinventaram esses concursos. Porque até mesmo pra quem dança, assim, em academias, que gosta de estar sempre em festivais, competindo. Eu achei interessante porque é uma das coisas que nós mais sentimos falta, assim, sabe? É das nossas viagens, de estar todo mundo lá naquela correria de... Trocando figurino e entra uma coreografia e sai outra, sabe? E isso, pelo menos, é uma forma de não nos afastar do palco 100%, assim, sabe? É claro que a gente não é a mesma coisa do que tá presencial. Tá lá no dia, com aquele... muita gente assistindo à gente, mas... É uma forma da gente se manter conectado com a dança de alguma forma, sabe? E tá sendo bem legal, assim, a forma que tá sendo mesmo assim. Porque, pelo menos, a gente não perde aquele embalo, não desanima de dançar, assim, ou... Fica meio pra baixo, assim. Eu achei bem legal.

Conversações em áudio via WhatsApp, em 21 de outubro 2020.

A experiência da corporeidade se reinventa a partir das TICs, colocando estratégia de continuidade em contextos de limitação presencial (MILLER, 2012). Essas concentrações das práticas da dança no sentido de aportes de aprendizagem foram percebidos pelas juventudes negras que puderam acessar essas ferramentas. Além disso, os conteúdos ganharam foco entre os aplicativos específicos para essas finalidades com transmissões ao vivo, conversações em grupo ou individuais, performances de bandas e grupos de dança. Da mesma forma que os recursos oferecem possibilidades para o entretenimento, as TICs ajudaram no encontro remoto, pessoas engajadas em resolver questões que a pandemia acentuou, como as desigualdades, como foi as questões raciais e de trabalho.

E é nesses grupos que se amplifica um senso crítico, salientando que a realidade pautada por uma democracia tecnológica ainda não é consensual. Recursos como a capacidade de armazenamento mínimo para o funcionamento de alguns aplicativos e das conexões de internet oferecidas pelas companhias de telefone nem sempre estavam disponíveis nos dispositivos eletrônicos situados em territórios da cidade mais afastados do centro. Constrangimentos esses que dificultam um fluxo

contínuo de comunicação para as experiências em grupo, além das tarefas do cotidiano. Nesse espectro de observação, Kiim destaca problemas referentes à constância da comunicação e ao chamamento dos artistas independentes da cena do hip hop de Bagé-RS:

A gente tem que entender que Bagé é uma cidade interior, no sul do país, uma cidade fronteira, é uma cidade pouco vista pelo estado. Foi uma puta dificuldade para gente conseguir os bagulho para cá, tá ligado? Fazer os bagulho chegar aqui. Tipo, não é todo mundo que tem acesso à internet, é todo mundo que tem celular, tá ligado? Conseguir falar com os rappers que vão na batalha, é uma puta de uma mão e a galera só vai sempre nas batalhas, porque a batalha é semana sim, semana não e tá marcado no calendário. Se não teve essa semana, semana que vem vai ter e ponto, tá ligado? Não teve essa semana, porque sei lá choveu e a batalha acontece na rua, semana que vem não tem, mas na outra vai ter.

Entrevista gravada em 10 de abril de 2023.

Da mesma forma que as tecnologias contribuem para que essas produções ocorram, existe também a consciência dessas juventudes negras de que as tecnologias têm seus limites principalmente quando elas falham, entretanto, a estratégia das juventudes negras em manter o seu trabalho em movimento se revelam ao mostrar que a partir da sua arte, pela potência que a poesia do hip hop traz, pode-se conseguir extrapolar até os limites das tecnologias. Isso pode ser explicitado quando Zava participou da Sessão Solene na Câmara de Vereadores, na entrega da Comenda Oliveira Silveira, em 26 de novembro de 2021, e as tecnologias pararam de funcionar no momento em que ele apresentaria uma das suas performances de rap. Entretanto, Zava elaborou rimas de improviso, explicando e passando o seguinte recado:

Rapaziada, deu um problema técnico com o beat ali... Então a gente vai ter que fazer uma coisa na hora. Prefiro assim... Haha...
 Eu vim aqui na Câmara para falar sobre preconceito.
 Sabe bem que eu tô bem tranquilo. E hoje eu fui eleito.
 Hoje eu sou a voz para falar disso aqui.
 Antirracista, e petista. Marlon, mando no free.
 Poder te dizer, Silveira Oliveira
 Era poeta. Um poeta. Que é de primeira.
 Olha só. Tenho que falar. Que apresentação alí ali na frente.
 Tava fazendo eu até dançar.
 Tava dançando na câmara, ah... Vô falá. Sou antirracista, ela e pode pah.
 Quem gostou, no final pode aplaudir.
 Porque eu vou, vou fazendo isso aqui no free.
 E digo que eu respeito a raça. Eu sou o preto, preto, daqueles que embaça.
 Sei que hoje, aqui a gente ta fazendo a massa.
 Os preto tão em casa, os preto tão em casa.
 Éhhhhhh. Quem gostou, bate palma aí!!!

Comenda Oliveira Silveira - Câmara de Vereadores 26 de novembro de 2021.

Zava trouxe nessa performance de rap ao vivo que o trabalho continua, independente das adversidades que possam estar presentes no momento, mesmo no decorrer da pandemia. Nesse sentido, expor seu manifesto antirracista na Câmara foi importante para mostrar a força das juventudes negras em consonância com as demais experiências da negritude na cidade de Bagé–RS.

Além disso, há também o sentimento de busca de equilíbrio entre o contexto das tecnologias e do convívio com as pessoas no contexto pós-pandêmico. Isto foi expresso pelo professor Laka ao destacar o seguinte:

[...] a gente aprendeu que a gente precisa da convivência, né? Convivência com um com o outro. Tanto... Tá, hoje nós temos internet, WhatsApp, mas não é a mesma coisa que pessoalmente. Aquela troca do olhar sincero ali, e a gente sentiu muita falta, né? Tanto na dança, tanto na igreja, quanto na música [...] e hoje a gente, eu, dou muito valor à humanidade, assim, a ter uma amizade, tipo a nossa, assim, desde conversar, trocar uma conversa, olhando o olho no olho, sincero. E na pandemia a gente aprendeu que é preciso né? É preciso a gente ter parceria, é preciso a gente ter companheirismo com as pessoas, de ter esse afeto né? De poder tocar, de é principal...

Entrevista gravada em 03 de agosto de 2023.

Recordando o trecho da música “Provérbios”, da banda Black Pantera, a importância do lazer proporcionado pelas práticas da dança e sonoridades oferece um encontro entre juventudes negras, contudo lembrando que entre as simultaneidades, a atenção ao que acontece ao seu redor, no que se refere a acessos e busca de dignidade e respeito estarão presentes, e, por isso, “ficar cabreiro” é, ainda, necessário para não sucumbir. Com estas importantes falas das juventudes negras de Bagé–RS, expressando preocupações acerca da utilização das TICs e de seus potenciais e limites para a sua produção artístico-cultural, caminhamos agora para um processo final de conexões dos estudos da etnomusicologia colocados em sintonia com as relações étnico-raciais.

4. A importância da etnomusicologia para as relações étnico raciais

No decorrer da minha trajetória enquanto estudante de licenciatura em música na Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA, me aproximei do debate das relações étnico-raciais pela lógica que a etnomusicologia vem desenvolvendo nas pesquisas e jornadas de ações correspondentes aos engajamentos e entendimento das colaborações, cenas e circuitos sociais nos quais os sons encontram-se com pessoas atentas a mediar ou potencializar outras pessoas em seus territórios (SANTOS, 2017; CAMBRIA et al., 2016), como centro de movimentação dessas experiências de arte e trabalho dentro e fora de bairros populares.

Entretanto, o contexto pandêmico amplificou em escala desproporcional os impasses, as dificuldades e desafios que o campo das ciências encontraria no decorrer do enfrentamento da COVID-19, a partir de 2020. Nesse momento de apreensão, os descréditos à ciência que o governo Bolsonaro declarou em praticamente toda sua gestão e a ausência de um plano de combate aos problemas da pandemia, colocou em alerta a rede científica brasileira propondo um movimento conhecido como Marcha Virtual Pela Ciência, do qual a Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET) foi parceira nesta ação promovida pela Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência.³⁷

A ABET expôs, no dia 07 de maio de 2020, um painel temático³⁸, trazendo preocupações em relação àquele momento histórico, manifestando o compromisso com o legado de pesquisas brasileiras e a necessidade de um fluxo de fortalecimento no setor científico, pois, como um ser vivo, a ciência sentia os sintomas causados pela COVID-19 e a massiva amplificação de discursos negacionistas que estavam em circulação naquele momento eram comparáveis a uma doença destruidora.

Nesse contexto, ocorreu um convite da gestão da ABET da época para que eu me manifestasse, virtualmente, enquanto estudante de etnomusicologia na pós-graduação, no painel da ABET do dia 07 de maio de 2020, para que trouxesse

³⁷ Divulgação da marcha pela Ciência, disponível em:

<https://www.abet.mus.br/2020/05/05/abet-na-marcha-virtual-pela-ciencia-no-brasil/>

³⁸ Em 7 de maio de 2020 foi transmitido no canal da Associação Brasileira de Etnomusicologia - ABET, o painel "O som ao redor": Etnomusicologia em tempos pandêmicos no Brasil, com as contribuições da Prof.^a Eurides Santos (UFPB), Prof. Samuel Araújo (UFRJ), com mediação da Prof.^a Marília Stein (UFRGS) e na época, Presidente da Associação. Esta transmissão está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X1OEtNzoA>

breves percepções em direção da conscientização e valorização da ciência, equilibrando com a afirmação da vida, a partir das contribuições e protagonismos das colaborações constituintes nas pesquisas etnomusicológicas. Todo esse conteúdo vinha com ênfase sintonizada na discussão das relações étnico-raciais. Desta comunicação pública, destaco os seguintes pontos:

[...] É de urgência acionarmos nossas práticas e reflexões contra os posicionamentos reacionários e anticientíficos que estão atingindo praticamente todas as linhas de trabalho, de ensino, pesquisa e extensão públicos do Brasil. Somando-se aos recentes problemas causados pelo Covid-19, precisamos estar atentos e combatermos os atos genocidas contra a população brasileira, em especial dos povos indígenas, negros e imigrantes. Os problemas sociais que afetam as diferentes maneiras e épocas sinalizam os estigmas deixados pelos abusos colonialistas ainda impregnados até hoje nas bases estruturais da sociedade. Tais dificuldades atingem também na maneira como nos relacionamos com as músicas, tanto nas práticas quanto nas pesquisas. A situação epidêmica nos convoca a fortalecer nosso senso de responsabilidade por todo o legado investigativo produzido, incluindo as contribuições decolonialistas, de pesquisadoras e pesquisadores ainda invisíveis pela tradição ocidental. Por fim, devemos continuar aprimorando nossos trabalhos etnomusicológicos, lembrando sempre no crescimento ao acesso e permanência a todas e todos nos âmbitos da pesquisa, além de afirmarmos a escuta de milhares de vozes e saberes silenciados, no decorrer dos séculos. Para o momento pedimos, fiquem em casa com a ciência.

Mensagem de apoio à Marcha Virtual pela Ciência postada no Youtube³⁹, em 5 de maio de 2020.

Se antes da pandemia a minha preocupação já estava num plano elevado, quando fui convidado a expor essas inquietações no painel da ABET isto me levou a percorrer o rumo de uma produção acadêmica que não deveria se render a romantismos ou qualquer outro tipo de neutralidade, num contexto tão conturbado e tão fragilizado pela pandemia. Isso somado a todos os fatores desencadeantes de obstáculos para vencer o problema de saúde pública global onde nem todas as pessoas poderiam permanecer em suas casas em decorrência dos seus trabalhos para manter e garantir as condições básicas de vida (comprar alimentação, pagar contas, etc). Nesse sentido, me posicionar e me colocar na perspectiva de uma etnomusicologia engajada, me encaminhou para uma contínua reflexão/ação para o que estaria vindo para o meu trabalho de pesquisa na cidade de Bagé–RS, orientado pela percepção da afrodiáspora negra na região.

Assim sendo e partindo das minhas aproximações com experiências de dança e sonoridades da afrodiáspora negra em Bagé–RS, no contexto da pandemia, essa necessidade de discutir as relações étnico-raciais mostrava que a jornada não se

³⁹ O vídeo está disponível no canal da Associação Brasileira de Etnomusicologia, da plataforma YouTube, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=H5ur-v7mlel>

restringiria apenas ao que entendemos por música, mas me levaria a observar o movimento no contexto das artes, ao ampliar a discussão de temas a partir dos sons e corporeidades entre jovens negras/os.

O caráter multidisciplinar que a etnomusicologia predispõe a trabalhar me permitiu uma escuta de percursos graduais, como a pedagogia das encruzilhadas, de Luiz Rufino (2019) ao ampliar o senso de diferentes direções, oferecendo opções de caminhada, ou seja, perceber o acesso por diferentes vias que podem contribuir para o entendimento de temas complexos como o próprio entendimento de afrodiáspora negra sendo deslocada do continente africano para outras regiões das Américas e Caribe.

Além disso, ao realizar este trabalho de mestrado, percebo que ainda é necessário discutir no Rio Grande do Sul a demarcação dominante das narrativas brancas e europeias como sistema de hierarquia e fomentadora de assimetrias sociais, dentre as quais a problemática do racismo latente. A etnomusicologia contribui enfaticamente para fortalecer a visibilidade da história e protagonismo de povos originários indígenas, assim como negros e suas trajetórias tradicionais, todos importantes nos pilares das marcas sonoras rio-grandenses.⁴⁰

4.1 A etnomusicologia negra no meu percurso de estudos das relações étnico-raciais

O processo de estruturação de uma perspectiva da etnomusicologia atenta à produção intelectual negra teve um chamado inicial no IX Encontro da Associação Brasileira de Etnomusicologia, em 2019, por intermédio de um painel que reunia as pesquisas dos pós-graduandos em etnomusicologia do PPGMus/UFRGS, Pedro Fernando Acosta Rosa, Gabriela Nascimento Luz e Miriam de Oliveira. No escopo deste painel unia-se a etnomusicologia com temas centralizados nas experiências etnográficas em espaços de articulação sonora e musical da população negra rio-grandense.

Naquele momento do IX ENABET, pude ouvi-los nesta sessão temática perpassada pela discussão de uma etnomusicologia negra, propondo uma agenda de trabalho pautada na produção negra da etnomusicologia/musicologia, destacando as

⁴⁰ Seguindo o fio dessa trajetória reflexiva, destaco minha participação em diálogos virtuais da etnomusicologia na pandemia, em especial, um encontro com a mediação do Prof. Jacinto, no final de 2020. Link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gabvTa6fXCA>

intelectualidades negras da África, as quais tinham uma longa caminhada de produções acadêmicas na área, mas ainda necessitando de visibilidade e maior circulação no Brasil. Desde aquela sessão, fui tentando acompanhar este processo quando da minha entrada no mestrado. Durante a pandemia, ocorreram momentos em que estes chamados cruzaram-se com meu percurso no mestrado em etnomusicologia, construindo uma ponte com os meus interesses de pesquisa dentro e fora de Bagé–RS, sem me desconectar com a base de reflexão orientada pelas relações étnico-raciais.

Retomo um desses momentos do meu campo, o projeto “Semana da Consciência Negra: Histórias de Lutas e Resistências na Cidade de Bagé”, promovido pela Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros, num encontro remoto em 29 de junho de 2021, transmitido ao público interessado na página do Facebook do clube, quando pude dialogar como recente integrante do grupo da etnomusicologia negra. Nesse encontro virtual, com Pedro Acosta Rosa e Gabriela Nascimento Luz, trouxemos algumas considerações pautadas nas pesquisas etnomusicológicas em desenvolvimento no PPGMus/UFRGS, relacionando-as com intelectualidades negras da nossa área de pesquisa.

Esse foi mais um exercício de dialogicidade remota onde destacávamos a necessidade de produção acadêmica como caminho de transformação naquele momento da pandemia. Dessa troca de conversas com o público trago algumas das minhas considerações compartilhadas na transmissão atinente ao tema Música e Resistência, quando levantei algumas questões:

Por que resistimos pelos caminhos dos sons e da música?

Há diversos caminhos para a gente conduzir essa questão. Porém, precisamos ter por perto as percepções que nos guiam no nosso cotidiano. Por que há tantos desequilíbrios de caráter social? Por que os nossos artistas negras e negros precisam percorrer caminhos mais longos para alcançar alguns objetivos?

Fala no Projeto Semana da Consciência Negra Histórias de lutas e Resistências na cidade de Bagé–RS, promovida pela Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros. Encontro remoto, em 29 de junho de 2021.

Com estas questões expostas, me direcionei para um caminho de exemplificar algumas manifestações culturais da afrodiáspora negra, relacionando a ideia do associativismo negro, encontrado nas atividades carnavalescas de rua e clubes sociais, na capoeira, na cultura hip hop, nas danças contemporâneas, nas dinâmicas da espiritualidade do contexto gospel e nos terreiros. Alguns desses percursos eram

conhecidos por mim tendo em vista as interações acionadas pela militância negra e pela perspectiva etnomusicológica como educador musical, com olhar e escutas atentas às resistências negras. No decorrer da transmissão, destaquei a urgência em cessar os ataques às pessoas negras inseridas em trabalhos e experiências sonoras. Esse senso de continuar as lutas ancestrais negras até os dias atuais compôs uma ponte de valorização dessas práticas afrodiáspóricas negras com a própria força do clube Os Zíngaros por ser, dentre outros clubes negros que Bagé–RS, teve, o que ainda seguia em constante atividade no contexto da pandemia.

Minha fala vai ao encontro de uma busca de olharmos e escutarmos as histórias que tomam o clube Os Zíngaros, tão forte e importante para nossa região, por exemplo, com os grupos carnavalescos, de pagode, de samba. Realocarmos os nossos entendimentos dos sons que percorrem diariamente as escutas das juventudes negras (a cultura Hip Hop Funk)[...], da capoeira que estão nas nossas escolas, bairros, diálogos virtuais [...]

Resistir é nos apropriarmos das leis que nos amparam para as perspectivas sonoras e musicais – como a Lei no 11.645, de 10 de março de 2008 que prevê a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Fala no Projeto Semana da Consciência Negra Histórias de lutas e Resistências na cidade de Bagé–RS, promovida pela Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros. Encontro remoto, em 29 de junho de 2021.

Somando essas manifestações presentes em Bagé–RS, salientei os caminhos da cidade de fronteira, que se comunica com experiências performáticas e com ações didáticas do candombe afro-uruguaio, como potências para uma educação sonora a partir das relações étnico-raciais, ou seja, a necessidade de potencializar o nossos “barulhos” que vão ao encontro da consciência, solidariedade, dignidade e oposição a todas as formas de violências que a população negra sofre.

Resistir é olharmos para todos esses aspectos que estão ressoando em diversos lugares de nossa cidade. Perceber as colaborações e parcerias como as ocorridas com os irmãos uruguaios através do candombe de fronteira E finalizando esse momento de hoje, resistência negra é potencializar os nossos “barulhos” de consciência, de busca de solidariedade, dignidade de oposição ao racismo, machismo e homofobia, discriminação religiosa

É luta diária!

Fala no Projeto Semana da Consciência Negra Histórias de lutas e Resistências na cidade de Bagé–RS, promovida pela Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros. Encontro remoto, em 29 de junho de 2021.

Tal encontro amplificava as inquietações na iniciação do trabalho de campo que estavam sendo produzidas na minha inserção recente no grupo de dança e que também permitia oxigenar ideias, pois eu pressentia que as dificuldades ainda perdurariam por um bom tempo, mesmo passada a pandemia. Entretanto, foram

essas ações que permitiram me manter firme e sintonizado com as convicções expressas neste trabalho de dissertação.

O outro momento que destaco ainda no decorrer da pandemia, mas agora no contexto das vias conturbadas nas disputas eleitorais à presidência do Brasil, em 2022. A agenda da etnomusicologia negra, conectada no programa da diretoria da Associação Brasileira de Etnomusicologia na gestão da época, promoveu o I Encontro Nacional dos Povos Originários e Negros - I ENAPON em Porto Alegre. Nesse momento também fui convocado a acompanhar esse processo in loco e tentei extrair desta participação, ideias que pudessem me fortalecer depois de tantas dificuldades de continuar o trabalho durante a pandemia e aqui destaco algumas das estruturas do que foi apresentado nesse evento em 2022.

A Etnomusicologia Negra como base epistemológica do projeto do ENAPON, desdobrou-se em debates sobre os rumos das relações étnico-raciais, destacando as sérias consequências que estavam atingindo os povos originários e também a população negra em situações de vulnerabilidade. O engajamento alcançado naquele momento representou um manifesto vivo de resistência, tanto na dimensão de dar atenção ao enfraquecimento das políticas públicas na cultura e educação, quanto reforçar os impactos da pandemia no adoecimento e dificuldades de acesso à saúde das pessoas situadas nesses territórios quilombolas e indígenas.



Imagem 30: Lideranças Negras e Indígenas na roda de conversas do Encontro de Saberes durante o I ENAPON

Essa caminhada, na qual criamos pontes entre as diversas lideranças indígenas, quilombolas e de associações de bairros populares presentes nesse evento, tiveram o impulso das concepções da etnomusicologia trazidas pelo professor ganense Kwasi Ampene, possibilitando uma jornada de deslocamentos e de encontros entre espaços internos e externos à academia.

Tratando aqui principalmente do que a gente já vinha conversando antes e no decorrer da pandemia, as relações raciais nas universidades, partindo da perspectiva etnomusicológica relacionada ao projeto do “Encontro de Saberes” (CARVALHO et al. 2016) estabelecido na UFRGS desde 2016, foram fundamentais na inserção das rodas de conversa para reafirmarmos os compromissos firmados e pensarmos o futuro das relações étnico-raciais posteriores ao que chamamos de “novo normal” pós-pandemia.

Quando aciono a Lei nº. 11.645/08, que ampara as discussões de história e cultura afro-brasileira e indígena, dentro e para além dos espaços escolares, relaciono-a com a prática no cotidiano das pessoas para podermos pensar uma educação antirracista mais fluida, após também esses contextos de violência que emergiram na pandemia. E, principalmente, no que se entende das vertentes mais perigosas, vamos assim dizer, que atacam e exterminam as potencialidades das minorias, sendo também relações de interseccionalidade para se pensar outras repercussões.

Esta relação da etnomusicologia negra, amplificando a discussão das relações étnico-raciais a partir das produções trazidas pelas intelectualidades negras locais do Rio Grande do Sul, destaco o trabalho da professora Petronilha Beatriz Silva (2007), do professor César Jacinto (2019) e do professor Tiago Rosa da Silva (2018), representando uma fonte direta com o trabalho na educação e na história. Essas trajetórias ecoam na produção da etnomusicologia de pós-graduandos negras e negros fomentada no PPGMUS/UFRGS com os trabalhos de Gabriela Nascimento Luz (2020), Pedro Acosta Rosa (2020) e Miriam de Oliveira (2018), nas discussões de sonoridades e resistências em múltiplos espaços de negritude.

A dimensão de um trabalho musical orientado por uma luta antirracista encontra diálogo com as reflexões coletivas afrodiaspóricas organizadas pela Eurides Santos⁴¹

⁴¹ Etnomusicóloga negra, professora Dr^a. Titular da Universidade Federal da Paraíba — UFPB. Foi presidente da Associação Brasileira de Etnomusicologia — ABET (2011–2013). No período de 2019 a 2021 coordenou o Programa de Pós-Graduação em Música da UFPB. É coordenadora do Coletivo

e professores Marcos Santos e Luan Sodré (2022). Da mesma forma vale destacar o percurso pioneiro da professora Maria Andrea dos Santos Soares no GEM/UFRGS, com estudo antropológico de performances da cultura hip hop (2007), os quais vêm orientando-se cada vez mais para um trabalho engajado na luta antirracista, assim como as dimensões geracionais e de gênero numa perspectiva sócio-política das práticas do hip hop são percebidas nos estudos de NORBERTO (2020) e ROSE (2021). Essas são algumas das vozes que apontam um caminho para fomentar e estimular a chegada e formação continuada de novos intelectuais negros/negras na etnomusicologia nas universidades públicas.



Imagem 31: Roda de conversa na Associação Cultural do Campo da Tuca com Prof. Kwasi Ampene e lideranças locais — ENAPOM/ Porto Alegre. Aproximações e continuidades dos debates em territórios de camada popular — Idem.

4.2 Sonoridades em campo: aprendizagens para as relações étnico-raciais

Após situarmos a etnomusicologia negra na trajetória de debates conectados com as relações étnico-raciais e propondo ações formativas nessa direção, alinho o assunto com a construção dos caminhos trilhados no decorrer da minha pesquisa e que me ajudaram a construir novas perspectivas reflexivas a partir das observações em campo.

Mwanamuziki - Coletivo de Pessoas Negras Pesquisadoras em Música, no qual apresentou o "MANIFESTO DAS PESSOAS NEGRAS CONTRA O RACISMO NOS CURSOS DE MÚSICA", disponível para leitura e divulgação em: <https://www.coletivomwanamuziki.com/> . Acesso em: 27 set. 2024.

A percepção das potencialidades conectadas na criação das coreografias das danças urbanas me levaram ao convívio coletivo em campo direcionado a entender os processos antecedentes às apresentações preparadas por meus colaboradoras/es. Observei que desde a marcação de movimentos, figurino, posição no palco entre dançarinas/os experientes com os iniciantes, etc., tudo isso era pensando com as marcas sonoras já gravadas e selecionadas como samples de artistas diferentes da cultura hip hop norte-americana, conectados em uma trilha musical de cerca 2 a 3 minutos.

Criava-se assim uma narrativa de sons com ritmos e expressividade personalizada em nosso grupo. E ao chegar nessas coreografias de danças urbanas apresentadas no Sarau Afro em alusão à “Semana da Consciência Negra”, do Clube Os Zíngaros, em 2021 e no “18º Dança Bagé”, em 2022, destaco que as expressões, pensando na completude dos exercícios, passam por processos anteriores nos ensaios, onde a relação corporal e sonora são de simultaneidades. Contudo, naquele momento essa carga de conexões exigia muita atenção, porque não era apenas o aprendizado coreográfico em jogo, mas a consciência da saúde física e mental estar ao máximo em plena pandemia. Havia ainda neste processo de bastidores, a arrecadação de valores para inscrições, compra de materiais, ou seja, os bastidores da sustentação destas práticas estavam sempre presentes nos eventos, como nos ensina Seeger (2008). Dessas expressões performatizadas pelas/os colaboradoras/es, o Prof. Laka mencionou, em um dos ensaios de 2021, que o caminho dos ensaios estavam diretamente associados a uma “consciência muscular”, contrapondo-se ao que costuma ser colocado como memória muscular. Essa concepção de consciência associada ao corpo trazia uma relação menos automatizada das práticas de dança e potencializava os diálogos entre sons e dança.



Imagem 32: Coreografias em cena no “18º Dança Bagé”



Imagem 33: Coreografias em cena no “18º Dança Bagé”



Imagem 34: Coreografias em cena no “18º Dança Bagé”

Vale destacar também o componente das expressões vocais dos MCs, a exemplo do que pude acompanhar na sessão solene de outorga da Comenda Oliveira Silveira, na Câmara de Vereadores de Bagé–RS. Percebi nas performances do hip-hop daquela sessão histórica, que elas assumiram a posicionalidade de ir além da estética e puderam registrar, através das rimas criadas em condições adversas de recursos tecnológicos, a presença e permanência afirmativa das juventudes negras na exposição de ideias e abertura de espaço para novas propostas políticas. Da mesma forma, neste mesmo evento, os tambores e as danças do candombe afro-uruguaio e de fronteira, quebraram barreiras através da experiência da afrodíaspóra negra, num espaço que é público, mas que até então não se abria para dar visibilidade dessas vivências negras na cidade de Bagé–RS, o que foi feito apesar do contexto de pandemia.

Ao centralizarmos nossa pesquisa na presença de jovens negros e negras trabalhando em processos artísticos, e tiveram anteriormente acesso a projetos como o Mais Educação na educação básica através do circo, danças, músicas e teatro, esses processos me auxiliaram a pensar a busca e continuidade de experiências culturais e performáticas a partir dos seus encontros com marcas da afrodíaspóra negra em Bagé–RS.



Imagem 35: Grupo *Grillos Candomberos* na Câmara de Vereadores de Bagé-RS

Dos percursos afro-uruguayos da região de fronteira do Rio Grande do Sul podemos pensar como é possível trabalhar história, relações entre a própria vinda dessas experiências e dessas potencialidades da África Negra para a América Latina e que essas conexões afiliam-se com as que foram construídas no Brasil. E aí, nesse sentido, além do candombe, também dá para se pensar as experiências da capoeira que estabelecem esse processo também de musicalidade afro-brasileira e o candombe como musicalidade afro-uruguaia, mas pelas linhas da afrodiáspora negra sendo cruzadas de diferentes formas, que propõem uma chegada, uma aproximação em que não há sobreposições, mas sim uma busca por um diálogo dos diferentes caminhos que a África fez ao chegar na América Latina e Caribe, e em específico aqui no Brasil na região de fronteira com o Uruguai

O ponto principal da discussão trazido nesta seção é no sentido do que já vinha sendo tratado no capítulo anterior. As experiências da afrodíaspóra negra com as juventudes negras locais expressam suas potencialidades e aproximam-se nos processos de ensino dessas práticas. Nota-se uma mudança geracional tanto no sentido destes jovens passarem a ensinar, quanto também a chegada de outras gerações para aprender com essas juventudes negras. Nesse ponto destaco a minha experiência na pandemia com a capoeira, onde as instruções eram mediadas por jovens negras/os capoeiristas mais novos do que eu. Da mesma forma ocorreu, com mais intensidade, no contexto das danças urbanas.

4.3 Risos, gritos, sons e corporeidades da afrodíaspóra negra como educação sonora antirracista

Neste ponto cabe destacar algumas linhas possíveis para desenvolver o que estou propondo como educação sonora antirracista, a partir principalmente do que pude experienciar em campo durante a Sarau Afro, em 2021, no Clube Os Zíngaros. A relação das performances com a resposta do público após as apresentações nos mostrou as afecções da audiência jovem de negros e negras para com aqueles temas. Em suas conversas eles nos instigavam a propor e acolher novas formas de mesclar aprendizagens das danças urbanas com temas do ativismo negro. Ressalto as pessoas que, em ponto especial, eram jovens negros, eram jovens também, mas principalmente nesse contexto de jovens negras/os.

Como já havia sido mencionado por um dos colaboradores no capítulo 3, o Lucas Barreto, existia a possibilidade das danças urbanas, que estão vinculadas ao hip hop, terem a mesma projeção que as demais modalidades de dança e ainda buscarem um espaço de igualdade. Nessa observação, vinda deste jovem negro, percebemos que a luta antirracista, bem como a valorização das experiências da afrodíaspóra que estão colocadas também nas danças, se situa nessa dimensão de quebra de barreiras e pode projetar e empoderar, além das danças, as juventudes negras que fazem estas performances. Da mesma forma em que os demarcadores identitários das lutas LGBTQIAPN+ são evocados, as colaboradoras Luise Zavarise e Ana Carolina Domingues levantaram a discussão das suas posicionalidades em espaços artísticos e institucionais para pensar como ainda as estruturas de interação social, são inflexíveis e discriminatórias com os temas das relações de gênero, quanto

ainda precisam utilizar-se de estratégias de discrição para circular em espaços públicos e institucionais permeadas pela lógica heteronormativa.

Indo pelas minhas experiências em grupo, ressalto os risos, gritos participativos do público nas performances negras programadas durante a Semana da Consciência Negra, os quais também estavam presentes nas experiências das apresentações em festivais, como o 18º Dança Bagé e no 20º Dançando na Fronteira da Paz – Livramento/Rivera. Nos registros de vídeo dessas apresentações, evidenciou-se muito isso. E na própria experiência de ter participado do festival, senti também essa energia, tanto daquilo que a gente expressa, que se relaciona com as expressões performatizadas da afrodíaspóra, quanto pelo retorno que o público trazia ao sentir as nossas expressividades em palco.

Passando agora para a cena do rap local, pude observar virtualmente, a partir do perfil da Aliança Cultural Pelo Hip Hop, a divulgação de outras vozes que estavam presentes em um evento na COHAB do bairro São Jorge, um dos bairros populares de Bagé-RS. Nesse contexto, me chamou atenção a performance da rapper negra Natieli Guedes da Luz (DahGuede's), 22 anos, residente no bairro Ivo Ferronato, que dialoga em muitos sentidos com o rap nacional. Ela deixou explícita sua mensagem política de protesto, enquanto o público presente amplificava com energia os discursos e as convicções políticas da jovem artista negra⁴².

Conforme os entendimentos da etnomusicologia engajada, ela auxilia na possibilidade de se criar estratégias de ação coordenada com suas/seus colaboradoras/es por uma perspectiva freireana de autonomia, diálogo e práxis coletiva (CAMBRIA, et al, 2016), oferece transformações pelo interesse em construir e participar de projetos sociais e de políticas públicas de produção artística cultural em seus territórios de atuação. Correspondendo essas formas de impulso de ações a partir do conhecimento de editais e de ações sociais, penso que as perspectivas do movimento negro educador, trazido por Nilma Gomes (2017), chama atenção ao destacar que:

A partir do terceiro milênio a luta do Movimento Negro adquire um outro tipo de visibilidade nacional e política e apresenta uma mudança de sua relação com a sociedade: a efetiva passagem da fase da denúncia para o momento de cobrança, intervenção no estado e construção de políticas públicas de igualdade racial. (GOMES, 2008, p.50).

⁴² Uma das performances da rapper num bairro popular de Bagé-RS pode ser assistida no link: <https://drive.google.com/file/d/1jcUfcS7dlurXsUQwsOZaDrS5SLgtgUZD/view?usp=sharing>.

Na sequência desse debate, a autora explica como o Movimento Negro Educador se insere em diferentes camadas institucionais, para que o fluxo das reivindicações sejam de fato atendidas e continuadas quando:

Nesse novo processo, o movimento se destaca pela sua atuação na esfera jurídica, política, social e econômica, via a cobrança de garantia de oportunidades iguais e do direito à educação, assim como na esfera acadêmica, via demanda pela implementação das políticas de ações afirmativas; notadamente na questão das cotas raciais (democratização do acesso e garantia da permanência). (GOMES, 2017, p.50).

São nesses aspectos de colaboração que, através do conhecimento da etnomusicologia e da importância do tema das relações étnico-raciais, que me coloco à disposição como agente fomentador de possibilidades criativas em projetos sociais, pelos quais as juventudes negras possam desenvolver ações de produção de conhecimento, pela via de uma educação antirracista, a partir das suas experiências performáticas sonoras e musicais e demais manifestações culturais em espaços escolares, associações de bairros e espaços públicos.

Considerações finais

Após ter apresentado esses percursos vivenciados com as juventudes negras de Bagé–RS, encaminho algumas reflexões possíveis para fechamento deste trabalho de pesquisa em etnomusicologia. Posso dizer assim que o processo de memórias das trajetórias pregressas familiares e da minha trajetória de vida com as sonoridades, amplificaram, durante a pandemia, o senso de valorização das trajetórias das negritudes onde não há registros sistematizados dessas experiências, sejam elas sonoras, corpóreas ou musicais enfim, das sociabilidades, existências e resistências negras. E isso me levou a conduzir, desde o primeiro capítulo, uma perspectiva em que relações étnico-raciais fossem ao encontro dessa valorização de trajetórias por meio da minha entrada em campo com as juventudes negras, compartilhando saberes e vivências que fui destacando nos capítulos seguintes.

Essas interações me permitiram perceber as potências e limitações presentes no decorrer da construção da pesquisa, observando o encontro e retomada de redes de atuação das juventudes negras e pessoas envolvidas nos diversos círculos de atividades e locais de associativismo negro em Bagé–RS. As dicotomias de avanços e dificuldades me orientaram para um esforço de desenvolvimento de outras estratégias de aproximação para trilhar os caminhos de continuidade dos trabalhos e dos cuidados de saúde coletiva que foram necessários entre 2020 e 2022. As redes sociais, por meio de aplicativos, tornaram-se obrigatórias no percurso de manter os canais de diálogo, assim como acessar a localização de fontes e referências locais.

No que se refere ao trabalho de campo, colocando em prática as abordagens etnográficas no contexto da pandemia, pude perceber como as diferentes formas de expressão, estratégias identitárias e posicionalidades políticas das/os colaboradoras/es possibilitaram a continuidade de redes de ações durante a pandemia. Isso vinha sendo construído, conforme os interesses artísticos das/os colaboradoras/es mantinham um fluxo de projeção pelas redes sociais, como ocorreu nas transmissões online e em trechos de vídeos com suas performances à medida que iam sendo postadas e sinalizadas por likes e/ou comentários de pessoas seguidoras dessas postagens. Ainda neste sentido, destaquei as conexões entre ensino, aprendizagem e redes comunitárias conduzidas pelas juventudes negras, através das tecnologias de informação e comunicação entre a associação de smartphones, seus aplicativos em funcionamento e acesso à internet. Pude observar que a possibilidade

de lazer e posicionalidades apresentaram situações de simultaneidade entre performances artísticas vocalizadas em rodas de conversas, ou sonorizadas em gritos em protestos.

Além disso, os percursos de interação com as/os colaboradoras/es, por onde eu me tornei aprendiz de danças urbanas e experiências da afrodíaspóra, caracterizou a quebra do padrão do modelo de pesquisador que observa intensamente, mas segue distanciado, tornando-se um integrante que dialoga das decisões em grupo por meio das performances em eventos locais presenciais e/ou virtuais, num fluxo de perspectivas de diálogos horizontalizados.

Os estranhamentos que ainda tenho com Bagé–RS, não impediram ou fizeram eu recuar das minhas reflexões, ações e encontro com as redes de engajamento preocupadas com as questões sociais, onde as relações étnico-raciais encontram um retorno compreensivo de escutas e diálogos. Ao contrário, isso tornou-se força para ampliar e entender as discussões com pessoas negras que discutiram as relações de gênero na pandemia, por exemplo, assim como situar essas discussões nos encontros em parceria com ativistas e intelectualidades negras chamando para contribuir para uma luta antirracista em Bagé–RS, e na região.

Por fim, essa experiência da pesquisa me permitiu manter contato continuado com grupos que fomentam práticas culturais para as juventudes negras relacionadas naquele momento da pandemia com a Aliança Cultural Pelo Hip Hop, pela voz de Zava e Kiim. Evidentemente esse processo foi construído por muitas trilhas e pontes, conexões e conversas que na presente pesquisa poderiam ter outros tipos de amplitudes. Contudo, espero que este trabalho contribua para instigar novas/os pesquisadoras/es negros da própria região, que poderão desenvolver discussões, aprofundamentos nos temas associados as relações étnicos-raciais e por uma educação sonora antirracista.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARZ, Gregory; COHEN, Judah M. (org.). **The culture of AIDS in Africa: hope and healing through music and the arts**. New York: Oxford University Press, 2011.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

CAMBRIA, Vincenzo; et al. Com as pessoas: reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira. In: LUHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (org.). **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 93-137.

CAMUS, Albert. **A Peste**. Editora Record. 2019.

CARVALHO, José Jorge de; et al. O encontro de saberes como uma contribuição à etnomusicologia e à educação musical. In: LUHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de (org.). **Etnomusicologia no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 199-236.

COHEN, Sara. Ethnography and popular music studies. **Popular Music**, v. 12, n. 2, p. 123-132, 1993.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=ucf>.

Acesso em: 27 set. 2024.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação & Sociedade, Campinas**, v. 37, n. 135, p. 407-423, 2016. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302016000200407&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 04 out. 2020.

ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma antropologia da cibercultura. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Joinville: Editora Letradágua, 2016. p. 20-45.

FANON, FRANTZ. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LUCAS, Maria Elizabeth (org.). **Mixagens em campo: etnomusicologia, performance e diversidade musical**. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

LUPTON, Deborah (org.). **Doing fieldwork in a pandemic**. 2020. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1cIGjGABB2h2qbduTgfqribHmog9B6P0NvMgVuiHZCl8/edit?ts=5e88ae0a#>. Acesso em: 14 abr. 2022.

LUZ, Gabriela Rodrigues do Nascimento. **“Música entre lágrimas”**: um estudo etnomusicológico sobre mulheres musicistas vítimas de violência doméstica. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

MILLER, Kiri. **Playing along: digital games, YouTube, and virtual performance**. New York: Oxford University Press, 2012.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. 2. ed. Brasília; Rio de Janeiro: Fundação Palmares; OR Editor Produtor, 2002.

NASCIMENTO, Beatriz. Negro e racismo. In: **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Kuanza, 2007. p. 30-45.

NORBERTO, Rafael Branquinho Abdala. **O "Rap AM" interseccionando gerações**: um estudo etnomusicológico sobre práticas político-musicais e as dinâmicas de periferia no circuito manauara. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2020.

ÖGÜT, Hikmet Evrim. **The Covid-19 pandemic and the future of ethnomusicology**. SEM Student News, 2020.

OLIVEIRA, Miriam de. **Black gospel**: um estudo etnomusicológico com o grupo Family Soul do Rio Grande do Sul. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

POLIVANOV, B. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos. Esferas, Brasília, Ano 2, n. 3, p. 61-71, 2013. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243>. Acesso em: 15 out. 2021.

RADANO, Ronald M.; BOHLMAN, Philip V. Music and race: its past, its presences. In: RADANO, Ronald M.; BOHLMAN, Philip V. (ed.). **Music and the racial imagination**. Chicago: The University of Chicago Press, 2000. p. 1-54.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. **Sopapo poético e etnomusicologia negra**: agência, performance, musicalidade e protagonismo negro em Porto Alegre. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

ROSE, Trícia. **Barulho de preto**: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos. São Paulo: Perspectiva, 2021.

RUFINO, Rufino. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SANTOS, Eurides, SANTOS, Marcos, SODRÉ, Luan (Orgs.). **Música e pensamento afrodiaspórico**. Salvador: 2022.

SANTOS, Luana Zambiazzi dos. **"Todos na produção"**: etnografia das narrativas sônicas e raps em espaços urbanos populares. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

SEEGER, A. **Etnografia da música**. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 17, p. 237-260, 2008.

SILVA, Cidinha da. **Tecnologias ancestrais de produção de infinitos**. Goiânia: Martelo, 2022.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, [S. l.], v. 30, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2745>. Acesso em: 24 jan. 2021.

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS, no pós-abolição**: imprensa, carnaval e clubes sociais negros na fronteira sul do Brasil – 1913-1980. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

SOARES, Maria Andrea dos Santos. **"Na base do muque da onda"**: estudo etnográfico de performances entre rappers da associação ALVO – Associação Cultural da Zona Norte de Porto Alegre. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SOARES, Maria Andrea dos Santos. 'Tá na base: etnografia das performances da fala e do gestual dos rappers da Alvo. In: LUCAS, Maria Elizabeth. (org.). **Mixagens em campo**: etnomusicologia, performance e diversidade cultural. Porto Alegre: Marcavisual, 2013. p. 143-170.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: Ou, as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. São Paulo: Graal, 1983.

TURKLE, Sherry. **The second self**. New York: Simon & Schuster, 1984.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto Arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

VILA, Pablo (org.). **Music and youth culture in Latin America**: identity construction processes from New York to Buenos Aires. Oxford: Oxford University Press, 2014.

WONG, Deborah. Moving: from performance to performative ethnography and back again. In: BARZ, Gregory; COOLEY, Timothy J. (org.). **Shadows in the field**: new perspectives for fieldwork in ethnomusicology. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2008. p. 76-89.